

para as
SOLTEIRAS,
com amor

(PORQUE TODO MUNDO JÁ FOI UM DIA)

JULIA FARIA



JULIA FARIA

para as
SOLTEIRAS,
com amor

(PORQUE TODO MUNDO JÁ FOI UM DIA)

pa
ra
le
la

a autora

AOS MEUS PAIS, **BETO E
MÔNICA**, QUE FIZERAM A
LOUCURA DE ME
CONVENCER DE QUE EU
ERA CAPAZ DE ESCREVER
UM LIVRO.

a autora

Sumário

1 É AOS POUCOS

2 NÃO É SONHO, É REALIDADE

3 A ARTE DO (PRIMEIRO) ENCONTRO

4 *TIMING IS A BITCH*

5 SE CONSELHO FOSSE BOM...

6 CINCO MESES DEPOIS

7 NÃO SABE BRINCAR, NÃO DESCE PARA O PLAY

8 ANO SABÁTICO

9 AMIZADE COLORIDA

10 O PODER DE UM LIKE

11 DESCONECTAR DELE PARA SE (RE)CONECTAR COM VOCÊ

12 DEDO PODRE

13 UM DOMINGO QUALQUER

14 CHÁ DE SUMIÇO

15 MANUAL DAS AMIGAS SOLTEIRAS

16 UM É POUCO, DOIS É MELHOR?

17 BOBEIRITE AGUDA

18 A ARTE DE CARNAVALIZAR SOLTEIRA

19 ENCONTROS E DESENCONTROS

20 ME PEDI EM NAMORO

21 UMA NOITE, DOIS FINAIS

lepos=0000169526>**22 COMO SERIA UM MUNDO SEM HOMENS?**

23 EXISTE VIDA DEPOIS DO PÉ NA BUNDA?

24 TAMPA DA PANELA

25 APLICATIVO DO AMOR

26 BOY DOS ANOS 90

27 IH, SOBREI!

28 SABE AQUELE FEELING?

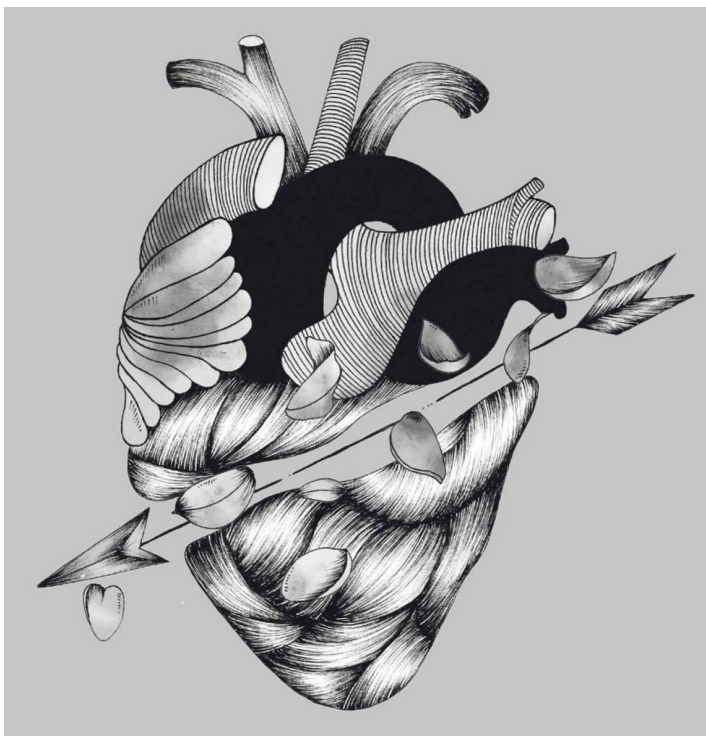
29 SILÊNCIO ENSURDECEDOR

30 CUIDADO: FRÁGIL

PARA JULIA, COM AMOR

AGRADECIMENTOS

a autora



a autora

≡ 1 ≡

a autora

é aos poucos

Impossível sair ilesa de um término. IMPOSSÍVEL. Você querendo. Ele querendo. Os dois querendo. É sempre muito difícil. Não tem como. E também não tem bula, regra, tipo vire à direita, depois à esquerda, depois à direita de novo, que vai fazer tudo ser mais fácil. Tipo atalho, sabe? Cure seu coração em 24 horas? Então, não tem.

Desconfio de quem termina uma história ontem e hoje já está feliz da vida. Eufórico. Acho que uma hora a conta chega. Sempre chega. Pensa comigo: você entrou numa relação, fez planos, sonhou, criou expectativas (por mais que saibamos que JAMAIS devemos criá-las, a gente SEMPRE teima), se entregou, abriu mão de um tanto de coisa, para dar em nada? ã-hã, amigas e amigos, às vezes é para dar em nada mesmo. Ou em tudo. Depende do ponto de vista e da qualidade do romance que você viveu.

Independentemente de quem tomou a decisão, quem arriscou fazer a curva, também tenho para mim que nada termina do dia para a noite. A coisa vai acabando. A vida vai dando sinais. O negócio é que às vezes a gente quer ver, às vezes não. Às vezes a gente insiste e quer pagar para ver até o limite. Às vezes — acho que com a idade, talvez — conseguimos pular fora com mais facilidade. Insistir menos. Não sei.

E aí, num dia qualquer, numa quarta-feira chuvosa ou ensolarada qualquer, tanto faz, que essas coisas não escolhem tempo nem espaço, alguma coisa acontece, ou absolutamente nada acontece, e seu par vira um desconhecido. Simples assim, sem aviso prévio. Sua relação acaba. E a vida tem que seguir.

Mas como é que faz? Ele era a pessoa que mais sabia dos meus planos, minha companhia nas festas de família, nas viagens, nos shows. Era meu ombro amigo, meu colo, meu parceiro de séries de TV. Fazia meu café da manhã todos os dias. Ele me dizia para não desistir, para acreditar. Dizia que eu era capaz, e eu acreditava. Ele me encorajava a me jogar. Dividia a cama comigo. Todos os dias, por vários e vários e vários dias. Ele dizia que me amava. Como é que faz?

Como é que se aprende a dormir sozinha de novo? A chegar sozinha na festa? A jantar com todos os casais de amigos desacompanhada? A arriscar e dar a cara para bater na vida sem ninguém do lado para dizer que vai dar tudo

certo no final? Como é que continua a prender o cabelo do jeito que ele gosta (ou gostava) sem uma sensação estranha de um tanto de memórias bagunçadas? Sem uma nostalgia e/ou melancolia, por menor que seja. Como é que usa a pulseira que ele te deu e você ama? Não usa? Aposenta? Esconde no fundo da gaveta?

Fica tudo meio confuso. Meio sem cor. E não importa quem foi que acabou, a quantidade de relacionamentos que você já tenha terminado ou quantas vezes passou por isso, essa confusão mental vai sempre fazer parte. Você não se livra dela adquirindo tempo e experiência, sinto dizer. Era o cara com que você falava 21 984 532 vezes por dia, e agora não fala mais. Tem uma passagem para ser feita aí, sabe? Tem que desconectar mesmo, cortar laços, e tudo isso vai ser sempre doloroso.

Essa confusão ou bagunça mental ou nostalgia ou até saudade (chame como achar melhor!) vai aparecer. Você vai terminar dez namoros, quinze casamentos, e no próximo ela vai estar lá. Serve para ajudar a desligar, acho. Desconectar da história antiga para voltar à folha em branco, sabe assim? Você vai ter que reaprender a quantidade de pó de café que vai na cafeteira pela manhã. Não tem jeito. Agora o café é para um, não mais para dois.

Aí aquela música vai tocar. A música que vocês ouviam juntos e cantavam juntos vai tocar. Você vai ligar o rádio do carro e ela vai estar tocando. Vai assistir ao Snap da amiga, e ela vai estar cantando. Vai arriscar sair para se distrair, e adivinha? A música vai tocar e vai te fazer lembrar. Isso vai se repetir algumas vezes, até você descobrir novas músicas. É isso. E essa parte pode ser muito dolorosa. Ou mágica — só depende de você.

Por isso que duvido daquela euforia precoce de que falava no começo deste texto. É coisa demais para (re)organizar. Uma vida inteira para (re)estruturar, (re)descobrir. Você gostava mesmo de tomar cerveja naquele boteco na esquina de casa a que ele amava ir? De viajar para aquela praia deserta e ficar sozinha horas e horas na areia esperando-o surfar? De ver filme de luta?

Quem é você agora? Agora é a hora de trazer de volta seus filmes iranianos a que ele jamais topou assistir. Ou sua série de menina. Dar play em *Girls* ou em *Sex and the City*. Sua taça de vinho no fim do dia que ele não acompanhava. E quem é que precisa de companhia para uma boa taça de vinho no fim do dia?

Comer um belo brigadeiro (ou qualquer outra coisa que a faça feliz). Informação importante: calorias pós-término jamais serão computadas. Se

joga no hambúrguer, no chocolate, no que quer que te faça um chamego, um dengo. Se dê esses presentes. É se juntar com as amigas. Falar sobre o assunto. Não falar sobre o assunto. Falar muito sobre o assunto. Falar até esgotar. Chorar. Rir. Chorar mais um pouco. Chorar até gastar tudo o que tem.

É ir acalmando e preparando o coração para um novo mundo. Uma nova você. Porque outra coisa maravilhosa é que a gente sempre sai outra de uma relação. Impossível sair a mesma. De algum jeito você cresceu, amadureceu, evoluiu, aprendeu. A gente sai sempre mais forte. Até quando tá doendo. Tá devastada. Ent quvastadaregue na dor. Até ali. É ali que a nossa fortaleza se constrói.

Já vivi lutos intermináveis no passado. Tive um que durou meses. Quem nunca? Tenho amigas que nunca. E admiro! (Apesar de também desconfiar, cá entre nós.) Eu não... Vivi a dor pesado. Era muito jovem e enfrentava aquilo de peito aberto, sozinha. Ah, se soubesse o bem que faz uma terapia. Tá aí um bom atalho: a análise. Ajuda muito a direcionar, mas os primeiros passos quem tem que dar é a gente mesmo. Tem jeito não.

Foram meses e meses assistindo à vida passar, entregue. E foi bom. Não me arrependo. Talvez se fizesse análise na época teria perdido dias e não meses, mas foram os meses que me transformaram em quem sou hoje. Fizeram parte da mulher forte que me tornei, que, mesmo na dor, não deixa mais um dia sequer passar. Não tenho mais esse tempo.

Lição boa que aprendi é que vai doer. Por mais grave (casamento, noivado, divisão de bens, traição, filhos) ou simples que seja a separação, nunca vai ser fácil — e ninguém disse que seria. Então deixe doer, mas não deixe de viver. Por maior ou menor que seja a sua dor, sinta. E caminhe. Escolha a dor — para entender, processar e se fortalecer —, porém deixe o sofrimento livre para poder ir embora aos poucos, do jeito que tiver que ser. Existe poesia em andar por aí esburacada por dentro mas com sorriso largo no rosto. É disso que estou falando.

a autora

DEIXE DOER,
mas.  de
viver

a autora

Parece papo, só que quando você entende isso fica tudo menos complicado. Caminhe por aí esburacada, mas caminhe. A melhor parte de terminar um namoro é que você não precisa de desculpa para fazer o que der na telha pelos próximos dias. Mesmo que seja fazer nada. Pipoca, edredom e filme em plena segunda-feira? Se joga! Tá liberada. Mas dê play no filme. Coma a pipoca. Encontre as amigas. Viva, mesmo esburacada. Vai tocando a vida, mesmo esburacada.

E aos poucos as coisas começam a se organizar. Aos poucos você já faz seu café com a medida certa para um sem pensar. Aos poucos a tal música toca, e quando vê está cantarolando no carro feliz, sem lembranças por trás. Aos poucos você vai tomando posse de você de novo. Aos poucos.

Outra coisa que funciona bem para mim nessas situações é olhar para a frente. Sempre. Não perder tempo olhando para trás, querendo saber do outro. De como vai a vida do outro, onde ele passou o Ano-Novo ou quais fotos postou. Não! Isso só prende você no passado, e o negócio aqui agora é futuro. Melhor: presente. Olhando para a frente e para o mundo de possibilidades que vai se abrir para você por aí, assim que tiver preparada. A vida vai surpreender você dobrando a esquina, pode apostar. Mas tem que sair de casa para isso acontecer.

Entenda a mágica da folha em branco. Se aproprie dela. Comece de novo. Recomece. Terminar alguma coisa implica começar outra. Olha só que coisa maravilhosa! O papo de recalcular a rota. Olhar para dentro e checar o destino final. Para onde você quer ir agora? Quais os planos? Sonhos? Você está na rota que escolheu viver? Agora, mais do que nunca, só depende de você.

a autora

≡2≡

a autora

Não é sonho, é realidade

Em tempos de mídia social, quando a vida passa por uma peneira e só os momentosculi lindos e maravilhosos são postados, perdemos um monte de informação do tipo “quem avisa amigo é” que poderia fazer nossas relações serem poupadas de um tanto de frustração. Mas, olha, um taaaaaaanto.

Ele te manda flores lindas e você logo faz uma bela foto para gritar para o mundo o namorado romântico que tem. Mas aposto que, quando ele não corresponde a essa ou àquela expectativa (e isso é uma constante para os loucos que resolvem se aventurar em um relacionamento a dois), não vemos ninguém postando para contar.

As pessoas dividem os louros, as alegrias, os bons momentos, o brilho nos olhos do casal apaixonado. Já as divergências, os ajustes (e como tem que ajustar quando se começa uma história nova...), as decepções e as lágrimas (impossível passar sem uma ou outra) a gente não vê muito o povo dividindo.

Sentei para escrever este texto no dia em que terminei minha última relação. Irônico, né? O final do texto original era feliz. Esperançoso. Mal sabia eu que minutos depois eu ia colocar um fim na minha história de amor. Última até aqui, até este livro, assim espero. Depois dele estarei (ainda mais) pronta para quem sabe esbarrar com meu par por aí.

E do mesmo jeito que, sem ensaios, coloquei um fim no relacionamento que eu vivia, também resolvi botar um fim no texto que estava escrevendo. E reescrevê-lo a partir da minha nova perspectiva, já de posse novamente da minha situação de solteira.

Fiquei solteira muito tempo. Desaprendi. Não lembrava que relacionamento dava tanto trabalho. Esqueci que, além da parte linda-maravilhosa (que tem sempre que ser maior que a ruim), tinha também um pacote de problemas e situações para lidar. De fora tudo é muito bom, tudo vai muito bem. Mas se aproxima um pouquinho mais que você vai ver...

— Vamos trocar as cortinas?

— Ano de crise, Flávia, temos que economizar.

Duas semanas depois:

— Que moto é aquela na garagem, Pedro?

— Resolvi me dar de Natal, linda! A gente trabalha tanto para isso, né?

Eu sempre fui genuinamente feliz solteira. A vida me parece (bem) mais fácil quando minhas expectativas são todas em cima de mim, ou seja, sem ninguém mais para me frustrar. Sem depender de ninguém para nada. Para viajar, decidir onde morar, sair para jantar, escolher que filme ver, quanto dinheiro gastar ou não nisso ou naquilo. Quando só as minhas prioridades que contam. Não parece muito mais fácil? Então...

Aí você namora e suas prioridades geralmente batem todas de frente com as da pessoa com que você escolheu dividir a vida. Sorte quando elas se encontram, quando andam de mãos dadas. Mas algumas vezes (várias delas) são distintas. Opostas. Agendas diferentes, países diferentes, línguas diferentes, religião, cultura. É diferença que não acaba mais. Aí, meu bem, é escolher estar junto a cada dia.

E tudo bem também. Nenhum drama nisso. Quer dizer, vira e mexe tem algum drama, porém nada que mate. Nada que a gente não seja forte para enfrentar. Mas cadê que alguém me preparou para isso? Cadê que veio alguém avisar que namorar não ia ser a solução de todos os seus problemas? Que namorar talvez trouxesse ainda mais alguns para a conta? Pois é, ninguém vem avisar.

Você começa a namorar e só recebe “parabéns”, “que legal”, “que delícia”, “que sonho”. ã-hã, estava feliz da vida. Mas namorar não param ar não sonho, é realidade. O.k., vai, nos primeiros meses talvez você até tenha essa sensação de estar no mundo maravilhoso do casal perfeito. Então já adianto: começou a namorar agora? Recém-apaixonada? Aproveite! Porque a mágica do começo possui tempo determinado e também não tem nada de errado nisso.

Pensando bem, uma amiga tentou me alertar (acho que foi a única). Estava bem no comecinho, vivendo o tal do sonho (pouco antes de chegar na realidade), e dividi meia dúzia de romantismos do começo da nossa história. Ela, no sexto ano de uma relação, disse: “Aproveita, amiga! Que eu nem sei mais o que é isso”. Não dei bola.

O negócio é que mesmo que a gente encontre um parceiro incrível, um grande amor, ele é um ser humano. E ô coisa difícil que é lidar com ser

humano. Ser humano com ser humano, então, cada um com seus sonhos, vontades, gostos, costumes e por aí vai. Tipo seu colar preferido que você acha perdido na gaveta todo enrolado. Já aconteceu com você? De achar que perdeu, nem lembrava mais que ele existia. Uma correntinha ou joia que você AMA e, de repente, acha lá, toda cagada-enrolada. Mas é sua. Ainda é sua. Ufa.

E leva hoooooooooras para tirar aquele nó todo. Deus, alguns nós em correntes parecem impossíveis. Dias. Horas dedicadas. E aí vamos criando estratégias: agulha, pinça, esfregar entre os dedos (sempre dá certo comigo!), segura um lado com a boca e outro fica solto. E vai desembolando, desenrolando, até ter a corrente inteira de volta para pendurar no pescoço. E por aí.

Um tanto de nó a desenrolar para, no final, se enrolar e enroscar as pernas debaixo da coberta no fim do dia. Enquanto for bom. Enquanto tiver fazendo sentido para você. Para vocês. Casamento é para os fortes. Por isso que a gente paquera primeiro. Fica depois. Fica de novo. Decide ficar de vez. Namora. Mora. Ou não mora. Ou casa. Ou fica noivo primeiro.

Penso que é por isso que a vida põe tantos passos e degraus para a gente subir. E pensar e ponderar e escolher. Escolher, escolher e escolher. Escolher o cara, o cara te escolher, os dois escolherem a vida juntos. Mas escolher sempre pela gente primeiro — a gente, antes de qualquer coisa. Torcendo para que ele faça parte da próxima curva, que ele atravesse para o mesmo lado que você.

E, se não for ele, isso a gente não controla. No meu caso, não era ele, e tá tudo certo. Eu pensava em terminar e (outra) amiga com colo confortável me disse: “Qual é a angústia? Terminar uma relação que não tá boa? Sério? Se não for ele, foda-se!”. Aquilo foi libertador.

a autora

a vida
ME PARECE BEM
mais fácil quando minhas
expectativas
SÃO TODAS em
CIMA DE mim

a autora

Minha vez, e eu digo: se não for ele, foda-se! Tem um mundão inteiro te esperando lá fora, pronto para te confortar e te encher de novas opções, sensações, soluções... Não vai ser fácil. Jamais seria. Escolher terminar uma relação também é para os fortes, em qualquer circunstância. Até quando você está muito certa disso. Mas quer saber? Foda-se. Do chão a gente não passa.

E agora estou aqui, recém-solteira novamente, no conforto do meu caos, escrevendo sobre a corajosa e feliz decisão que tomei de voltar a ser dona de mim. Mais forte, mais madura, com mais história para contar. E pronta para as mais tantas que ainda terei para viver. Sozinha ou acompanhada.

a autora

≡ 3 ≡

a autora

A ARTE DO (PRIMEIRO) ENCONTRO

Sou uma mulher difícil de se chegar. Só trabalho com caras com referência, tipo amigo do amigo, primo da amiga, irmão do namorado da amiga... Não consigo nem começar uma conversa com alguém de quem eu não tenha absolutamente nenhuma referência. Nenhum amigo em comum. Tenho disso, então acaba que vivo poucos porém bons encontros.

Estou falando de encontro de verdade. Primeiro encontro, o clássico. Entre duas pessoas que estão realmente dispostas a se conhecer. Que ele (ou ela) fez o convite e ela (ou ele) aceitou. Nada mais tenso e delicioso que um primeiro encontro: duas pessoas abertas e interessadas uma na outra.

O amigo apresenta. Vocês trocam olhares. Riem juntos. Ele a deixa confortável. Você curte estar perto dele. Ele pede seu telefone. Escreve no dia seguinte. Chama para sair. Seu coração dispara. Sorriso solto, largo. Você fica vermelha, quente por dentro. Responde a mensagem. Você topa jantar, e dois dias depois, às nove em ponto, ele te escreve:

“Pode descer, cheguei!”

Um rápido minuto de lucidez antes do terremoto: roupa? O.k. Perfume? O.k. Carteira? O.k. Chiclete? O.k. É, está tudo o.k. Você chama o elevador. Bêncão, mãe. Fui. E os segundos infinitos do portão do prédio até o carro? Cabeça a mil, muita informação: “como vai ser o oi, para onde ele vai me levar, será que a gente vai ter assunto?”, e por aí vai.

Tenho sorte que sou boa de papo. Assunto nunca foi problema para mim, mas tive um ou outro cara pelo caminho com quem era difícil conversar. Difícil conversar sozinho, né? Não aguentei, pulei fora. Nada me dá mais nervoso do que casal que não conversa. Reparo direto em casais dividindo mesa em restaurante sem trocar uma palavra. Como assim, minha gente? É isso mesmo? Pessoas casadas, aliança no dedo, e sem assunto? Jamais saberia lidar.

Por isso acho que a primeira dica é pular o cinema ou o teatro no primeiro encontro. Você está ali para conhecer aquela pessoa, saber com quem está lidando. Descobrir coisas em comum, outras nem tanto. Se encantar. Se deixar ser conquistada. Conquistar. Deixar que ele te corteje. Puxar a cadeira. Escolher o vinho. Você escolhe a sobremesa. Tãããã bom.

E, ao mesmo tempo, esteja sempre preparada para que nada disso aconteça. O famoso exercício de zerar as expectativas. Já tive um primeiro encontro m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-o comendo um hot dog sentada no meio-fio. Ele é meu amigo querido até hoje e virou história para contar.

E sabe o que aprendi? É muito mais fácil do que a gente pensa, muito mais simples. Não tem regra. Tem é que construir cumplicidade, olhar no olho, trazer a pessoa para perto de você. Não deixar o silêncio incomodar. Falar. E ouvir. Saber ouvir é outra dica valiosíssima. Prestar atenção na outra pessoa. Tirar o peso da falta de intimidade e ir construindo-a aos poucos. Com doçura.

Uma taça de vinho é fundamental. Duas. Talvez três, no meu caso. Vinho, cerveja ou um drinque qualquer que você curta e esteja acostumada a beber, por favor. Nada fora do comum. A ideia é manter o controle da situação. Deixar o sorriso mais frouxo, mas sem perder o mistério.

É quebrar o clima, enfrentar a timidez. Escolher bem os assuntos, jamais falar de ex, se mostrar curiosa, perguntar. Abrir espaço para que ele também pergunte. E aí o terreno vai ficando pronto. Você já ouviu, já falou, o pior já passou. Já estão rindo juntos, já sabem je , já sum pouco mais um do outro e, três drinques depois, ufa. Aí é esperar a hora chegar. E que delícia que é quando chega.

Já tive a iniciativa do primeiro beijo com um cara que foi meu namorado por três anos. Sabia que tudo conspirava a favor, sentia que era a hora. Quando a sintonia existe não tem muito como errar, é se entregar para a melhor parte do jogo. O doce no final, sabe? Fechar os olhos e ir. Se ele te convidar para estender o programa depois do restaurante e você tiver a fim, por que não?

Somos donas das nossas vontades e escolhas. Não estou falando para você ir para casa com um cara que mal conhece, mas, se estiver segura e for fazer sexo seguro (por favor, né?), por que não? Se rolar, tudo bem. E, se não rolar, tudo bem também.

A grande sacada é você estar sendo honesta com as suas vontades. Todas elas. Fiel mesmo, parceira de você mesma. Porque a onda é a gente se agradar. Agradar o outro é consequência. E, quando é para ser, um agrada o outro que agrada o um e todo mundo se agrada sem esforço. Deu para entender? Tomara que sim!

Não é para ser difícil, não é para ter (muita) dúvida. Caso esteja em dúvida, se despeça com um beijo delicioso porque, se for para ser, ele te liga amanhã.

E vocês recomeçam todo esse balé do encontro.

Essa é a grande vantagem do solteiro! Acordamos todos os dias com a possibilidade de um novo encontro. Você pode terminar este texto, conhecer o novo colega de trabalho que acabou de entrar na empresa e, no primeiro oi, sininhos tocarem. O.k., com os comprometidos isso também pode acontecer, mas aí é bem menos simples do que com os disponíveis. Com os disponíveis não tem dor envolvida. Ninguém se machuca, é só alegria.

Portanto, bora olhar para o lado? Bora criar coragem e sair com a amiga, o namorado e o amigo do namorado de quem você tem tanta preguiça porque “deve ser uma furada, óbvio”. Na pior das hipóteses, é mais um possível amigo para conta. Na melhor das hipóteses, mais uma mensagem de WhatsApp te convidando para sair. E, quem sabe, borboletas no estômago para administrar. Ah, as borboletas na barriga... Como amo!

E assim a gente segue: se distraindo, se divertindo, se encontrando, se desencontrando. Vivendo. Experimentando. Errando. Até chegar a hora de acertar.

a autora

essa é a
GRANDE
VANTAGEM
DO SOLTEIRO!

acordamos
TODOS OS DIAS
COM A
possibilidade
DE UM NOVO
encontro

4

a autora

Timing is a bitch

Sempre penso muito nas voltas que a vida dá, nas pessoas que vão e vêm. Histórias inacabadas que a gente larga no meio do caminho e que depois cismam em retornar para assombrar. Ou somar. Ou os dois.

Quando o passado volta a ser presente, quando a gente é obrigada a encostar o presente num canto qualquer para então parar de dar murro em ponta de faca, de ficar batendo a cabeça em porta que está fechada. Aceitar os sinais que a vida dá.

É um dia depois do outro. Perder para poder ganhar. E achar graça de tudo isso, do bom e do ruim. O ruim também tem um tanto de coisa boa dentro, pode acreditar. O ruim, às vezes, pode ser um bom lugar para se estar, por mais bizarro que isso possa soar.

Eu me lembro de uma conversa com uma amiga que estava com o coração partido, naquela estágio terminal de quando o cara não deixou opção, te obrigando mesmo a desistir dele. (O que eu acho muito mais honesto do que os que ficam em cima do muro, vale registrar.) Gastei uma hora de frases de efeito para tentar levá-la para esse lugar, o tal prazer na dor. Olhar de frente! Poesia no caos. Gosto tanto desse termo que me apropriei dele. Traz conforto. E estava tentando confortá-la assim.

O negócio é que a gente vicia em ser cabeça-dura, foca numa coisa e ninguém no mundo consegue te fazer mudar de ideia. São meses, às vezes anos com a energia toda direcionada para uma pessoa só. Oi?

Você terminou ontem? Então dou um desconto. Porém daqui a um ano a gente não pode mais estar falando disso, né? Aliás, em uma semana, espero que a conversa já seja outra. Um dia de cada vez, tudo bem, mas sem estagnar. Sem pressa, só que temos que avançar um passinho a cada dia. Vez ou outra dar um para trás, normal, para logo depois vir com mais dois para a frente.

Tanta gente no mundo... Pensem no desperdício que é jogar todas as possibilidades da sua vida numa pessoa só. É arriscar demais. E aí até acontece, você fica com essa pessoa. E é maravilhoso — enquanto dura. Mas dura pouco.

A pessoa muda de país. Ou volta com a ex. Ou qualquer outra coisa que

faça com que ela desapareça com a mesma força e intensidade com que apareceu. Acontece nas melhores famílias, não pense que é pessoal. Absolutamente nada pessoal! Eu já estive nessa situação e é provável que mais um tanto de gente que você conhece já tenha passado por ela também.

E são tantas desculpas que a gente inventa nessa hora. Tenho um monte de amiga com a mania (insuportável) de querer fazer a coisa dar certo de qualquer jeito, de inventar desculpas até para o outro. Você está lá dizendo que aquilo não vai dar em nada. É meio óbvio. Mas ela quer te convencer de que não, de que ele provavelmente acabou de sair de uma relação séria, está muito cedo para se envolver. Que a hora de vocês vai chegar. E a pessoa fica lá, de novo, batendo a cabeça em porta fechada.

Eu já ultrapassei muito o limite quando mais nova. Já esgotei todas as possibilidades em um tanto de relação errada que vivi. Hoje não mais. Chega. Tão melhor pular fora quando ainda temos alguma dignidade. Quando o relacionamento ainda não foi banalizado. Assim: ninguém faz com a gente o que a gente não deixa, então é só saber quando o seu limite chegou.

Respeitar o timing é essencial. De começar, de parar, de ligar, de não ligar, de se abrir, de fechar, de sair. Timing é tudo nessa vida! T-u-d-o! Pode atirar a primeira pedra aí quem nunca platonizou uma história. Gastou um tempo danado colocando alguém que você mal conhece num pedestal porque resolveu que é o amor da sua vida. Estou dando exemplo de relacionamento porque este livro se chama *Para as solteiras, com amor*, mas, para as comprometidas que me derem a honra dessa leitura, vale também! MUITÍSSIMO importante a gente saber a hora de ceder. De perder. De mudar de direção.

Tipo, focou que vai fazer uma viagem para fora? Está há meses planejando os detalhes e dias antes de voar suas férias não saíram? Achou o apartamento dos sonhos e o financiamento não foi aprovado? Prestou vestibular e não passou na primeira fase? Poderia ficar horas e horas aqui dando exemplos básicos de frustrações em cima de coisas que a gente jamais terá controle.

Nessas horas nada vale, nada conta. Não adianta a melhor amiga cheia de boas intenções e frases feitas dizer que não era para ser, que vai vir coisa melhor, que lá na frente você vai entender o porquê de tudo isso. Esquece. Não adianta.

Embora eu ache, sim, que as coisas vão se encaixando e fazendo sentido com o tempo, já entendi que não adianta chegar com autoajuda quando a pessoa está no meio do caos. Deixe ela viver o caos. Ela precisa passar por

isso, se frustrar para se reorganizar.

A gente fica tão hipnotizada com a possibilidade disso ou daquilo (da ilusão que criamos na nossa cabeça) que nos frustramos o tempo inteiro. São tantas expectativas que fechamos os olhos para o resto, para o tanto que sobra. E que é muita coisa. Muita coisa mesmo!

Perdeu aqui para ganhar ali. Acredito bem na orquestra divina. Prefiro acreditar que nada é por acaso. Pegamos mais leve com a gente desse jeito. Perdeu o emprego, passou o susto, vale pensar que aconteceu porque vai aparecer coisa melhor, não? Assim faz doer menos, e ninguém quer sentir dor.

Eu saí de um relacionamento com a certeza de que tem algo muito maior me esperando por aí em algum lugar. Se é verdade ou não eu saberei em breve, mas prefiro manter a convicção e acreditar. Também não tenho nenhuma pressa, não tenho prazo. Já se foi o tempo em que eu queria bater de frente com o tempo de Deus, do Universo, chame como quiser. Mas NOSSO é que o tempo não é. Isso a gente tem que concordar.

Não foi agora? Sei lá se vai ser amanhã, daqui a um ano. Bora confiar no timing divino? Mas a vida não pode parar. Ninguém tem esse tempo, não vem que não tem. Nem eu, nem você, nem ninguém. Não rolou? Não está rolando? Sabe-se lá *Deus* por que as coisas não estão saindo no nosso prazo ideal milimetricamente calculado.

Não tem passagem para tal data? Você não pegou a vaga? Foi demitido? Não passou na faculdade? Ele não está mais a fim de você? A vida tira a gente do controle o tempo todo. Não adianta gritar, chorar, espernear. Não! Já foi. Está feito.

Difícil não poder controlar tudo, sei bem. Sou capricorniana, pense? Mas é assim que é. Caio Fernando Abreu escreveu: “Acalma esse coração, pequena, que desespero nunca resolveu o problema”! E não é? O tempo precisa de tempo para poder funcionar!

a autora

Tão Melhor
pular fora
quando
ainda
temos alguma
dignidade

a autora

≡5≡

a autora

SE CONSELHO FOSSE BOM...

Vira e mexe ouço conselhos que me deixam pensando. Conselhos que eu não pedi, o que é ainda mais curioso, uma vez que tenho para mim que conselho a gente só dá quando o outro pede. Acho (bem) estranho alguém chegar opinando sobre a sua vida sem ser convidado. Eu não opino na vida de ninguém sem ser chamada, nem das pessoas mais próximas! E torço para que não opinem na minha também, mas é inevitável.

O jeito que encontrei é ir me blindando para dar cada vez menos espaço para o que o outro acha e me concentrar mais no que eu penso e sinto. Mas ainda estou num processo. Gosto da opinião do outro, é quase que um vício.

A verdade é que procuramos respostas no outro só que quase sempre elas estão dentro da gente. Fora as outras tantas vezes em que não estamos procurando nada e o outro insiste em vir apitar. Aí vira verdade. Depois de dito, não tem mais volta.

“Fecho ou não esse contrato?” “E essa blusa? Estou gorda?” “Já posso mandar mensagem para o boy?” “Será que abro mão disso aqui para poder viver aquilo?” “Me mudo de casa? De país?” “Alugo ou compro?” “Devo gastar esse dinheiro? Ou economizar?” “E essa foto? Posto ou não?” Das decisões mais banais às mais importantes.

Atire a primeira pedra quem nunca consultou a amiga ao lado ou mandou print para outra que está longe pedindo o aval para postar uma ou outra foto no Instagram! Quem nunca? D-U-V-I-D-O! E a foto que você estava AMANDO até mostrar para amiga (esperando um elogio) e vem um:

— Não amo, amiga.

Como não ama? Por que não ama? E como é que posta a foto depois da amiga não ter amado? Como faz? Ou o cara te paquerando e você sem dar a menor bola. Aí vem a amiga:

— Ele é gato, amiga. Ele é BEM gato.

Ou o vestido na loja que custa tão caro, mas só tem mais um. Você está sem coragem. E a amiga:

— Se você não for levar, eu levo!

Oi? É do provador direto para o caixa. É ou não é? E a culpa é toda nossa. O outro não tem absolutamente nada a ver com isso! Foi a gente que pediu a

opinião. Por isso tento cada vez menos pedir opinião, mas é um exercício difícil para mim. Ainda peço para muita coisa, muito mais do que eu gostaria. Mas muito menos que pedia antes. Já cansei de postar fotos que a amiga do lado disse não gostar muito. Estou evoluindo aqui!

A gente não se escuta, não se dá o mérito. Tudo está sempre dentro, tem é que aprender a se ouvir. Quem pode saber o que é melhor para nós do que nós mesmos? Quem pode saber melhor que a gente o que faz sorrir ou o que faz chorar? O que dá prazer ou faz cansar? O que aumenta ou diminui nosso próprio quadril, meu Deus, quem?

Quantas noites eu gastei pensando numa ou outra opinião alheia sobre mim (alô, haters! Um beijo!) que eu JAMAIS vou conseguir controlar? A pessoa nem me conhece e me odeia? O que eu posso fazer com isso além de me chatear? Nada. E são dois trabalhos, me chatear e esperar passar. E o tanto de energia que a gente gasta nisso?

Não sei se vocês são como eu, mas eu me desculpo o tempo todo, até quando não tenho culpa. Eu adoeço se chatear o outro. Levo as palavras dos outros para casa, fico presa naquilo por tempos, na ansiedade de ser uma pessoa correta, legal, maneira. De não vacilar. De agradar as minhas companhias. Mas e agradar a nós mesmos, que é o mais importante? Às vezes a gente esquece.

Daí é exercício! Escolher mais pensando em mim mesma, me defender mais, saber exatamente quem eu sou e quem eu vou deixar entrar. Maluco que, em tempos de internet, alguém que mal me conhece, nunca me viu ao vivo na vida, se sente no direito de questionar quem eu sou. Não faz sentido. Pensando assim, na teoria, é tão claro, né? Por que eu me chatearia com isso? Bobagem. ã-hã, até ler o próximo comentário torto e tudo isso recomeçar. É uma bola de neve. É lembrar isso tudo o tempo todo.

Sou tão sensata, me conheço tão bem, por que não confiar mais na minha intuição e no bom senso? Tem situações que quanto mais a gente pede opinião, mais se confunde. Já passaram por isso? Que o que funciona para uma pessoa pode não funcionar para a gente e vice-versa.

Minha intuição é o que tenho de mais precioso, e vira e mexe me esqueço dela, vou na dos outros. Com vocês também é assim? Pode parecer mais fácil pssoais fáedir que o outro resolva pela gente, responda pela gente, nos dê ou não esperança disso ou daquilo. Pode parecer. Mas não é! Juro que não é!

Nunca chego a desmerecer os conselhos dos amigos amados. Viverei com eles para o resto da minha vida, mas organizando as prioridades, botando

ordem no coração, devolvendo o alto-falante para a sua intuição gritar porque é nela que devemos nos agarrar antes de qualquer conclusão.

Tem vezes que é tanta opinião de fora que a nossa mesmo nem conseguimos escutar. Oi? Proibido! Três passos para trás, uns minutos respirando fundo de olhos fechados e a gente organiza tudo aqui dentro.

É se namorar, se entender, se acolher, se entusiasmar! Somos nós falando para nós mesmos que vai ficar tudo bem no final! Eu sei que vai. Sempre soube. Minha intuição sempre sopra. E tenho certeza de que a sua também, se você se deixar guiar. É que às vezes a vida faz esquecer, confundir, amedrontar. Nada, boba(o)! A vida está aí para enfrentar. E, no fim das contas, é cada um por si e Deus por todos! Estamos juntos.

(Diferentemente do que está aqui, em um dos primeiros textos do livro eu disse que sentia falta de informações do tipo “quem avisa amigo é”. Acha que eu não sei? Mas que graça teria a vida sem um pouco de contradição, não é verdade?)

a autora

•TEM•
SITUAÇÕES
QUE QUANTO MAIS
a gente pede
OPINIÃO,
MAIS SE CONFUNDE



a autora

≡6≡

a autora

CINCO MESES DEPOIS

— Oi.

— Nossa. Oi. Não esperava te encontrar aqui.

— Eu meio que imaginei que você vinha, né? Você é tão amiga da Gabriela. Até pensei se eu não devia ter...

— Não, imagina. Vocês ficaram superamigos. Faz todo sentido você vir dar um beijo nela. Lógico. Eu é que não pensei nisso mesmo. Não me preparei. Talvez. Não sei. Acho que é isso, não me preparei. Mas também preparar para quê, né? Nem sei se tinha como preparar. Enfim, uma hora isso ia acontecer, a gente ia se encontrar. Tudo bem. Divirta-se, aproveite a festa.

— Espera, Ana. Calma. Não sai assim.

— Tô calma, Pedro. Só ia atrás de um uísque.

— Tá bebendo uísque agora?

— Como assim “agora”? Eu sempre gostei de uísque.

— Não. Você sempre gostou de gim-tônica. *Com três pedrinhas de gelo, por favor, moço.* Era assim que você pedia. Até ontem. Ou até cinco meses atrás, quando a gente se separou. Vamos, eu te acompanho até o bar. Tô curioso para saber com quantas pedras de gelo você pede o seu uísque.

Ana respira fundo. Profundo. E os dois caminham até o bar.

— Um uísque puro, por favor.

Ana vira para Pedro esperando o pedido dele.

— Dois, dois uísques *on the rocks*, por favor, moço — Pedro completa.

Silêncio. O barulho das pedras de gelo se confunde com a música do fundo. Depois o uísque caindo no copo. Ana se antecipa:

— Tá bom, moço. Para o, mim tá ótimo assim.

Pedro olha Ana fixamente. Tenta se distrair da própria ansiedade observando a dela. A respiração ofegante, a mão um pouco trêmula. Os dois estão tentando manter o controle do corpo. Ana está louca para acender um cigarro, mas evita. Não acende. Tem medo de os dedos entregarem mais o nervosismo com o tremor. Eles agradecem o moço do bar e caminham uns passos para longe dali.

— Fala, Pedro. Você tem alguma coisa para me dizer?

— Eu preciso ter uma coisa específica para te dizer, Ana? Não posso

querer conversar com você? Saber como está? Como estão as coisas? Seu trabalho? Se terminou a monografia.

— Tô trabalhando nessa monografia há quase dois anos, Pedro. Desse tempo, um ano e meio com você. E tenho certeza de que você não faz ideia nem do que se trata. E agora vem com esse papo de querer saber se terminei a monografia?

— Claro que eu sei do que se trata. Aquela coisa do meio ambiente que você queria criar. Você sempre tentando consertar o mundo. Claro que eu sei.

— “Coisa do meio ambiente que eu queria criar.” — Ana ri. — Louco, né, Pedro? Eu querendo consertar o mundo, mas não fui capaz nem de fazer o mesmo com a nossa relação. Meu trabalho vai bem. Eu tô bem. Minha vida tá bem. Tá tudo muito bem, obrigada. Agora me deixa dar oi para uns amigos, que esse papo furado tá azedando minha festa e eu acabei de chegar.

Ana se afasta e Pedro continua.

— Eu não tô bem, Ana. Sou eu quem não tá nada bem.

Ana para, suspira e se vira na direção de Pedro mais uma vez.

— O que você quer, Pedro? Me diz? O que você veio fazer aqui? Por que esse blá-blá-blá depois desse tempo todo sem dar um sinal de vida?

— Porque eu precisei desse tempo longe para entender o que estava acontecendo. O egoísta que eu era. Fui. Sou. Não sei direito. Tenho pensado muito em você. Na gente. Na nossa relação.

— Nossa relação? Que relação? Não tem relação, Pedro. Não teve. Ou talvez você não saiba o que é uma relação, no que ela se faz, se constrói. O que a gente teve foi tempo passado junto. Algum afeto trocado. Desejo ali no começo, bem no começo. Nem sei direito. Mas foi qualquer outra coisa que não relação.

— Como assim, Ana? Do que você tá falando? Nós ficamos anos juntos.

— Louco, né, Pedro? “Anos juntos.” Para depois, de longe, me dar conta de que não construímos nada. Não tinha vínculo. Não havia troca. Eu dava até o que eu não tinha para fazer você ficar, para inconscientemente fazer valer a pena. Abria mão do meu para completar o seu. Não é maluco? Logo eu, que me acho tão esperta.

— Do que você tá falando, Ana? Abriu mão do seu o quê? Não tô entendendo nada.

— Claro que você não tá entendendo nada, Pedro. — Ana ri, com carinho.

— Você tinha razão quando disse que a gente é completamente diferente. Não em gosto por arte ou porque eu quis pregar a polaroide na parede e você

achou cafona, mas em valores. Você é raso. E eu gosto de profundidade.

— Raso em quê? Por quê? Você pode ser mais clara? É aquela terapeuta maluca que fica te falando essas coisas, né? Tenho certeza que é.

— Você não tá pronto para viver uma relação, Pedro. Não tá pronto hoje idtpronto e nem sei se estará em algum momento nesta vida. E tudo bem. Tem gente que é assim, que não tem mesmo nada para dar. E tá tudo certo. Você veio atrás de mim para corrigir ou maquiara qualquer coisa que esteja meio torta na sua vida, mas eu já adianto: não vai acontecer. Tinha tanta coisa para te falar. Durante tanto tempo fiquei remoendo tudo o que eu deveria ter dito naquela noite. Tantas palavras. Encenava na minha cabeça como seria se eu tivesse dito. Tantas insônias preenchidas com as palavras não ditas. E engraçado que hoje você tá aí parado na minha frente com a cara para eu bater e eu não sinto nada. Vontade de nada. De falar. De xingar. De bater. De gritar. De responder. Tantas e tantas reações que eu poderia ter tido e não tive. Devo ter ficado em choque. Até hoje não sei.

— Ana, para com isso. Não é de você fazer escândalo. Você pode achar que não, mas eu sabia o que você estava sentindo. Aquele olhar antes de você sair de casa...

Ana interrompe.

— Que olhar? Que olhar, peloamordedeus, Pedro? Você foi jogar bola no dia em que meu avô morreu. Vem me falar de sensibilidade no olhar?

— Ana, era a final do campeonato. Você sabia que era importante.

— Campeonato que valia churrasco e cerveja, né, Pedro. É disso que eu tô falando. Você entende?

— Eu prometo que largo o futebol. Não preciso jogar duas vezes por semana. Mesmo. Deixo uma vez por mês. Fica bom para você?

a autora

Eu Querendo
CONsertar o MUNDO,
mas não fui capaz
nem de fazer o mesmo
COM A NOSSA RELAÇÃO

a autora

— Que se dane seu futebol, Pedro. Que você se mude para o meio da quadra, se for ficar feliz assim. Eu não sei em que confusão mental você se encontra, se tá numa ressaca braba e melancólica. Não sei o que tá rolando com você e, do fundo do meu coração, não me interessa. Não por mal, mas sou sua ex-namorada. Não sou sua amiga. Muito menos sua terapeuta. Sou sua ex-namorada. E não tenho a menor intenção de voltar a ser atual, para poupar a gente de continuar essa conversa que não vai chegar a lugar nenhum.

— Eu sei que você não ficou com ninguém até hoje. Sei que desde que a gente terminou você não ficou com ninguém.

— Sabe como?

— Eu sei.

— Como?

— Não importa, Ana, eu sei. E, se não ficou, é porque ainda sente alguma coisa.

— Claro que eu sinto alguma coisa, Pedro. Sinto muitas coisas. Tantas que você não seria nem capaz de imaginar. Só que não são por você. São por mim, pela minha vida, meu trabalho, minha família, meus amigos. Tem tanta coisa e tanta gente em volta me fazendo sentir, que tem que valer muito a pena mesmo para me distrair disso tudo. E para responder a sua pergunta, não, desde que terminei com você não achei nenhum cara que valesse. E talvez nossa história tenha parcela de culpa nisso, porque me fez saber exatamente o que eu não quero para minha vida. Posso não saber bem o que quero e se quero, mas o que eu *não* quero ficou claro. Então de fato a peneira afunilou mais. E tá bom assim, não tenho pressa. Ser solteira me faz um bem danado.

— Até parece, Ana. Papinho. Como é que faz bem ser solteira? Eu sei que eu te machuquei, não fui legal. Sei disso. Mas às vezes a gente tem que passar por coisas difíceis, sabe? Para a relação poder evoluir. Faz parte. Não é tudo lindo sempre.

— Você foi legal demais comigo, Pedro. Me fez ver aquilo para o que eu fechava os olhos fazia tempo. Me deixou sem escolha, sem opção. Sem poder inventar mais desculpas para você. Fiz isso tanto tempo. Não tinha ideia de como estava cansada. Você me libertou. E te agradeço por isso. Sozinha talvez eu demorasse anos para entender.

— Ana, vamos falar sério? Vim aqui para dizer que eu tô pronto. Quero

casar e ter filhos com você. Quero ficar com você para o resto da minha vida. Esse tempo me fez amadurecer e entender que você é a mulher da minha vida. Vamos dar uma chance para a gente?

— Tá vendo como você não me ouve, Pedro? Você nem sabe direito quem eu sou. Não sabia junto e não descobriu separado. Sou grata, Pedro, eternamente grata pelos bons momentos vividos, porque, para mim, é disso que a vida é feita. E por tudo o que você me fez aprender. Mas não tem mais “a gente”. Esquece. Não tem e não teve. Foi pura miragem, como diria a louca da minha terapeuta. Eu vou nessa, tá? Dou meu beijo na Gabi um outro dia. Fica bem.

Ana apoia o copo na quina da mesa e segue caminhando. Pedro chama. Tenta alcançar. Mas chega tarde. Ela já tinha saído com o carro.

a autora

7

a autora

NÃO SABE BRINCAR, NÃO DESCE PARA O PLAY

Título sugestivo, né? Então, eu amo. Uso muito. Vivo repetindo para mim e para as amigas o tempo inteiro. Até porque estamos sendo testadas o tempo todo, arriscando o tempo todo, sempre tendo que fazer escolhas. E saber escolher é conseguir analisar o que vai ter que encarar depois disso.

Eu lembro que na véspera da estreia da minha peça *Amigos, amigos, amores à parte* passei a noite em claro pensando: “por que eu fui me meter nisso?”. Não muito diferente das tantas noites perdidas pensando neste livro. O tal do frio na barriga de quando a gente chama a responsabilidade para si. Quando entra numa situação sabendo do leão que vai ter que encarar.

Uma vez dentro do ringue, é partir para a luta. Enfrentar toda e qualquer consequência. E isso é amedrontador e maravilhoso ao mesmo tempo. Resolveu financiar um apartamento? Vai realizar o sonho da casa própria, mas vai ter que lidar com as parcelas por algum tempo. Decidiu se demitir do emprego porque não está feliz? Vai ter a chance de construir uma vida nova que te agrade, mas terá que começar do zero.

É a partir de pequenas-grandes mudanças que a mágica acontece. O segredo é olhar para o mundo como um leque de possibilidades que se renova a cada escolha que você faz. Resolveu ficar solteira porque descobriu que seu relacionamento não valia mais a pena? Vá em frente! E, se der medo, vá com medo mesmo.

Passada a dor do luto, vem a sensação de que todo dia é dia na vida de uma solteira. De que cada instante é sempre, sabe? Que todo e qualquer dia, a todo e qualquer momento, tudo pode mudar e a vida pode te surpreender. Na fila do banco, na padaria, no curso de inglês, na casa do amigo... Olha que coisa mais emocionante! A absolutamente qualquer momento a vida pode te surpreender com uma pessoa nova.

Pessoas interessantes podem aparecer. Juro que podem! Dobrando a esquina. A possibilidade de ganhar na loteria a qualquer momento pode ser bem deliciosa. Libertadora, eu diria. Porque qualquer ida à esquina vira uma aventura, se você quiser pe>

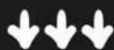
Eu fiquei meio assim. Sou meio assim, meio entregue à vida. De braços

abertos, com o olhar atento ao outro. Vamos combinar que, na era do celular com internet, a gente quase não olha para o lado. Uma pena. Tanta coisa pode estar passando ao lado enquanto você não tira o olho do celular...

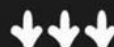
E aí você argumenta: o.k., a possibilidade de conhecer alguém legal é realmente tentadora, mas antes desse alguém legal tem um tanto de gente chata por aí que também pode aparecer. Aí ser solteira deixa de ser tããão legal assim. ã-hã. Tem um monte de chatos por aí e eles vão sim aparecer até a hora de o certo chegar. Fato. Comigo, com você, com nossas amigas, primas... Estamos todas no mesmo barco. Mas aí eu volto ao título deste texto: é jogar a real consigo mesma! Saber que num dia a gente perde e no outro a gente ganha.

a autora

SE TOPOU PAGAR
👉 PRA VER, 👉
ENTRE PARA
SE DIVERTIR.



≡ ELE NÃO LIGOU? ≡
≡ NO DIA SEGUINTE! ≡



RIA-DA
SITUAÇÃO!

As regras do jogo estão aí, e é preciso decidir se você está a fim ou não de jogar. A gente gasta muito tempo idealizando, criando expectativas, inventando desculpas e respostas que jamais teremos para justificar o carinho que sumiu, ou que você flagrou com outra, ou que não ligou no dia seguinte. O tal do “fingiu que não viu”. E eu tô bem fora dessa. Porque a conta sempre chega.

Bora estudar a montanha antes de escalar! Não adianta ir atrás do cara casado e querer viver uma história de amor, sabe assim? Nem do menino de vinte anos se você já está pensando em casar e ter filhos. E o cara que pega todo mundo, então? Não espere fidelidade. Viu que ele curtiu a sua e mais 394 fotos de mulherada de biquíni, né? Está lá para todo mundo ver! Então saiba exatamente onde está se metendo.

Se topou pagar para ver, entre para se divertir. Ele não ligou no dia seguinte? Ria da situação! Você já sabia que tinha chance de isso acontecer. Divirta-se! Dê cor às suas histórias. Faça graça! Vá tomar um drinque com as amigas e brindar que, mesmo ele não valendo nada, valeu a pena. Porque você soube brincar!

Vamos brindar pelo controle total de nossas escolhas! Por sermos responsáveis por aquilo que fazemos e que deixamos que façam com a gente. Por termos direito de errar, mas por também darmos conta das consequências. Que a gente saiba onde pisa. Que a gente pise. Que a gente arrisque. Que se entregue. Que viva. E que dê conta de tudo no final.

Porque tem que saber se divertir com os errados até o certo aparecer. A gente perde um tempão reclamando, imaginando *como seria*, enquanto podia estar se jogando na vida para fazer ser. A vida é isso aí, e é por isso que tem tanta graça! Então bora ler e reler as regras do jogo para a gente saber brincar e poder descer para o play!

a autora

≡ 8 ≡

a autora

ANO SABÁTICO

Sempre fui do tipo que sofre — e muito. Sou intensa, entregue. Era a romântica-sonhadora entre as amigas. Conheceu o cara ontem e já está planejando o casamento? Então, tipo isso. Enquanto todas as outras estavam administrando um time de paqueras na lista, eu gastava tempos e tempos amando platonicamente um único escolhido. E me frustrava. Claro. E sofria horrores até o próximo aparecer.

Foi assim durante anos. Forqte. E me Enquanto solteira e também nos primeiros namoros que tive. Ia do céu ao inferno, amando muito ou sofrendo muito. Era menina de tudo, coitada de mim. Achava que sabia tudo da vida, que comigo ia ser diferente, que ele ia se apaixonar. Até a próxima rasteira. Hoje, alguns muitos anos depois, fica a certeza de que a gente não sabe é nada da vida. E tudo bem. Essa é a parte boa de envelhecer.

Você aprende, com o passar dos anos, a deixar o tempo trabalhar por você. Vai crescendo com os erros e modificando padrões. Depois de anos emendando relacionamentos, um atrás do outro, parei e fiquei solteira — e continuei assim. Pela primeira vez na vida fiquei um tempo sozinha. E um tempo mesmo: foram alguns anos, quase cinco, até namorar de novo. E, desses cinco, um ano inteiro sem me relacionar com ninguém. ã-hã, meses e meses sem beijar uma boca sequer! Onze meses, para ser precisa. Foi muito bom, obrigada. E, como tudo na vida, passou!

Sobre esses onze meses? Digo que foi o melhor ano da minha vida, acredite se quiser. E não estou contando isso para levantar a bandeira de que a gente não precisa de ninguém para ser feliz e tal, não é nada disso. Mas tenho que dizer que a parte boa de você não gostar de ninguém, não ter em quem pensar, é também não ter ninguém por quem sofrer. Tem coisa melhor? Ninguém para frustrar as suas expectativas, para esperar ligar, para deixar a ansiedade engolir.

Tenho ansiedade de adolescente, um perigo. Então, ter esse tempo todo para pensar absolutamente só em mim e mais ninguém foi mágico. Bom na vida profissional, já que você tem toda a sua concentração (energia, pensamento etc.) dedicada ao trabalho, mas também foi uma época muito preciosa de autoconhecimento e amadurecimento. Morei em três lugares

diferentes, o trabalho aparecia e eu ia. A vontade batia e eu corria. Não precisava ponderar. Não tinha ninguém para consultar. E isso é libertador. Não ter que coordenar agenda nem (principalmente) vontades.

Mas digo também que essas coisas não se planejam. Você não acorda um dia e diz: a partir de hoje fico um ano sem pegar ninguém. Oi? Ninguém é maluco! E encontros acontecem quando têm que acontecer. Conscientemente jamais faria essa escolha, mas aconteceu. E foi sendo assim. Sem esforço, sem dor, sem pensar muito sobre isso, porque estava muito ocupada pensando em um milhão de outras coisas que estavam acontecendo ao meu redor.

É uma sorte passar um período sem ter e/ou gostar de alguém. Com o coração livre, desimpedido por completo. E era assim que eu estava.

a autora

a
PARTE
BOA DE VOCÊ
não gostar
DE NINGUÉM
É TAMBÉM NÃO TER
ninguém por quem
• SOFRER •

a autora

Deu preguiça, sabe? Estava trabalhando muito também, então quase não saía de casa. Acho que inconscientemente tirei umas férias mesmo do time masculino. Um pouco de “eu me basto” com “eu não tenho tempo” com “ninguém me interessa”. Já aconteceu por aí?

Ouvi de uma amiga que ela sentia falta de gostar de alguém, de ter uma pessoa em quem pensar. De estar apaixonada, independentemente de ser correspondida. E eu não consigo entender muito isso. Porque sentir falta de algo bom que viveu, saudade de alguém, de uma história correspondida (mesmo que ela só tenha sido eterna enquanto durou), faz muito sentido. Agora, sentir falta de sofrer por alguém só para ter em quem pensar, não. Oi? Você quer gastar o seu precioso tempinho pensando em alguém que não quer ter nada com você? Não faz muito sentido. A pessoa não quer nada com a gente? Então vamos tratar de esquecê-la, não? Por mais difícil que isso pareça/seja.

E daí que meu ano “sab Keu ão ático” de relações amorosas foi bem produtivo. Eu nunca pensei tanto em mim, no meu trabalho, no que quero para a minha vida. Quais sonhos eu realizei até aqui e quais tantos ainda me faltam. Onde quero morar. Me cuidar. Estudar. Trabalhar. Evoluir. Falta tanto ainda, é tanta coisa que a gente tem que dar conta que, para investir tempo e energia com outra pessoa, precisa valer muito a pena para a conta fechar no final.

Então, você, amiga solteira com o coração livre que vier a ler este livro, aproveite! Agora é a sua hora. Sonhe alto, faça planos, projetos. Volte para a academia. Escolha o filme que te agrada, ponha um pijama bem horroroso e se jogue no brigadeiro. Vá fazer aquela viagem para longe por um tempo. Quando a gente está enroscada com alguém, mesmo que platonicamente, é difícil se entregar assim para o mundo. E só a gente que perde. Aproveite!

Vai ficar difícil (quase impossível) controlar o pensamento quando entrar alguém de novo nele. Sei bem como é. Portanto, se a vida está te dando esse tempo de presente, sem ninguém para te assombrar ou distrair, se jogue em tudo o que tiver vontade para fazer valer. Entenda a bênção que é ter todo o tempo do mundo só para você!

Corre. Vai. Agora. Que é nessa hora — quando você se conecta realmente com você mesma, se namora, se faz companhia, se basta — que a vida vem e te surpreende de novo. É bem nessa hora que a vida volta a mostrar quem é que manda. E ensina que a gente não sabe de nada mesmo, que quando você

menos esperar, sem procurar, sem precisar vai acabar achando. É quase sempre assim que acontece.

Aí esquece, porque um capítulo do livro acaba para outro começar quando a pessoa certa aparece. Ou mais uma errada, talvez. Vai saber? O importante é você chegar inteira e pronta para o próximo depois de tempos de relacionamento com a pessoa mais importante da sua vida: você mesma.

a autora

≡9≡

a autora

AMIZADE COLORIDA

Quem nunca? Alguém não? Pois é. Mas primeiro vamos ignorar aquela besteira de que “não existe amizade entre homem e mulher”. Porque eu superacredito que existe — tenho vários amigos homens e a relação nunca saiu disso. Amigo mesmo, parceiro, brother, irmão. Cara que ouve meus desabafos igual às amigas do mesmo sexo. Arrisco dizer que tenho amigos que são até melhores confidentes que algumas amigas.

Amo o ponto de vista masculino, a objetividade do raciocínio, a frieza de não alimentar nossos dramas. Amo. Tenho homens maravilhosos na minha vida dos quais não abro mão. A sensação é que eles são mais de exatas e a gente é de humanas. A gente sonha mais e pondera possibilidades. Eles põem nosso pé mais no chão. Mas (óbvio!) não foi deles que eu vim falar aqui.

Ã-hã, eu já me apaixonei pelo meu melhor amigo. Ele era meu confidente, meu grude. Sabia tudo de mim e eu, tudo dele. Ele ficava com todas e eu com nenhum (já devia estar entregue desde o começo, só não me dava conta), e então a gente começou a namorar sem nunca ter dado um beijo. Isso, exatamente. Íamos ao teatro, ao cinema, à praia, jantar com a família sem nunca termos sequer dado as mãos. Acho que a gente estava criando coragem, sei lá. E vejo em volta, com as amigas (e os amigos também), que esses casos sempre se repetem assim.

Mesma coisa com todo mundo, né? Quando você vê, já foi. “Achei que comigo ia ser diferente.” “Pô, e Ns, jeatro,le é meu melhor amigo!” “Juntos somos bons demais.” A gente sempre acha que na nossa vez vai ser diferente. Isso acontece em 99% das vezes, e em 99% dos casos nunca é.

Sei que, no meu caso, a iniciativa veio dele. Eu já entendia o que estava acontecendo, só que preferia não ver. Até que, depois de uns drinques a mais, foi. Se a gente não criar barreiras, o gol está feito. E é nessa hora que a razão deveria prevalecer e sinalizadores luminosos acenderem internamente perguntando: “você está mesmo disposta a abrir mão dessa amizade?”. Mas não, isso não acontece. A vida deixa a gente decidir sozinho mesmo. E, quando eu vi, já tinha ido.

Pensando aqui, acho que depois que o beijo acontece o jogo já está perdido faz tempo. Não temos mais condições de decidir nada. Aí ainda tem os que

no dia seguinte (fofos, só que não) agem como se absolutamente nada tivesse acontecido. Tipo: “se vira, amiga!”. Vida que segue, e esqueça o que aconteceu. E a gente se vira. Nem sempre esquece, mas a gente sempre se vira. E está iniciada a bola de neve. Até o dia em que a mocinha protagonista está flechada e não dá mais conta de seguir com a brincadeira. A gente também sempre acha que vai lidar bem com o desapego, né? Sexo sem compromisso com um amigo, por que não? ã-hã. Sei.

Fico pensando se somos sempre nós, mulheres, que entramos com sentimento na história. Porque para os meninos é mais fácil transar e não se apegar, mesmo com a melhor amiga. Não? Ou sou eu que acho difícil e estou pensando que para todas as meninas do mundo também seria?

a autora

A GENTE SEMPRE ACHA QUE
na nossa vez QUE
VAI SER DIFERENTE



ISSO ACONTECE EM 99%
das vezes, e em 99%
dos casos nunca é.



O que você me diz? Conseguiria passar a noite com seu melhor amigo e acordar no dia seguinte como se nada tivesse acontecido? Ouvir o cara falar de outra menina dez dias depois? Rolaria? Talvez sim, né? Talvez seja esse meu lado de eterna romântica. Vai saber.

Meninos são bem bons nisso. Sem falar nos sem noção que puxam papo na semana seguinte contando de uma farra ou de outra gata. Somos amigos, lembra? Vejo de um tudo estando sempre rodeada de amigos homens. Eu, Julia, jamais teria estrutura. Sou mulherzinha demais para isso. Não sei brincar mesmo, então nem desço para o play (nesse caso).

Adoraria ver uma pesquisa de confiança sobre a porcentagem de relacionamentos de sucesso entre pessoas que inicialmente eram amigas. Será que são muitos? Conheço um casal só. Amigos de anos, de escola, que hoje moram juntos, felizes da vida. Mas perdi as contas de quantas amigas perderam o “melhor amigo” para uma(s) noite(s) de paixão. Sim, porque perde mesmo, tem jeito não. Quase impossível recuperar a relação de antes com tanta coisa envolvida. Você se entregou para ele, se frustrou, são muitas sequelas.

Mas, no fim das contas, o que vale é seguir nosso coração. Viver o que tiver vontade de viver. Com o pé no chão, atenta, sabendo onde está amarrando (ou desamarrando) o burro.

Quer viver um romance com o melhor amigo? Se joga! Mas com a consciência de que, se ele é mulherengo, nada deve mudar depois de um beijo. Se você já sabe dos defeitos e das características do cara, não espere mudanças, milagres. Só vá se topar o jeito que ele é. E decida se vai encarar ou não!

E daí, depois, se o pretendente virar sapo e você o vir com outra, como se nada tivesse acontecido, com aquele papo de que “a amizade é mais importante que todo o resto e vocês tão indo longe demais”, ou com uma embalagem qualquer que não seja a roupinha de príncipe encantado, paciência. So, esto . Esteja preparada para o pior! Sempre. Melhor ser pega numa “surpresa boa” — já a ruim o ideal é prevenir. Sempre. Se ele não te quiser no final, você já contava com isso. E haja controle de expectativa.

Aí é um “melhor amigo” a menos e uma história vivida a mais. Eu vivi a minha, que foi bem linda enquanto durou. Mas não vingou. E o “melhor amigo” perdeu o “melhor” no nome e continuou sendo só “amigo”. Ainda acho que o tempo está a nosso favor e que as coisas podem voltar a ser como

eram, sem pressa, no tempo certo. Ou não. E tudo bem. Eu arrisquei.

Estou aqui cheia de regras e alertas, mas só Deus sabe se eu não vivo tudo isso de novo se assim tiver que ser. Se amanhã um novo belo melhor amigo me aparecer. Vai saber, né?! Estou aqui para a vida, não para brincadeira. A gente não manda no coração, certo? Pode até tentar racionalizar e tal, mas, no fim das contas, não manda mesmo, não. E, se faz sentir, já fez sentido.

a autora

≡ 10 ≡

a autora

O PODER DE UM LIKE

Que loucura que é essa nossa vida pós-mídias sociais. Deus do céu, que loucura! Já pararam para pensar como era a vida dos nossos pais? Avós? Que não tinham esse tanto de facilitador (ou dificultador?) de relações que a gente possui hoje? Viviam de escrever cartas, já pensaram? Deviam ser tantos encontros e desencontros.

Hoje é tudo tão mais rápido. Pulamos tantas etapas, chegamos tão rápido ao final. Talvez por isso as relações estejam cada vez mais descartáveis. Talvez por isso as pessoas descartem e substituam umas às outras com tanta facilidade. Aquele papo de que a grama do vizinho está sempre mais verde, a sensação de um mundo inteiro sendo feliz por aí, menos a gente. Quem nunca? Todo mundo, aposto.

Às vezes me pego tentando lembrar da minha adolescência, de quando esperava o telefone de casa tocar porque tinha marcado de jogar conversa fora com o menino de quem eu gostava. Lembro como ontem do meu desespero de pensar na possibilidade de os meus pais atenderem a ligação. Ficava cercando o telefone desesperada e, assim que tocava, me trancava na cozinha para poder falar com privacidade.

Horas e horas de conversa jogada fora. Era tãããão bom... Ia dormir suspirando. Depois veio o bipe. Alguém aí teve bipe? Alguém não faz ideia do que é bipe? Dependendo do ano em que nasceu, talvez você nunca tenha ouvido falar desse aparelhinho que recebia mensagens escritas, curtas, tipo torpedos. E nada mais. Você tinha que ligar para uma central e ditar a sua mensagem para ela ser enviada. Não tinha teclado. Conseguia imaginar?

Eu tive um bipe! Súper tive. O coração vinha na boca quando chegava mensagem. Daí logo vieram os celulares tijolões, ICQ, MSN, Orkut... E foi um caminho sem volta! Chegamos aqui, nesse tumulto maravilhoso em que nos encontramos hoje: Twitter, Facebook, Instagram, FaceTime, WhatsApp, Viber, Messenger do Face, SMS e por aí vai.

Infinitas possibilidades! De nos juntar e também de separar! Ã-hã, é surreal o poder que isso tudo tem. Pode acabar ou começar um casamento, por exemplo. Pode juntar duas pessoas que não se veem há anos ou separar profundamente duas pessoas sentadas na mesma mesa com o telefone na

mão.

É um mundo todo acontecendo dentro do aparelhinho, né? Fora e-mail, mensagem de família, tra Vferenndobalho, essas urgências todas que gritam a toda hora. Urgências e nem tão urgências assim escancaram o tempo todo com apitos fofos e personalizados. Mas nem vamos falar disso... Esquece a disponibilidade para urgência. Tipo “não posso largar meu celular que o trabalho exige” ou “minha filha está com a babá” ou sei lá o quê... Não! Estou falando do que não é urgência. Não é trabalho. E a gente gasta horas e horas do nosso tempo desviando o olhar do real para o virtual.

Vocês sabem do que estou falando, né? Falo “a gente” porque tenho certeza de que está todo mundo junto nesse barco! Se não for todo mundo é QUASE todo mundo. É ou não é? Meus pais mesmo marcam encontros mil com grupos da faculdade, da academia (minha mãe foi bailarina), do não sei o quê. Tudo por Facebook!

a autora

em terra de
INSTAGRAM.
QUALQUER LIKE É
uma piscadela


a autora

Uma grande amiga voltou com o ex do colegial (e olha que nosso colegial já faz algum tempo) por conta de um like no Instagram. Outra terminou o namoro por conta de alguns outros likes que o (ex-)namorado dela deu numa mulherada aleatória aí. Ou seja, dar like é o novo olho no olho, né?

É o novo: “ei, estou aqui de olho em você”. Quase um “estou querendo”! Acho divertido até. Mas bem estranho! Não me acostumei muito com isso, apesar de entender como a máquina funciona. Conheci um menino tempos atrás pelo Instagram. Com dois amigos em comum, nunca tínhamos nos encontrado ao vivo. Ele me adicionou. Curtiu mil fotos. Eu vi. Ele me interessava. Adicionei de volta. Ele continuou nos likes. Like vai, like vem, e inventaram a direct message. Aí babou! Foi.

É mais ou menos essa a ordem natural das coisas, né? Você me segue, eu te sigo, trocamos likes. Você me manda inbox, eu te respondo, você pede meu WhatsApp, eu dou. A gente começa a falar por lá até o dia que você cria coragem e me convida para sair. Mais ou menos assim, né? Diz que like em foto antiga, então, é batata. Confere? Acho que sim! Em terra de Instagram, qualquer like é uma piscadela!

Essa frase aí de cima não é minha não! É de um amigo mulherengo que se dá superbem na paquera virtual e tem mil histórias para contar. Eu morro de rir. E segundo ele não existe um like em vão, pode apostar.

Acho que sou mais à moda antiga. Mesmo. Funciono melhor no ao vivo, com referência. Sabendo quem é, de onde vem, puxando a ficha antes, sabe?

Mas não descarto a possibilidade, não! “Nunca diga nunca” e tal. Só tenho um pouquinho de preguiça da paquera virtual. Muito por causa da oferta, porque penso que o cara que me dá like aqui está provavelmente dando like em mais quinze ali. Ele gasta o tempo dele com isso. Sei lá, começo sempre desconfiando.

Acho que bofe que é bofe e que está realmente interessado chega junto. Te acha. Te encontra. Vai até você e te convida para sair. Mas essa sou eu, né? Ao mesmo tempo, vejo mil amigas se dando muitíssimo bem. Um fim de semana cheguei a ir à praia com um casal de amigos que se conheceu pelo Facebook. Estão noivos! E eu sigo solteira. Ou seja...

Mas também seria hipocrisia se não dissesse que um likezinho da pessoa amada faz o sorriso sair solto. Fácil. Claro que sim! Que delícia que é. É instantâneo, né? Apitou, você leu o nomezinho ali, e o corpo todo vibra por dentro! Ô delícia. Alerta de que fulaninho curtiu sua foto faz qualquer

problema do dia virar bobagem, né? Tamo junto!

É o que eu disse no começo do texto: casa e divorcia, [a eQue de une e separa. Vai de a gente ter inteligência para usar todos esses canais da melhor maneira possível, a nosso favor. E confiar que, quando o príncipe chegar, se é que a gente ainda acredita em príncipe, ele só vai ter likes para você!

a autora

≡ 11 ≡

a autora

DESCONECTAR DELE PARA SE (RE)CONECTAR COM VOCÊ

No fim do meu último relacionamento, decidi que não tinha mais tempo para gastar sofrendo. Não perderia mais nem um segundo sequer da minha vida. Sabia que a dor era inevitável, que isso não teria como controlar, mas o sofrimento era opcional. E eu já tava certa da minha opção. Só não sabia como fazer isso.

Enquanto guardava todas as minhas roupas em malas para sair de vez da casa dele, sozinha, passava um filme na cabeça. Eu, minhas roupas, roupas dele, nosso (ex-)ninho, lembranças, cachorro, a xícara de café ainda meio cheia que ele largou na mesa antes de sair para o trabalho, o cobertorzinho sobre o sofá que ficou do filme que vimos na noite anterior antes de ir dormir. Ainda estava tudo ali.

Deus, na noite anterior a gente estava vendo um filme. Deitados, juntos, dividindo o sofá — e a colcha. Será que ele já sabia o que vinha depois dali? Eu, no fundo, bem no fundo, confesso que sempre soube. Não queria ver, não queria enxergar, mas já sabia.

Então tomei minha decisão baseada na emoção. Não sou boa de despedidas. Não saberia muito me despedir, olhar para trás, ponderar. Provavelmente porque dentro de mim eu já sabia que ali não era meu lugar. Que difícil que é enfrentar e terminar para ter que depois, um dia, recomeçar tudo de novo... E será que ainda vai ter alguém por aí para formar um novo par comigo? Ah, tem, menina. Sempre tem.

Ele saiu para trabalhar e enfiei todas as minhas roupas e meus pertences em malas. Estava com pressa. Com medo de ele voltar, de ter esquecido a carteira e me pegar naquela situação. Fui peça por peça e com elas a lembrança, o filme que passa na cabeça. “Quando foi mesmo a última vez que usei esse casaco?” “Essa calça que ele me deu.” “O pijama que usei no nosso último Ano-Novo juntos.” E nossa história já sendo abafada lá dentro, junto com cada peça de roupa. Cada acessório. Cada batom.

Muita coisa para pouca mala. Não cabia. Eu apertava, sentei em cima, fiz força para conseguir fechar. Era muita coisa mesmo. Consegui. Fechei. Dei um suspiro longo e profundo enquanto chamava o táxi. Guardei toda uma

história de vida e mais alguns sonhos dentro de seis malas e tranquei. O carro chegou. Deixei um bilhete, as chaves, e fui embora.

De novo um filme na cabeça. Por que não deu certo? Aquele tanto de perguntas para as quais não temos nem teremos a resposta. Uma angústia, um aperto. Comecei a chorar. Não sei direito por que estava chorando, mas não conseguia controlar. Devia ser susto. Ou medo. Medo de repetir sofrimentos profundos vividos no passado. Acho que era isso. Só podia ser. E por que eu teria que repetir aquela dor? Dez anos depois, sou outra mulher, e seria me subestimar demais achar que enfrentaria essa separação como aquela menina de vinte anos.

Eu me estudei pelo retrovisor do táxi, olhei no fundo dos meus olhos molhados, fixa e profundamente, prometendo para mim mesma que dessa vez seria diferente. Que eu não iria fugir da dor, porque é nela que se cresce, e não tenho nem nunca tive medo de olhar para mim e sentir. Caminharia junto com ela, de mãos dadas. Que usaria a dor a meu favor. Nada de tirar uns dias de folga, de se trancar no quarto escuro, de chorar até cansar e assistir à vida ir passando sem pressa do sofá. Isso não mais. Isso já fiz. Dez anos atrás. Não tenho mais esse tempo.

Fui criando estratégias. Não sabia como fazer, porque nunca fui boa disso — muito pelo contrário, sempre abracei a sofrência. E, de mãos dadas com a dor de um lado e minha analista do outro, fui construindo pontes, atalhos e sombras para refrescar no meio do caminho. Troquei de celular. Não queria mais as tantas memórias que o aparelho antigo me dava: mil fotos na galeria, ele no fundo de tela. Troquei logo o aparelho. Pedi para os amigos não me darem notícia. Para ele me respeitar e não me procurar. Nunca mais olhei nenhuma de suas redes sociais. Engraçado que essa é a parte que mais impressiona as amigas quando conto.

— Amiga, mas como assim NUNCA MAIS olhou?

— Nunca mais olhei, ué. Desde que terminei. Nenhuma vez.

— Não é possível. Como assim? Você nunca teve vontade?

— Vontade, não, mas curiosidade, sim. Vez ou outra, quando o Instagram insiste em me sugerir o perfil dele. Não sei onde ele passou o Ano-Novo, como está o cachorro, se ele engordou, emagreceu, se cortou o cabelo. Não sei absolutamente nada da vida dele.

E elas ficam em choque. Não passam nem um dia sequer sem fuçar a vida do atual. Ou do ex. Ou do futuro. Não entendem como eu consigo ter esse controle. E, olha, vou confessar que não foi nada difícil. Fiz uma escolha

séria, um pacto comigo. Tinha um longo trabalho de reconstrução comigo mesma para fazer. Qualquer coisa que me fizesse atrasar não faria sentido. Por que olhar para trás? Por que a gente tem esse fascínio todo de saber do outro? Eu queria mais era saber de mim. E no meu pacto entre mim mesma, minha terapeuta e minha dor, não olhar para trás era o primeiro item da lista.

Marquei uma viagem de um mês. Quatro países em trinta dias. Queria outros ares, outras pessoas, outras perspectivas. Queria ter menos tempo para pensar. Coisa nova para aprender, para ocupar. Queria trabalhar. Muito. Escrever, fotografar, filmar. Vez ou outra o pensamento teimava em lembrar, e eu logo entrava num museu para esquecer. Ou ria disso entre um parque e um vinho com o amigo que estivesse por lá. É o exercício de esperar passar. E durante ele, de novo, por que olhar para trás quando estamos caminhando para a frente?

Mas claro que sempre tem a notícia que chega e você não controla, a amiga que conta que encontrou com ele sei lá onde, a seguidora que manda inbox com foto (quantos e quantos eu recebi!) e não faz a menor ideia do processo pelo qual você está passando. E toca você ter que lidar com aquilo. Quem nunca teve uma amiga que veio contar que encontrou o ex com outra na festa? Aí tem que ser fortaleza. É ainda mais difícil pedir para não contar e te poupar, para não se preocupar que você tá muito bem, obrigada. E mesmo assim as pessoas ainda vão teimar em contar, pode apostar.

Gastar minutos com o mundo “maravilhoso” do Instagram do ex é jogar tempo no lixo, porque são cenários montados, é o que ele está querendo mostrar. O ex ou qualquer outra pessoa, no caso. Olhar demais para a grama do vizinho faz com que a gente se esqueça de regar a nossa.

E funcionou bem para mim desse jeito. Portanto, você, recém-solteira com dor para enfrentar, vá em frente. Sem medo. Dor não necessariamente implica sofrimento apenas. Se você preferir, fim pode ser sinônimo de renasc cimo queimento, recomeço. Só depende de você e de como vai resolver tocar a vida a partir daquele ponto.

a autora

GUARDEI TODA
UMA HISTÓRIA
de VIDA e mais
ALGUNS SONHOS
dentro de SEIS
MALAS & TRANQUEI

a autora

Teve notícias dele? Deixe passar, não aprofunde. Fuja de DRS, foque em você. Queira notícias novas para sua vida, comece a pensar desse jeito que as coisas vão fazendo sentido, prometo. É libertador não ter que pensar que o cara está aqui ou ali, fazendo essa ou aquela viagem, ou que ontem foi àquela festa porque vi no post dele. Para quê? Por quê? Por que eu faria isso comigo? Por que me distrair tanto assim de mim? Aí são dez passos atrás e só depois mais dez para a frente até voltar para onde estava originalmente. Entende a matemática?

Escolha você, minha amiga. Trace metas, objetivos, viagens. Faça outros grupos de amigos. Escolha novas músicas. Desfrute da sua companhia. No fim do dia, estamos sempre sozinhos. Quando fechamos os olhos todas as noites, é a gente com a gente mesmo. Seja doce. Se cuide. Que ao se cuidar, legitimamente, em primeiro lugar, prometo que o Universo (mais do que nunca) cuidará de você.

a autora

≡12≡

a autora

DEDO PODRE

Sou intensa. Não tenho medo de viver histórias de amor. Se aparece alguém que desperta o coração (tudo bem que é difícil aparecer, mas quando aparece...), eu me jogo mesmo. Corro todos os riscos. E muitas vezes as coisas não saem do jeito que a gente gostaria. A velha história de criar expectativa, sabe? Então...

Todo mundo avisou que o cara não valia nada. T-o-d-o m-u-n-d-o! Mas SEMPRE achamos que com a gente vai ser diferente. Então pagamos para ver. E quebramos a cara! Às vezes quebramos a cara antes mesmo de pagar para ver, né? Também acontece muito. Lembro que na adolescência eu amava pensar que “todo cafajeste se apaixona”. “Uma hora se apaixona.” Ficava repetindo isso para mim mesma tipo mantra, como se fosse atrair, sabe? Tadinha! E não é bem assim que a banda toca.

Nesta época em que a oferta está grande, os encontros são rasos e monogamia é difícil de achar, temos que aprender na marra a lidar com a frustração, com todas elas. Quando ele preferiu a outra, quando não quis namorar, quando sumiu, quando furou ou quando estava com você e mais quatro ao mesmo tempo. É tipo “se vira, garota”!

Ninguém explicou como sair dessa, como fazer para doer menos. Não existe um guia prático tampouco uma previsão de quando isso vai passar. E dói. Muito. Demais. Aliás, tem vezes que dói tanto que a sensação é de que o mundo vai acabar. Que tomar um banho e passar um batom vira missão impossível. Quem nunca? Eu já, e muito! Foram anos e anos solteira trombando com caras errados. E tô aqui, vivinha, escrevendo para vocês.

A parte boa de tomar um pé na bunda (juro que tem parte boa) é que a responsabilidade é toda do outro. Foi ele quem escolheu assim, não temos nada a fazer. A não ser que você tenha dado motivos para o cara. Tipo se ele pegou você com outro, por exemplo. Mas aí nem é classificado como pé na bunda, né? Isso já entra em outra categoria. Estamos falando do pé na bunda sem motivo, que você é surpreendida. O cara não quis namorar você? Azar o dele! Nada pior do que a dúvida, o “e se”. Se a “culpa” é sua, se a “bomba” está na sua mão, o “e se eu tivesse feito fenascara. Tipdiferente” vai soprar sempre no seu ouvido. Agora, se foi ele quem escolheu, que durma com esse

barulho. A sensação de ter feito tudo o que podia (dentro dos seus limites, eu espero!) acalma e muito o coração. O que não tem remédio, remediado está.

E, se esse cara não quer mais nada, você tem todo o direito do mundo de dar aquela chorada, de achar que o mundo está contra você, de fazer o bom e velho brigadeiro de panela e esperar passar. Porque passa! Juro que passa. Já doeu muito por aqui e passou. Pode até demorar, mas prometo que a gente fica nova em folha.

Aí, o que vale é tirar o aprendizado para não repetir o erro. Construir a relação (nova) no dia a dia. Sem expectativa. Em cima das atitudes, dos momentos, do tal do olho no olho. Brinco que saber ler o olho do outro é uma arte valiosa. Começar confiando, mas não fechar os olhos totalmente. Estar atenta aos sinais. Se a gente quiser ver, está tudo ali. E escolher direito! Escolher o cara legal, que faz bem, que faz rir, que não titubeia, sem conversa mal contada.

a autora

sempre achamos
QUE COM  GENTE
vai ser DIFERENTE.
ENTÃO PAGAMOS PARA VER.

quebramos a cara!

Costumo dizer para as amigas que relacionamento saudável flui desde o primeiro encontro. Acredito mesmo nisso! Não tem espaço para insegurança, dúvida. Quando você pensou “bem que ele podia me ligar” o telefone já estava tocando, e é aí que o encontro realmente acontece! O.k., tudo bem, não é uma regra. Mas os casais mais legais que conheço começaram assim.

Claro que não é fácil. Que, enquanto essa pessoa não aparece, faz parte quebrar a cara com uns e outros errados. Nem teria graça se não fosse desse jeito. Então bora simplificar! Aceitar o pé na bunda com humildade, sem insistir no erro, e esperar passar para abrir caminho para o próximo. É difícil para todo mundo. Acontece nas melhores famílias. Então ria da própria dor. Ria, chore, sinta. Viva! Porque passa, juro que passa.

a autora

≡ 13 ≡

a autora

UM DOMINGO QUALQUER

Acordei e como de costume joguei o braço para o lado, para abraçar o Felipe, ainda com os olhos fechados. Meio que como uma coreografia que se repetia todas as manhãs. Era meu jeito de acordá-lo e de despertar. Só que joguei o braço e ele não estava. Eu estava sozinha na cama. Já faz um mês que acabou e eu ainda não acostumei. Parece que foi ontem. Ainda jogo o meu braço para o lado direito da cama todas as manhãs antes de abrir os olhos. Sinto o cheiro dele, a presença. Escolho ter um dia bom, pensar em mim. Caminho até a cozinha e bato o olho na caneca do Palmeiras. Penso em jogar fora logo de uma vez, mas ainda não me sinto preparada. É mais um exercício matinal que se repete desde o dia que ele saiu de casa: lutar contra a caneca do Palmeiras.

Perco a fome. Faço um café. Entro no banho. Piso com os pés molhados no tapete (ele odiava quando eu fazia isso, agora faço com gosto). Escolho uma roupa confortável, feminina. Um vestido. E lembro que hoje é domingo. Não tem trabalho. Não tenho compromissos, nada marcado com ninguém. Quem foi que inventou os domingos? Dia melancólico. Queria poder pular, ir direto para a segunda-feira frenética. Mas não, não tem como. Terei que enfrentar mais essa, mais esse. No caso, mais um domingo.

Resolvo sair de casa. Está um dia lindo, com sol. Sol meio que obriga a gente a sair de casa. Eu queria era que na. Tiidth="1tivesse frio e chovendo, para eu justificar um edredom e o quarto escuro o dia inteiro. Mas não. Está um dia ensolarado e feliz. Portanto, vamos vencer esse dia e ver se tem alguma amiga disponível por aí para se divertir. Caso se divertir seja pedir demais, distrair já seria bom. Não é trancada em casa que a vida vai poder me surpreender, minha mãe sempre me disse isso. Tentei a Maria. A Joana. A Leila. A Beatriz. Ninguém disponível. Vou ter que me virar sozinha.

Decidi caminhar até a livraria que fica na esquina de casa. O elevador ainda me traz memórias. Trinta dias depois e eu só penso no reflexo dele naquele espelho. Quanto tempo leva para mudar essa referência, meu Deus? Para esse espelho voltar a ser só meu? Do jeitinho que era antes de ele chegar? Cheguei à livraria. Ler. Programa solitário que adoro. Não preciso de ninguém para ler um bom livro. Aliás, quanto menos pessoas à minha volta,

melhor.

Ele nunca me deixava ler. Ficava me fazendo perguntas ou comentando alto o jogo de futebol. Eu nunca conseguia me concentrar. Acho que não cheguei a terminar nenhum livro enquanto a gente estava junto. Ele não gostava de ler, não lia nem jornal. O único livro que tinha lido na vida era o da história do Palmeiras, eu já devia ter desconfiado. Ali eu já devia ter sentido, previsto. As fichas tinham que ter caído. Aff, hora de fazer uma autofaxina. Tirar de dentro todos os restos dele. Como se faz isso? Por onde começa?

a autora

· VOCÊ ·
se acostumou tanto
A ESTAR MAL
QUE JÁ ESTÁ PRONTA
PARA OUTRA
e nem
TINHA SE DADO CONTA

a autora

Experimentei começar por um livro. Um romance. De uma autora que sempre mexeu muito comigo. Eu me enfiei dentro do livro, me deixei levar. Fui com ele. E consegui focar, ler e reler, ocupar meus pensamentos com aquelas palavras. Eu me dei conta, no capítulo três, que tinha conseguido embarcar. Estava entregue a outra história que não a minha, e isso era tudo de que eu precisava. Abri um sorriso leve. Deu fome. Eram três da tarde e não tinha comido nada. Pensei em pedir aquele chinês de sempre, que a gente comia duas a três vezes por semana. Não. Esquece. Nada de chinês. Vou atrás de outra coisa. Deixa eu procurar na internet. Árabe, de repente. É, árabe pode ser bom. É isso, árabe. Fiz o pedido.

Meu telefone tocou. Era a Joana. Estava saindo do batizado do afilhado e queria me encontrar. Chamei para vir para casa, que tinha pedido comida para uma família inteira. Ela topou. Veio. Comemos árabe. Abrimos um vinho. Escolhemos um filme. Onde eu estava esses dias que não vi esse tanto de filme novo que lançaram? Quanta coisa boa! Que sensação maravilhosa que é sobrar opção! Escolhemos um drama. Lindo, lindo, lindo. Choramos e rimos horrores. Depois de duas garrafas de vinho, então, ficamos as duas falando horas sobre o filme. Joana se despediu. Quase uma da manhã e as duas acordariam cedo no dia seguinte.

— Tchau, minha amiga! Que bom ver que você tá bem! Feliz! Amanhã nos falamos.

Eu estou bem? Feliz? Fiquei pensando no que a Joana falou antes de entrar no elevador. Feliz? Eu? Não... Eu estou em pedaços. Luto cada segundo para enfrentar a dor, a vida, a nova vida. Estou em período de readaptação. Mas ela disse que estou bem. Joana me conhece tanto. E disse que estou bem. Será que estou bem? Quanto tempo será que dura, em média, um período de readaptação? Quanto tempo para curar a dor de amor? Tem algum estudo? Alguma média? Alguma regra? Trinta dias depois que ele saiu de casa e a Joana acha bom que eu estou bem?

Refiz o domingo inteiro na cabeça. Desde o momento em que joguei o braço para o lado e não havia ninguém ali. Ri por dentro. Me acostumei a sentir falta d sentma. ele lá. Que loucura minha. E fui seguindo com o doce domingo na cabeça. Passou rápido. Voando. E foi doce. Do jeito que um domingo tem que ser. Quem será que inventou o domingo, para eu encher de beijos? Ri de novo com meus pensamentos.

Lembrei do livro largado na quina da mesa. Segui a partir de onde tinha

parado, o capítulo oito. Me deu sono. Coloquei o pijama mais gostoso e sorri para mim de novo quando me olhei no espelho. Escovava os dentes e sorria, quase orgulhosa. Queria poder me abraçar, me fazer um carinho. Sequei o rosto e me olhei de novo no espelho. Me peguei gargalhando, sozinha e falando alto comigo mesma:

— Estou bem mesmo. Sua doida. Você é uma doida. Você se acostumou tanto a estar mal que já está pronta para outra e nem tinha se dado conta.

Apaguei as luzes e me deitei ainda com o sorriso no rosto. Rezei. Agradei. E capotei, que amanhã é segunda.

a autora

≡ 14 ≡

a autora

CHÁ DE SUMIÇO

Vê se você enxerga alguma semelhança. O cara te escolhe. Começa a te seguir em todas as suas redes. Você nunca tinha reparado nele. Ainda. Mas aí ele te segue em tudo, chama a sua atenção, te dá atenção. Ele sinalizou que está a fim. Pediu para ser amigo no Facebook. Seguiu no Instagram. E, quando te encontrou na night, focou. Gastou uma noite inteira trabalhando em você. Conquistando. “Pô, esse cara é bom!”, você pensa. Focado. Me quer.

Tem uns que investem anos, de pouquinho em pouquinho. Aí você pensa “me quer muito”. Está empenhado. Pronto, ele já acendeu um alerta na cabeça da carente que nem achava o sujeito lá essas coisas, mas que, depois desse tanto de atenção e do tempo investido, começou a vestir roupinha de príncipe.

Você nem se dá conta e já está no Instagram do ex-sapo com sorriso solto. Sabe quando a boca ri sozinha? E você percebe o sorrisinho safado de canto de boca que está dando e se pune mentalmente? Então. Estão me acompanhando, né?

Aí ele pega seu telefone. Sabe lá Deus como ele aparece no seu WhatsApp colorindo t-o-d-o-s os seus dias. Do bom-dia até o boa-noite. Putz, ele não comete erros de português. Ô glória! Ele tem sacadas ótimas, te faz rir. E declara o quanto te deseja. Te faz sentir desejada. Cava intimidade. E consegue rapidamente conquistá-la.

Quando vê, já está falando com esse cara 24 horas por dia. Você sai de uma reunião importante e tem mensagem dele perguntando se fechou o negócio. Oi? Uma semana atrás eu mal conhecia esse moço e ele está por dentro até do meu jurídico? Socorro! E, ao mesmo tempo, ama que ele já esteja presente dessa maneira. Nossas contradições; o que seria de nós sem elas? Mais um sorrisinho safado quando encontra a mensagem dele depois da reunião.

Sorrisinhos safados mil a cada mensagem dele que chega. As milhares de vezes que te procura ao longo dos dias registrando que você não sai da cabeça dele. E, nessas, o cara vai entrando cada vez mais e mais dentro da sua. Aí babou. Esquece. Perdeu a batalha!

Terreno arado. Pronto. Você já está derretida e certa de que o homem está na sua. Pô, não tem como ele administrar mais que uma nessa intensidade. Isso que ele está vivendo é só comigo. Só pode ser só comigo. Sei que esse cara está na minha! (A gente sempre sabe. Ou ACHA que sabe!) A pessoa já se sente namorada sem nem ter tocado, sabe? Sei que você sabe! ;)

Aí o encontro acontece. O beijo acontece. Você ouve fogos de artifício e pensa que enfim chegou sua vez. “Como eu não tinha olhado para ele antes?” A química rola súper e você já está completamente entregue aos braços dele. Fazendo planos. A cabeça já está nos filhos lindos que vocês fariam. E que delícia que é ser escolhida, conquistada, bem tratada. Ele escolhe o vinho. É doce quando tem que ser. Sagaz. Inteiro, maneiro, malandro. Até aqui estou falando de malandragem boa, uma pitadinha de malícia que acho que todo homem tem que ter. Deixa a malandragem que não é lá tão boa assim mais para o final deste texto.

O.k. Estamos nas nuvens. Tudo muito bom, tudo muito bem. Que noite deliciosa. Aí vem o *day after*. E não estou falando nem que a personagem da história tem necessariamente que ter transado com o fofão, não. Nada. Isso não é uma regra. Quando digo dia seguinte, me refiro ao dia em que você saiu com o cara e ele percebeu que a gata que nunca tinha dado bola antes agora está c-o-m-p-l-e-t-a-m-e-n-t-e encantada. Na dele. *All in*, sabe? Aí, meu bem, o controle do video game passou para a mão dele.

Dia seguinte? Cri cri cri (alerta barulhinho de grilo!). Ele te escreveu com aquele bom-dia delicioso de sempre? Lembrou da sua reunião importante? Mandou foto no meio do dia? Deu like em t-o-d-a-s as suas fotos como andava fazendo? Não? Nada dele aí? Pois é... Nem aqui!

— Amiga, ele focou. Cinco anos! Cin-co a-n-o-s atrás de mim até me conquistar! Você se lembra do meu aniversário de 23? Que ele apareceu com flores na frente de todo mundo? Depois no de 24, 25. Quando fiz 28, ele conseguiu. Ficamos uma vez. Uma única vez, entendeu? Ele se despediu e não voltou nunca mais. Chá de sumiço. Foi comprar cigarro e nunca mais voltou. Sem nem sequer dar uma explicação.

Às vezes me pergunto se eles têm consciência. Porque se um cara está a fim e eu não, dou uma resposta mais direta para deixar claro que não vai rolar, mas aquilo já me deixa meio mal, sabe? Culpada. Imagina essa gente que brinca com o coração dos outros? Eu, hein.

— Pô, amiga, nada mais apaixonante do que cara de homem apaixonado. Estava na cara dele. Ou eu leio muito mal ou ele finge muito bem, o que é

uma puta sacanagem.

Essa foi a história que uma amiga dividiu comigo depois que o cara foi embora e nunca mais voltou. Ele tinha voado do Rio para São Paulo só para fazer o encontro dos dois acontecer. Era o papo que ele contava, pelo menos. Disse ela que foi tudo lindo. Dormiram juntos. Acordou, tomou café, desejou bom-dia e n-u-n-c-a m-a-i-s voltou. Ela escreveu, mandou uma, duas mensagens e nada. Nem uma mensagenzinha sequer.

Os sorrisinhos safados se transformaram em aperto no coração de esperança a cada toque de alerta de mensagem. Mais aperto ainda com a frustração de não ser ele em nenhuma delas. Tem uns (com um pouquinho mais de consciência, acho) que até dão umas respondidas. Escrevem uma bobagem ou outra enquanto vão saindo de fininho. Menos duro que o chá de sumiço que te deixa sem entender completamente nada. O que sai de fininho vai fazendo a coisa esfriar. Te enrola mais um pouco, mas não te chama para sair. Vai sumindo, sumindo, sum...

Chegamos à outra malandragem que citei antes, a tal da malandragem ruim, a que a gente não quer que o cara tenha. O lado feio da malandragem masculina. Digo masculina porque só me relacionei com homens até aqui, portanto é deles que estou falando. Que graça é essa? Qual é a emoção de conquistar para depois jogar {depr. Era o pfora? Para pular a melhor parte, que é a de aprofundar? O ser humano pode ser bem esquisito mesmo. Muito maluco. Se eu estou anos a fim de um cara, insistindo na conquista e quero fazer dar certo, a gente tenta. Insiste. Experimenta.

Se não deu química? Se ele voltou com a namorada? Se ele só queria te conquistar mesmo? Se ele curte a brincadeira e depois perde a graça? Se você estava com mau hálito no dia? Vamos considerar toda e qualquer possibilidade. Ou melhor, não vamos! Porque elas são infinitas, e a resposta você só encontra com ele. Então o que eu digo? Ele não ligou? Liga você. Mulher. Madura. Doce. Objetiva. Ele não contou por que sumiu? Pergunta para ele. Pare de remoer possibilidades. Numa boa. Papo adulto, direto e reto. Pior do que está não vai ficar.

a autora

PARE
de
REMOER
POSSIBILIDADES
numa boa.
PAPO ADULTO,
DIRETO E RETO.
pior do que está
NÃO VAI FICAR

a autora

Não confie jamais na cabeça de uma mulher (estou falando da sua mesmo, no caso) com ciúme, machucada ou com ego ferido. Faça isso não. Às vezes a situação pode ser mais simples do que parece, pode não ter absolutamente nada a ver com você. Olho no olho do fofo, pergunte o que rolou. Vá musa e diga que é uma pena, porque você queria ter experimentado mais. Acenda o pavio da bomba na mão dele e saia de fininho. Com classe. Desfile. Aí é abrir um vinho com as amigas para dividir o desfecho e brindar mais um aprendizado para contar no final. Porque, nesse caso da minha amiga, ou a gente lê muito mal ou eles fingem muito bem. Vivendo e aprendendo.

a autora

≡ 15 ≡

a autora

MANUAL DAS AMIGAS SOLTEIRAS

A gente costuma preferir nossas amigas quando elas estão solteiras, né? Assim podem nos acompanhar em viagens, shows ou festas. Sabemos que elas vão ter tempo para a gente. Não é assim que funciona? Então, não. Nem sempre.

Eu tenho (algumas) amigas que prefiro namorando. Se estão felizes com suas vidas amorosas me interessam muito mais. E, quando solteiras, nem tanto. Vou tentar explicar.

— Amiga, ele tá aí. Tô tremendo inteira.

— Quem, amiga?

— Lembra do Felipe? Com quem eu sonho há anos e que sempre namorou? Então, é aquele de blusa azul. Ele agora tá solteiro. Sério, tô suando frio, mas vou agir com naturalidade.

— Sério? Não achei nada de mais. Achei sem graça. Você falava tanto que esperava muito mais.

Cinco minutos depois e a amiga que não achou o Felipe nada de mais está pedindo um cigarro para ele. Puxou um assunto. Sorriu. Sorriu um pouco mais. Encostou a mão no ombro dele. E voltou. Achando que só ela é esperta no mundo.

Digo mais: se ficasse com o Felipe, ela diria superconvicta que não teve culpa. Que foi ele que vidrou nela, focou nela desde o começo da noite e essas coisas acontecem. Oi? Só faço rir quando assisto a essa história se repetir. Comigo (quem nunca?) e com as amigas em volta, porque acontece toda hora. Por isso digo que certas amigas eu de fato prefiro namorando. Não são todas. Geralmente são as mesmas. E eu rezo todas as noites para que sejam muito felizes com seus namorados, casem e tenham filhinhos. Pelo bem da nossa amizade!

Não existe um guia didático do que fazer ou como se posicionar, né? Não tem. Deveria ter, mas não existe. E a gente ainda tem que ouvir que “bebi demais”, “ele veio atrás de mim”, “imagina, nunca pensei em nada com ele”, “somos só amigos”. Como se você não tivesse visto a fofa

sensualizando para o bofe desde o primeiro momento. Nesses casos a gente costuma sentir logo no início, né? Eu, pelo menos, sempre sinto. Tipo de coisa que a gente percebe, mas que não tem como provar nem argumentar. Tipo “eu vi que você sorriu e encostou a mão no ombro dele”. Oi? Ainda corre o risco de ela te acusar de ser louca: “Qual é o problema de pedir um cigarro? Foi a primeira pessoa que apareceu na minha frente!”. E assim a relação de vocês vai ficando completamente vulnerável.

Como um cara que você mal conhece, que nunca ficou nem nada, pode ter o poder de destruir uma amizade de anos? Sim, porque acontece. Amizades de infância são rompidas por conta de um ou outro bobão que nenhuma das duas nunca mais vai ver na vida. E aí? Valeu? Vocês veem alguma lógica nisso? Eu não. Nenhuma.

Então vamos tentar organizar, deixar menos difícil. Não faz mais sentido priorizar a amiga de anos? Isso não significa que ninguém precisa abrir mão de sentimento nenhum, de viver o que tiver vontade de viver, não é isso. Juro que dá para fazer tudo isso e AINDA ser leal com sua amiga. Olha que coisa maravilhosa, não? Vamos lá:

1. SE O CARA PEGOU A SUA AMIGA, DELETE! Nada mais atraente em um homem do que uma bela mulher do lado. É ou não é? Eu sei que é. Você nem queria o cara que te queria, mas ele desistiu de insistir em você e apareceu minutos depois de mãos dadas com uma gata. Você NA HORA se arrepende e começa a achar o cara BEM interessante. Vai dizer que não?

Botou uma mulher com o fofo e ele vira muso. E você quer ele ainda mais. Mas isso é bobagem. Ego. Competição boba. Chamem como quiserem, só não caiam nessa. *Please*, não! Já acho roubada o cara com qualquer mulher (interessante ou não) do lado. Se ela for sua amiga então, fuja! Furada.

Se o cara pegou sua amiga, ele morreu para você. Pelo menos nos próximos dias. Eu diria meses. Caído duas amigas dividindo o mesmo cara, acho que pega mal até. Amigas, amigas, amores à parte! Portanto, nada de olharzinho, risinho, adicionar o cara no Facebook, no Instagram, WhatsApp. Nada disso.

O bofe é da amiga, então deixe ele para lá. Nada de confundir o cara, de querer virar melhor amiga, desabafar, criar intimidade. Nada disso, o.k.? Respeite o bofe da amiga para poder cobrar respeito com o seu. E para ser respeitada, claro. Segure sua onda.

2. BOFE NOVO NA PRAÇA: QUEM PEGAR, PEGOU! Aí tem aquele bofe novo, que

nunca ninguém viu, que ninguém sabe de onde veio e que todas querem. Acontece muito também. Carne nova aparece e as amigas todas enlouquecem. Está tão difícil de achar gente diferente, né não? São sempre as mesmas pessoas. Aí, meu bem, é cada uma por si e Deus por todas. Parabéns para a vencedora!

O cara escolheu sua amiga, larga dele. Ele a escolheu, pronto, acabou. Tanto homem no mundo. Bora se valorizar para ser valorizada no final. Hora de olhar para o lado e esquecer, mudar o foco. Tá fácil também, você acabou de conhecer, sabe nada dele, nem tem como estar tão a fim. Batalha perdida. Amanhã você já nem lembra o nome dele. Prometo.

3. EX DE AMIGA TEM QUE SER MULHER! Salvas raríssimas exceções de quando a amiga não está mais nem aí MESMO para o cara, ex é ex e a gente tem que respeitar. Não acho qu. N fácil e ninguém é dono de ninguém, o tempo passa e novos encontros podem acontecer. Mas o ex da amiga? Se a gente pode, por que não evitar, né?

Não deu para evitar? Aconteceu? Você se apaixonou pelo ex da amiga e não vai conseguir passar por cima disso? O segredo é nunca passar por cima dela. Feio não é sentir vontade, feio é fazer pelas costas. Querer se dar bem. Fora que você só vai se queimar com o cara. Não tem como ser bonito passar o outro para trás, sabe?

Se puder evitar qualquer aproximação com o ex da amiga, acho sempre a melhor solução. Sempre o mais saudável para a relação de amizade de vocês. Agora, se você se apaixonou, se está mais forte que você, senta com ela e abra o coração. Nada melhor.

4. NÃO DÁ PARA QUERER TODO MUNDO! Tem aquelas amigas que querem todo mundo, né? Querem todos-ao-mesmo-tempo-agora, sabe? Reconheceu o perfil? Tipo, ela entra na festa e já sai apontando para os três mais gatos dizendo que “quer” ou “quis” ou “que tem uma história”, deixando as amigas todas sem opção!

Alou, Brasil, voltemos ao número dois da nossa lista: bofe novo, quem pegar, pegou! Também tem as exceções dos amores platônicos, aquele cara que a amiga é apaixonada há tempos e nunca pegou. Aí ele não é novo, né? Se já aprofundou sentimento com alguma amiga, deixa de ser novo e já entra em outra categoria.

Mas, minha gente, escolhe um (UM) foco e vai. Até porque se trata de uma só boca, e o mundo não vai acabar amanhã. E outra, falar demais também só atrapalha e pesa o clima. Tem que deixar fluir. E o que for para ser seu vai

fluir. Não dá para bloquear geral, não tem como, não!

a autora

SE PREOCUPE EM
seduzir sua amiga,
E
NÃO O BOFE DELA.
PORQUE É ELA QUE
vai com você
ATÉ O FINAL

Tenho para mim que o cara que mais vale a pena é o que te escolhe. Que não titubeia, sabe? O cara me ganha quando ele foca. O que faz graça com uma e com outra perde completamente o sentido para mim. Eu não tenho energia para isso. Não dou conta, não. Então sigo esse critério próprio de seleção. O cara tem que me querer m-u-i-t-o para fazer valer. Talvez por isso eu não entenda muito a disputa entre amigas (ou nem tão amigas!) para chamar o bofe de seu. Será que vale mesmo a pena? Eu acho que não.

Meninas, se unam! Joguem junto. Vamos levantar a bandeira da sinceridade. Da camaradagem. Da amizade. Parem de jogar suas amigas pela janela, pois confiança uma vez que se perde é difícil de recuperar. Se preocupe em seduzir sua amiga, não o bofe dela. Porque é ela que vai segurar sua mão quando eles te derem trabalho. Ela vai com você até o final.

Bora se proteger. Fechar com a amiga. Falar de coração aberto. Sem maquiagem. Sem enganar. Sem querer o que é do outro, ou querer que o outro não tenha. Sentimentos que a gente finge que não sente, mas que todo mundo sente. Temos que confiar mais no Universo. Na ordem natural das coisas. Na gente. Principalmente na gente. Afinal de contas, o que é do homem o bicho não come. E a gente colhe o que planta. Então mais amor, por favor. Mais serenidade. Mais amizade.

Juro que o mundo não vai acabar amanhã e que você tem uma vida inteira para conquistar novos amores. E que eles sejam só seus enquanto durarem. De mais ninguém. Com as amigas do lado para rir ou chorar no final. Acho que é mais por aí. Boas novas histórias para a gente. ♥

a autora

≡16≡

a autora

UM É POUCO, DOIS É MELHOR%

Eu sempre achei meio impossível se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo. Meio surreal. Talvez por eu ser bem intensa quando me apaixono. Por amar demais quando amo. Sem querer desmerecer o de ninguém, mas haja amor para amar duas pessoas ao mesmo tempo. Não sei bem como essa matemática acontece ou a distribuição disso porque nunca passei por essa situação. Mas sei que acontece.

Na minha cabeça, originalmente a coisa era mais simples. Tipo, tá a fim de dois caras? Então não gosta de nenhum. Calma, vamos lá: gostar, superpode gostar. Mas não aaaaaama, né? Não é louca-apaixonada. Porque tem o outro. Se não rolar cinema com esse hoje você não vai morrer, vai ligar para o outro e propor de jantar. Sei lá. Talvez se os dois tiverem indisponíveis dê um bode e tal, mas tudo certo. E, quando começar a gostar de verdade de um deles, o outro carinha (eram dois, lembra?) passa a perder espaço inevitavelmente. Tipo ordem natural das coisas.

Fora a minha adolescência, que foi bem animada, não me lembro muito de ter que dividir a agenda. Sempre fui de histórias pontuais. Um de cada vez. Viver uma coisa até o fim para começar outra. Eu me atrapalho toda para administrar e acho que meu coração funciona melhor desse jeito. Na minha cabeça sempre funcionou assim! Para mim, a pessoa que possui duas opções tem tudo sempre sob controle. Está com duas opções porque ainda não escolheu o favorito. Porque provavelmente não gosta de nenhum. Só que não. Já vi de perto. Com meus próprios olhos. E é bem mais complicado do que parece.

Dá para gostar de fato de dois caras, fruto de uma situação que fugiu do nosso controle. Porque aconteceu. Nesse caso, por mais que saiba que terá que escolher em algum momento, você se vê incapaz de sequer pensar nessa decisão no momento. A pessoa casada, que ama o marido ou namorado e conhece uma nova, por exemplo: pensem no drama? Jura por tudo que ama muito o namorado, quer casar com ele, mas que não se imagina sem esse outro, com quem vem (também) se relacionando há um ano. Oi? Sim, isso aconteceu. E eu estava lá, para ouvir o choro e o desabafo da amiga.

Você pode pensar: uns com tanto, outros com tão pouco. Eu, depois de

segurar as mãos dela pós-confissão, digo que é sorte a nossa de ter que lidar com o “tão pouco”. Que eu não trocaria a paz da minha solteirice pela angústia da vida dupla que ela estava vivendo por nada.

Minha amiga tinha dois bofes incríveis na mão e SOFRIA. Como quem termina um namoro. Sofria de verdade, e eu fui cúmplice. Sofria com a possibilidade de fazer os dois sofrerem. Claro que, se a gente for analisar a história como foi contada, ela é a vilã, né? Pois é. Mas ela não é. Tem um baita coração! E depois dela já ouvi um tanto de história parecida por aí. Acontece muito. Nas melhores famílias.

Escolher a cor do esmalte já é difícil. Bora parar para pensar em escolher entre duas pessoas? Igualmente maravilhosas e dispostas a te namorar. O que falta em um, sobra no outro e vice-versa. Olhando de fora, sei que parece o melhor problema do mundo, mas, acredite, de perto é avassalador.

a autora

eu não trocava
a paz da minha
SOLTEIRICE
pela angústia
→ da vida dupla ←
∞

a autora

E a vida vai seguindo. E vai doendo mais. Você vai postergando uma situação que não é legal para ninguém, nem para você. E o coração vai apertando. Mais e mais e mais. Até explodir. O da minha amiga gent (tamexplodiu no momento em que ela decidiu me contar. Foi por telefone, estávamos em cidades diferentes, então eu nem pude ir abraçá-la. Deu. Chega. Foi até o limite dela, e tinha chegado a hora da escolha definitiva.

E como é que se dá conselho uma hora dessas? Escolho o meu favorito? Com quem me dou melhor? Nuuuuuuunca, jamais! Jamais me responsabilizaria nem influenciaria uma coisa tão séria. Coisa que só fechando os olhos e olhando para dentro. Ela com ela mesma, no silêncio do quarto, acessando a intuição. E ainda assim correndo seríssimo risco de errar. Errar... Não sei bem se escolhi a palavra certa aqui, mas, enfim, fiquemos com errar. É errando que se aprende, né? Então serve.

Outra coisa que eu costumo dizer nessas situações mais chatas, na hora de arriscar terminar um namoro, escolher entre esse ou aquele cara, é: NADA É DEFINITIVO. Repeti isso muitas vezes para ela. Fora a morte, nada é definitivo nesta vida. Então, acho um bom exercício a gente tirar esse peso das nossas escolhas. Não estou falando para dar menos importância na hora de escolher. Jamais. Toda a importância do mundo para qualquer escolha (da mais boba até a mais decisiva), mas, depois de feita, entrega. E espera a vida responder.

Escolheu? Terminou? Casou? Traiu? Brigou? Pediu demissão? Seja qual tenha sido a escolha que possa estar te assustando, respire fundo e espere o medo passar. Porque, se não funcionar, a gente sempre pode dar meia-volta e ir atrás de consertar. Reverter. Caminhar em outra direção. Mudar a rota.

Para toda amiga que termina namoro eu faço esse discurso. Por que sofrer pensando que você nunca mais vai beijar aquela boca, dormir com ele, ou seja lá quais forem as suas nostalgias precoces desesperadas, se você não faz ideia de como o futuro vai se encaminhar?

Não estou nem falando de coisa de destino, “o que tiver que ser será”, nem nada disso, porque acho uma maldade vir com frase de autoajuda simplista para quem está mal. Estou falando da realidade mesmo. Você não sabe se realmente nunca mais vai beijar a boca desse cara de novo. Pode ser que beije, porém pode mesmo ser que não. Só que você não sabe. Então por que colocar toda a intensidade do sofrimento em “uma vida inteira sem ele” a partir de hoje se você pode pensar que apenas “hoje” vocês não estão mais juntos? Amanhã a gente já não sabe. Mas “hoje” você tem que tocar sem ele.

Em 2014 uma amiga decidiu largar o namorado de cinco anos para viver uma história com um outro cara que havia conhecido há um. Que nunca tinha saído de dentro de um quarto com ela, já que viviam uma vida escondidos. E estava APAVORADA de medo de se arrepender, os cinco anos e tal.

E é a mesma história: disse que ela estava escolhendo não estar com ele amanhã, na próxima semana ou quem sabe nos próximos meses. Para ela não colocar o peso de ser o fim de uma era. Se lá na frente ela visse que o cara novo não era o certo, era só recalcular a rota.

Pois bem. A amiga amada largou de fato o namorado e ficou quase um ano com o outro menino. Hoje, três anos depois, está de volta com o ex. Estão noivos. Teve que recalcular tudo de novo, foi necessário. Arriscou perder de vez para viver o que achava que tinha que viver. E no fim das contas tudo se encaixou.

Diz se viver não é isso? Recalcular a rota cada vez que as coisas não estiverem fazendo sentido. E escolher de novo qual o melhor percurso. E de novo, e de novo, e de novo. Até a hora de acertar!

a autora

lig que vi 17

a autora

BOBEIRITE AGUDA

Já ouviram falar de bobeirite aguda? É provável que sim. Quem não ouviu deve saber exatamente do que eu estou falando. Só não ligou o nome da “doença” aos sintomas. Eu explico.

Sabe quando você começa a sair com alguém, tudo lindo, vocês vivendo a conquista, se entendendo, tudo certo? Ele liga sempre que tem que ligar, cumpre tudo o que combina, sem bola fora. Comecinho, né? *So far, so good.*

Aí vocês começam a ter um pouco mais de intimidade e se encontram mais duas, três, quatro vezes. Estou falando de comezinho, comezinho! Tipo uma semana, dez dias depois do primeiro encontro. Tudo fluindo. Você nem acredita que está dando tão certo. Você se envolve, se entrega. Mas tudo bem, né? Está tudo fluindo mesmo. Até que...

Até que a tal bobeirite aguda ataca e coloca tudo a perder. Bobeirite aguda? Como assim? Explico: um belo dia você olha nos olhos desse possível próximo amor da vida e se dá conta que está completamente apaixonada. Entregue. Não quer largar mais. É uma sensação boa e ruim ao mesmo tempo. De “o.k., estou gostando de verdade desse cara”. “E ele? Será que está gostando assim de mim também?” E foi dada a largada. Tipo um clique, sabe? Muda a frequência da relação. Como se a trilha do seu coração estivesse sintonizada em uma bossa nova e do nada um rock’n’roll pesado comesse a tocar. Mistura de medo com pânico e ansiedade. Prazer, bobeirite aguda!

O que antes era só diversão passa a pavor de se ainda vai durar. O que antes era autoestima e confiança vira insegurança e vontade de agradar. A frequência muda do “tudo a seu favor” para o “autoboicote”. Estão reconhecendo os sintomas? Então...

Você está tão, tão, tão a fim do cara que começa a fazer tudo errado. Fica boba, literalmente. Perde a espontaneidade de antes, o riso solto, a leveza. Endurece. Isso pode acontecer com eles também, mas nasci menina, né? Então vou falar pela gente, colocar a gente na sofrência da bobeirite aguda.

Aí o cara (eles s-e-m-p-r-e sentem quando a frequência muda!) não liga por um dia. Um dia inteiro. Nem WhatsApp. Nada. Ou então marca alguma coisa com você e depois desmarca. Teve algum problema seríssimo no trabalho, ou

tem que visitar a mãe, ou está exausto, ou lembrou que era aniversário da tia, ou... Milhões de “ous”! Eles são bons nisso. Nós também podemos ser assim quando o cara entra nesse *mood* de desespero que sufoca, mas, de novo, estou usando a gente de exemplo.

Daí, pronto! Sintoma de bobeirite aguda terminal! No momento em que a paciente recebe essa notícia ela s-a-b-e (pode querer não ver, mas sabe) que as coisas já não iam tão bem assim. Tudo muda o tempo todo no jogo da conquista! *Ups and downs*.

— A gente ia ao cinema, mas ele teve que se preparar para uma apresentação na empresa amanhã de manhã. Acabou desmarcando. Mas acho que está tranquilo, né? É trabalho! Trabalho é trabalho, não tem como fugir — você comenta com a amiga.

a autora

QUANDO ◉ GENTE
SENTE QUE O CARA
ESTÁ INVENTANDO
DESCULPA, *normalmente*
ELE ESTÁ INVENTANDO
⇒ DESCULPA ⇒

Claro que não está nada tranquilo, né? Se estivesse, esses questionamentos nem passariam pela nossa cabeça. Se estivesse, você já saberia dessa apresentação importante ou quem sabe estaria na casa dele ajudando a gente, esse ensaiar. Não que ele não possa ter uma apresentação importante, não é isso. Mas quando a gente sente que o cara está inventando desculpa, normalmente ele *está* inventando desculpa.

Quando está dando tudo certo, a gente sempre sabe o que fazer, que resposta dar. Como agir. Tudo flui. Ô fase boa. Mas aí, do nada, deixa de estar. Talvez porque você tenha ficado tão na dele que tenha perdido a graça. Tenha sufocado. O cara fica tão importante, tão grande, no aconchego do altar que colocamos ele, que o nosso tamanho diminui.

Vale incluir uma coisa: aqui estou falando de paixão. De conquista. De começo. De romance. De histórias que passam pela nossa vida até o amor chegar. Porque sou o tipo de romântica que acredita (de verdade) que, quando o cara certo vem, vai fluir do começo ao fim. Já falei disso aqui neste livro, né? Vai ser fácil. Se é o nosso par, não existe bobearite que estrague. Não existe porque os dois gostam igual, querem igual. E os sentimentos vão brotando e amadurecendo igual! Tá, tudo bem, cada um tem seu tempo e tal, mas, quando é o nosso par, não é para ter tanta dificuldade. Salvo raras exceções.

O que não quer dizer que não podemos viver belíssimas histórias tortas por aí. De frio na barriga, de voltar a ter a ansiedade de uma menina de quinze anos esperando o telefone tocar. Checando o *last seen* do escolhido.

— Tá, ele tá on-line, leu e não me respondeu.

— Amiga, calma, tem nem dois minutos que você mandou a mensagem.

Vocês devem estar esperando uma receita para tratar a bobearite com este texto, né? A cura para gente? Quem dera. Eu já passei por muitas e muitas até detectar essa chavinha que vira e faz a gente ficar completamente boba. E sei que, se eu não ficar esperta, caio nessa de novo. É tentador. Eu e vocês todas!

Minhas dicas? Dicas de uma aprendiz também, tá? Primeiro de tudo, calma! Sob o efeito da bobearite, a gente acha que o mundo vai acabar. Todo dia fica com cara de último dia de vida. E na verdade é só o primeiro dia do resto da sua vida, então não tenha pressa em encontrar, em responder o WhatsApp, em fazer ele voltar a ficar a fim de você na mesma intensidade. Se ocupe. Ansiedade só atrapalha. Obrigue você mesma a fazer suas coisas. Decline um convite com doçura. Leia um livro. Escolha uma série nova. Saia

para beber e falar mal (e bem) dele com as amigas.

Um dia sem o cara te escrever e você quer morrer? Foi só um dia, Deus! Aí ele te chama para ir ao cinema e você não tem coragem de negar porque essa pode ser sua última oportunidade de reverter a situação? Oi? Você tem uma situação mais séria para reverter: você com você mesma! Essa aí não pode ser menos importante do que nada na sua vida. Muito menos do que o cara que chegou agora. Lembrem sempre: ele chegou agora! Um mês atrás você nem sabia que ele existia!

E, por último, se reconectar com você. Sempre. Com a mulher interessante que você sempre foi. Com o que fez esse cara olhar para você lá atrás. Se ele não voltar a te chamar para ir ao cinema, por exemplo, beijo-tchau para ele, né? E a gente vai levando. E tentando. E *bobeirando*. E curando. E rindo. E repetindo o ciclo. E de novo. De novo. Até o amor chegar! Tamo junto!

a autora

≡ 18 ≡

a autora

A ARTE DE CARNAVALIZAR SOLTEIRAClar

Carnaval chegando e uma amiga veio me dizer que tinha decidido seu foco (?):

— Vai ser o Duda. Foco e estratégia em cima dele.

— Oi? Como assim foco e estratégia em cima dele, amiga?

Perceberam a cilada absurda? Como é que uma mulher adulta, inteligente, bem resolvida e cheia de autoestima (porque essa amiga nasceu repleta de autoestima) me traça um plano furado desse? Me digam?

Li esses dias: “Quer ver alguém se interessar por você? Não se interesse por essa pessoa”. Não concordo 100% com isso, mas acho que é um bom caminho para começarmos este texto. Tentei clarear a cabeça da amiga:

— Nem em dias comuns, segundas-feiras monótonas sem nenhuma perspectiva, a gente deve botar as expectativas todas em uma pessoa só. Jamais uma pessoa tem que receber o peso de toda a nossa expectativa. Aí você resolve fazer essa graça em pleno Carnaval?

Ela começou a cair na real. O que acontece é que as pessoas aprofundam cada vez menos. As histórias duram cada vez menos. Enquanto umas pessoas descartam, outras se sentem descartadas, e por aí vai. Tudo muito rápido. E quem foi descartado sofre por não ter controle. Ele não liga no dia seguinte, não se apaixona perdidamente por você. Ele nem sequer te procura para um segundo encontro. Eu sei. Juro que sei.

Se encher de expectativas amorosas em pleno Carnaval é pedir para passar nervoso. Vai se enfurnar em casa e ver série que juro que você ganha mais e sofre menos! Juro. Carnaval é tipo Réveillon. Só que pior. Não conta. É um tal de pegar mais de um (uma) no mesmo dia, beber demais, dormir de menos, encontrar o cara que estava com você ontem com outra hoje, comer pouco, beber mais um pouco. Fica tudo meio que fora de ordem. Talvez por isso eu nunca tenha sido muito carnavalesca. Talvez, não sei. Tenho um pouco de preguiça desse papo de “é Carnaval, não conta!”, apesar de entender total a logística.

E exatamente por ser a época do ano em que nada conta é que a gente não deve contar com nada também. Deixem seus planos e expectativas amorosas

para daqui a dez dias! Fuja do bloco que seu “foco” vai ser aproveitar de verdade, se jogar. Pular Carnaval. Brincar Carnaval. Que não tem santa alma que consiga fazer isso com um amor (ainda) não correspondido por perto. Impossível. Nem tentem me convencer de que são capazes. É roubada na certa. É perder o brilho, ficar insegura. Distrair do princípio mais importante do Carnaval, que é se divertir. Imagina ter que se preocupar se ele chegou, se vai vir ou não falar ou se vai preferir outra? Sei que vocês sabem do que estou falando.

Vamos fugir de quem desequilibra a gente para podermos nos manter equilibradas! Principalmente no Carnaval. E quem sabe alguém novo que valha a pena pode te pegar desprevenida curtindo sua fantasia, rindo à toa, vendo o bloquinho passar. Ele pode chegar. E ficar. Quem sabe um romance novinho em folha que renda até a Quarta de Cinzas? Ou até depois dela? Ou não. Ou nada disso. (É Carnaval...) Tudo pode acontecer. Ó que delícia!

a autora

vamos fugir de quem
⚡ **DESEQUILIBRA** ⚡
A GENTE PARA NOS
mantermos equilibradas!



a autora

Mas o fato é que, se o antigo amor ainda não tinha pegado no tranco até aqui, não vai ser em pleno Carnaval que vai acontecer. Isso eu garanto! Então joga o carinha lá para a frente e depois você vê no que vai dar. Entrega para Deus mesmo! E vai curtir a sua. Seu Carnaval. Sua companhia. Seus amigos.

Nada de ficar>Na Imagina t tremendo inteira a cada mulher que o bofe der oi. Nada de fuçar o Facebook e Instagram dele e dos amigos para descobrir em qual bloco/festa ele está ou em quais eventos ele confirmou presença. Nada de fazer nada pensando na pessoa. N-a-d-a. É de você que estamos falando. E é em você, só em você que você tem que pensar. Aquele clichêzinho fofo de cuidar do jardim que as borboletas vêm, sabe? Então. Vamos cuidar dos nossos jardins. Nossas fantasias, no caso. Confetes e serpentinas.

Quero riso solto, fácil. Ir para o bloco aberta às surpresas da vida. Pessoas novas. Aproveitar o junto e misturado: amigo, amigo do amigo, amigo do amigo do amigo. As turmas se juntando, e um tanto de pessoas interessantes e interessadas em se divertir estarão com você. Seria besteira demais focar em uma pessoa só. Desperdício! Feche o coração para balanço. Melhor, abra o coração para balanço. Para o novo. Deixe o passado para depois. E quando a folia passar a gente volta a conversar!

a autora

≡ 19 ≡

a autora

ENCONTROS E DESENCONTROS

A vida prega muitas peças na gente. São tantos encontros e desencontros. Infinitos. Tantos desencontros dolorosos que fazem a gente questionar se de fato valeu a pena ter conhecido aquela pessoa. Já sentiram isso alguma vez? Anos e anos construindo uma relação para, de repente, aquela pessoa sumir da sua vida.

É como perder uma pecinha de um quebra-cabeça. Por mais que você monte as outras 999, vai ter para sempre aquele buraco vazio gritando, fazendo as outras presentes perderem o sentido (ou parte dele). Vocês sabem do que eu estou falando? Será que já passaram por isso? Provavelmente, né? Se você já terminou um namoro especial, já. E não estou falando só de relacionamentos amorosos, não. Melhor, amorosos sim, mas não só de romance. Aqui entra melhor amigo, irmão, sócio, parente e (claro!) namorado também.

Eu já perdi namorado e melhor amiga que deixaram feridas. E aos poucos fui transformando aquilo em outra coisa. Até hoje eles têm importância quase divina na minha vida. Ele não virou qualquer um — um amigo, um conhecido, um cara qualquer. Não! Ele jamais seria um cara qualquer! O tempo passou, foi melhorando, melhorando, aliviando, suavizando. E hoje, muitos anos depois, ela faz parte da minha vida de novo. E ele casou, e o mal-estar se transformou em querer bem.

Não é sempre que isso acontece. Tem rupturas que não deixam muitas marcas. Aliás, algumas que não deixam nenhuma. Esses desencontros dramáticos e sofridos são pontuais. Ufa! Até porque a gente não mereceria que fosse SEMPRE assim. Mas vez ou outra acontecem.

O luto do término com aquele meu ex-namorado doeu tanto, tanto, tanto que cheguei a questionar se valeram a pena todos aqueles anos maravilhosos que vivemos. Coincidência ou não, eu segui solteira sete anos até me abrir de novo. Freud deve explicar. Quem nunca achou que ia morrer após um término de namoro? Ou que descreditou de toda e qualquer relação nesse mundo depois de se decepcionar com uma grande amiga?

Aí depois do choque do término/ briga vem a que para mim é a pior fase: você encontrar aquela pessoa que dividia a vida com você, olhar no olho e

não reconhecer mais. Os olhares de vocês se encontram, mas não se conectam. Fica faltando alguma coisa ali. Algumas coisas, na verdade. Cadê aquela cumplicidade toda? Quem é essa pessoa em que eu passei tanto tempo grudada e vesseentra da qual agora não consigo mais ler os pensamentos? Só de escrever (e lembrar) já me arrepiava.

E quando uma pessoa que mal conhece o cara (ou a amiga) vem te dizer com conhecimento de causa que encontrou o cara (ou a amiga) em tal lugar e que acha isso ou aquilo? Meu Deeeeeeus. Receber notícias dele por outra pessoa... Ele, que antes não dava um passo sem dividir com você. Cruel! Brigou/terminou, é isso. A partir de hoje vocês não se conhecem mais, o.k.? Deleta tudo do HD. Todos os bons momentos, as fotos, as confidências, as viagens, as trocas, a parceria. Rasga tudo e joga no lixo. Só se esquecem de nos ensinar como. Eu sou péssima com essas coisas. Dramatizo, choro, sofro, sofro de novo.

a autora

FAÇO VOTOS
PARA QUE A GENTE
NÃO AFASTE,
SÓ APROXIME
~~~~~

a autora

E fico remoendo até a última gota o momento em que aquela relação se perdeu. O olho no olho. O ASSUNTO! Ah, nada mais importante do que ter assunto, até mesmo no silêncio. Será que vocês estão entendendo do que estou falando? Tomara que sim. Aí, de repente, hoje vocês não têm mais nenhum assunto.

A parte boa é que ainda tem uma vida inteira pela frente para consertar, reerguer, dividir, procurar. Se as relações são para ser (teoricamente) para sempre, então que a gente enfrente as diferenças no meio do caminho. Desconfio de quem concorda em tudo. Afinal de contas, estamos falando de seres humanos, né não?

Aí você cria coragem e chega mais perto desse ex-namorado ou dessa ex-amiga. E encontra de novo. Nem que seja por acaso. Aí, no “oi” você logo decifra que o corpo está longe, mas que a alma nunca se perdeu de vista. Foi a sensação que eu tive quando encontrei uma eterna-melhor-amiga hoje distante que a vida afastou. Não, a vida, não: a gente mesmo. Nos desencontramos, escolhemos a ruptura. E nos reencontramos. Que seja por minutos, que seja por hoje, mas outros muitos minutos numa peça do acaso. Comecei o texto escrevendo que a vida nos prega peças, né? Então.

Tanto tempo depois e cá estamos, eu e ela, a (ex?) amiga, trocando experiências como se o tempo não tivesse passado. Quando os questionamentos abrem caminho para o querer bem. Quando o interesse reaparece. Quando o mundo dá voltas. E quando os corações voltam a se reconhecer. Se reencontram, como velhos amigos.

A alma respira feliz, leve, mesmo que esses nossos encontros sejam esporádicos. A questão não é essa. A questão é querer colecionar amor! Guardar só amor no nosso HD interno. Deletar menos as pessoas, ceder mais, perdoar, pedir perdão, cultivar, fazer um movimento a favor. Hoje em dia as pessoas têm tanta preguiça de se procurar. As que namoram, então, nem se fala, esquecem que existe mundo fora do quarto! Mais amor, por favor! Vamos fazer campanha.

Faço votos para que a gente não afaste, só aproxime. Não estou falando para ninguém ligar bêbada de madrugada para o ex, hein? Não façam isso comigo. Estou é defendendo declarações sinceras e sóbrias. Conscientes. Que a gente se desarme, amoleça, porque esta vida é uma só. Bora se encontrar mais. E se desencontrar menos!

a autora

20

a autora

# ME PEDI EM NAMORO

Todo ano a história se repete quando o Dia dos Namorados se aproxima. Muitas solteiras começam a entrar em pânico. Planejam jantares com as amigas e programas divertidos para não ficarem sozinhas e fingirem que não estão nem aí para a data “comercial”. Funciona meio assim, né? Vejo muita vantagem na solteirice. Mas o dia 12 de junho parece querer mostrar para a gente que o tempo está passando e temos que correr atrás do prejuízo. Vocês também se sentem assim?

Nessa época costuma passar um filme na nossa cabeça com todos os ex compilados. Todos os programas que você já fez num tempo em que comemorava a data junto de alguém, quais restaurantes, as surpresas que já prepararam para você, os presentes que já deu e os que recebeu. Fora a conta que a gente acaba fazendo: “este é meu primeiro (segundo, terceiro, quarto...) Dia dos Namorados solteira”. E acabamos fazendo outra conta: há quanto tempo você não tem ninguém para chamar de seu? Isso acontece com vocês também? Provavelmente.

Sempre fui uma solteira bem convicta, feliz, mesmo fugindo de todos os lugares comuns da solteirice. Tenho preguiça de balada, lugar cheio, música alta. Meu negócio é um cinema, teatro, vinho. Mais que isso é difícil me convencer. Estado civil a gente não escolhe, né? Querer não é poder nesse caso. Dois precisam querer ao mesmo tempo para um relacionamento acontecer. Tem tanta coisa envolvida que temos que aprender a dançar conforme a música!

Sabe aquele papo de “solteiro sim, sozinho nunca”? Então. Cada um do seu jeito, com a sua urgência. Eu já tive muita pressa, e parece que o tempo faz de propósito: quanto mais você procura, mais difícil fica de achar. E aí, quando você relaxa e se distrai, as coisas começam a acontecer, mesmo que você não queira. Mesmo que não esteja procurando. Mesmo que a vida esteja preenchida de outras coisas: muito trabalho, cabeça ocupada demais, projetos. Coisas que façam o nosso coração bater mais forte. E eu só sei viver desse jeito!

Daí os próximos passos foram simples: me pedi em namoro! Tem anos já isso. Foi bem antes do meu último namoro. E foi tão bom que, para me tirar



dessa condição confortável da minha relação comigo mesma, o cara tem que ser MUITO BOM.

Começou com o bom e velho “se só tenho você, vai você mesmo”! E abri a primeira garrafa de vinho sozinha em casa. Botei um filme. Cortei queijinhos. Acendi velas. Montei o cenário para mim. E foi tão bom, tão agradável. Tipo um *turning point* mesmo. Mágico. Especial.

Eu me dei conta de que só acendia velas quando recebia visitas. Colocar uma mesinha com flores só para mim? Jamais. Nesse dia, meu desejo por uma taça de vinho fez com que eu produzisse uma noite gostosa só para mim, no aconchego do meu lar. E me pedi em namoro!

Acho que as pessoas ficam muito pouco consigo mesmas. Elas se ouvem pouco. E arrisco dizer que muitas não se suportam. Desculpa a sinceridade. É um exercício, que pode ser difícil no começo, mas depois fica muito, muito, muito gostoso. Saboroso. Depois que você aprende, só alguém que mereça muito e acrescente muito para te tirar do seu conforto.

a autora

dois precisam  
**QUERER**  
ao mesmo tempo  
~~~~~ PARA UM ~~~~~  
relacionamento
ACONTECER

a autora

E ao longo do ano todo vale esse exercício, não só no Dia dos Namorados. Torço mesmo para que vocês experimentem e se namorem, se descubram. Estamos juntas! Na dor e na delícia do nosso estado civil nessa data querida (só que não) ou em outras. E digo que (juro que não é conversa!) é muito melhor estar só do que mal acompanhada. Nada pior do que a solidão a dois. Aff. É a morte!

Muito melhor estar com tor uma odas as amigas reunidas no dia 12 de junho, rindo das histórias que passaram e planejando as que estão por vir, do que jantando com uma pessoa que não tem nada a ver com você. Chega uma hora nos relacionamentos desgastados que as pessoas nem conversam mais. Reparo muito nos restaurantes em casais que dividem mesa e não trocam uma palavra. O que é isso, gente? Se deixar, converso até com as plantinhas. E as pessoas vão postergando, empurrando, sofrendo numa relação que não soma mais. Por quê? Medo da solidão? De não encontrar outro? De enfrentar a vida sozinho? Sei lá. Eu nunca fui dessas.

Namorar para mim é rir junto. Se divertir. Se jogar no mundo de mãos dadas. É para ser bom, para ser poesia. E as crises absurdamente paranoicas de ciúme que presencio em volta de mim? Estou fortíssima! Tudo isso para dizer para nós, solteiras, que tem gente que está muito pior que a gente! Eu estou fora de viver uma roubada. Prefiro ficar sem namorado, mas com uma vida inteira para arriscar.

E vamos juntas desse jeito. Enquanto isso, sorria para você. Se arrume para você. Cozinhe para você. Alugue o filme que você quer ver. Se presenteie. Escolha por você, sempre, que a vida vai te surpreender. Pode apostar! Na tal da hora certa que quase nunca é a hora que a gente quer.

Enquanto o meu príncipe não vem, com todos os defeitos que até os príncipes têm, eu permaneço com o compromisso que tenho comigo, trabalhando no que gosto, atrás de construir o meu. Já até escolhi o cardápio do jantar das amigas do próximo Dia dos Namorados. E o salto alto que vou levar para passear hoje! O tempo não para e eu estou na luta junto com ele.

E vocês? Estão fazendo a parte de vocês? Bora assumir a responsabilidade. Sem ter pena de si. Sem deixar para amanhã. Sem desculpas. Pior, sem culpar ninguém. Bora atrás de ser feliz. Se não aprendermos o caminho das pedras sozinhas, jamais saberemos fazer isso junto de alguém. Prometido? Feliz Dia dos Namorados para a gente!

a autora

≡ 21 ≡

a autora

UMA NOITE, DOIS FINAIS

— Posso te oferecer uma taça?

— Oi. Nossa, levei um susto. Desculpa. Como?

— Você estava tomando um vinho rosé, não era? Peguei um novo para você.

— Brigada. A gente se conhece?

— Não. Ainda. A gente ainda não se conhece. Mas vim resolver isso. Prazer, Vitor.

— Prazer, Juliana. Estou esperando minha amiga que foi ao banheiro, por isso...

Vitor corta.

— Dei sorte, então, de te encontrar sozinha. Você não tem cara de que curte sertanejo, né? Nem cara, nem roupa!

Vitor ri. Juliana fica sem graça. Ele fica desconcertado. Eles ficam em silêncio. Até Juliana gargalhar.

— Imagina. Ei, está tudo bem. Não precisa ficar sem graça. Eu não tenho nada a ver com esse lugar mesmo. Só vim acompanhar uma amiga. Por sinal ela também não tem nada a ver com esse lugar. Mas aqui estamos. Obrigada pelo vinho. É exatamente o que eu estava tomando. Ponto para você!

Vitor abre um sorriso largo. Juliana continua:

— Você também não está com cara nem roua qugracha.pa de quem curte sertanejo.

— Não, também não. Eu vim para um aniversário. Já dei parabéns, fiz o papel de amigo e estava de saída. Mas aí te vi passar e parei no bar. Resolvi ficar um pouco mais e pedir duas taças de vinho. Rosé.

Os dois se olham. Os dois sorriem.

— Que você também não tem muita cara de que bebe.

Ele olha desconfiado e ela continua:

— Rosé! Você não tem cara de beber rosé. Meu copo está no fim e você nem tocou no seu.

— Então faz assim. A gente troca as taças. Você fica com a cheia e me acompanha até o bar para eu pedir um uísque. Realmente não sou muito chegado em rosé. Era só para criar um vínculo.

Os dois riem e caminham até o bar. Duas horas e alguns drinques depois, Pri (a amiga que Juliana foi acompanhar) aparece no bar.

— Ju, poxa, estou te procurando há horas. Te liguei horrores. Muito.

— Nossa, Pri, desculpa. Deve estar no silencioso dentro da bolsa. Deixa eu te apresentar. Esse é o Vitor.

— Oi, Vitor! Prazer. Vamos embora, Ju? Sério. Já deu isso aqui para mim. Não sei o que eu vim fazer neste lugar.

— Ué, Pri, e o papo de se abrir para uma coisa nova, diferente do que a gente está acostumada e tal? Você só disse isso para me convencer de vir? Esqueceu tudo? Era pegadinha para convencer a amiga da roubada?

Juliana e Vitor riem. Priscila mal ouve o que Juliana diz e continua:

— Vamos, amiga? Por favor? Quero MESMO ir embora.

a autora



PAPO DE SE ABRIR
PARA UMA COISA NOVA?

ERA PEGADINHA PARA
CONVENCER A AMIGA
DA ROUBADA?



E, da mesma maneira que a amiga de coração preenchido (por uma atração não correspondida) obrigou a de coração vazio (solteira e bem, obrigado) a encarar a festa e ser largada sozinha no canto, a fez ir embora do lugar quando ela tava adorando estar lá. Ju se despede de Vitor.

— Adorei, viu? O vinho. O papo. A companhia.

— Eu que adorei, Ju. Vou cobrar nosso jogo de tranca. Não vou esquecer nossa aposta.

— Tá certo. Tchau!

E as duas saem. Priscila fala:

— Que papo é esse de tranca, Juliana? Quem é esse cara?

Ju sabia que a última coisa que a Pri queria ouvir naquele momento era a história da sua noite feliz com um cara que, além de lindo, é completamente viciado em tranca como ela. Já que a da amiga tinha sido um desastre.

— Sei lá, Pri. Um cara aí que conheci. Nada de mais. Mas, vai, me conta, o que rolou?

— Ah, amiga. Acredita que ele ficou me olhando horas? Juro, horas? A noite inteira. E não fazia nada. Eu estava lá, do lado dele, mesma roda, e nada. Eu sei que ele me queria, sabe? Eu sinto. E acabou pegando a Paulinha. Do nada. Quando vi, eles estavam se beijando.

— Paulinha? Nossa amiga?

— Isso, nossa amiga. Nossa colega, né, Juliana? Que a gente não é assim amiiiiiga dela. Se jogou para cima dele.

— Sei.

Ignora a gente E Juliana foi ouvindo a Pri falar até chegar à casa dela. Se despediu da amiga. Disse para ficar bem. Escolheu sua música favorita e aumentou o volume do carro. Cantou alto enquanto relembrava toda a conversa com Vitor. Recebeu uma mensagem de texto e era ele.

“Amanhã vai rolar uma festa em Campinas que estou produzindo. Anima? Não sei se aguento até sexta para te ver.”

Mini-infartos! Mas, gente, Campinas? Não podia ser São Paulo, senhor? Vou ter que sair da cidade?

E respondeu:

“Topo.”

Vitor continuou:

“Vou te mandar o flyer com o endereço, então. Chego pela manhã para organizar tudo. Te espero lá mais tarde. Coloco o seu nome mais uma pessoa?”

Pronto. Feito. Agora era a vez de Juliana escolher a amiga de coração vazio para acompanhar até Campinas numa festa de empresa. Pri não vai rolar. Já sabemos. Ela vai ter que pensar em outro nome. Vitor arrombou o coração vazio com o pé na porta e se acomodou. E lá vai ficar. Durante o tempo que Juliana deixar.

a autora

=22=

a autora

COMO SERIA UM MUNDO SEM HOMENS%

Penso que a minha vida é muito mais tranquila sem homens por perto. Sou muito mais forte, focada e produtiva de coração vazio. Sem gostar de absolutamente ninguém. Eu me sinto mais segura, interessante e empoderada. “Empoderada” é a palavra do momento, né? Empoderamento feminino. Virou até clichê e tal, mas amo. E é assim que me sinto quando não estou distraída gostando de alguém.

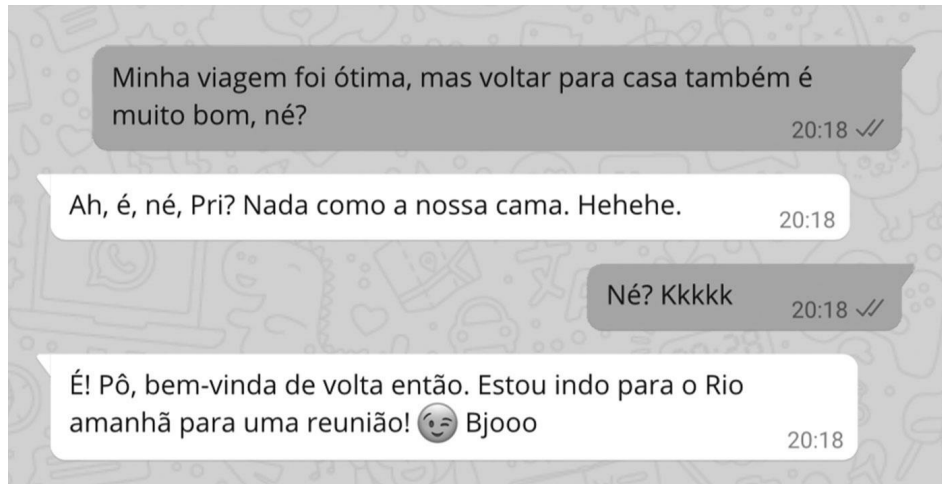
Tá, relacionamento, quando vai bem, é BEM bom. Mas me mostre UM casal que está sempre bem. Não existe. Não acredito. Não compro essa história, jamais compraria. Até porque a relação se ajusta e reajusta nas discussões e brigas. Estamos falando de pessoas diferentes com expectativas frustradas boa parte do tempo. Impossível estar tudo sempre maravilhoso. Impossível! Já a mulher solteira...

Vivo um relacionamento sério, totalmente estável comigo mesma quando estou solteira. Então tem que vir alguma coisa muito, muito, muito boa para desviar minha atenção. Além do mais, nunca fui de sentir falta, ficar carente, solitária. Sou cheia de amigos e A-M-O a minha própria companhia. Então fico muito bem sozinha. Me ocupo tanto que nem tenho tempo para pensar. E acho a vida assim bem boa, confesso.

Não sentei para escrever este texto com a intenção de convencer ninguém de que a vida seria muito melhor se não existissem os homens — até acho mágica a arte de encontrar um par. Mas não necessariamente você precisa de um par para de fato se sentir completa. Nossa, não. Nunca. Aliás, penso que só quando nos sentimos profundamente completas é que podemos encontrar o nosso par. Mas deixemos o par um pouco para lá e vamos falar da gente.

Porque, quando estamos pensando no par (ou em achar um), ficamos assim: “que roupa eu vou colocar? Será que ele curte uma estampa? Batom? Não, batom melhor não. Vai que rola um beijo. E se ele não me ligar? Se eu não quiser dar?”. E esses diálogos acontecem:

- Amiga, está aí? Pode falar?o é sto
- Oi, amiga, estou sim. Diga.
- Olha o print que estou te mandando.



— O que você acha da conversa.

— Ué, amiga, não tem muito o que falar disso aqui, né? Conversa jogada fora. Foi ele que te escreveu?

— Não, fui eu! Mas, pensa comigo, ele disse que está vindo para o Rio amanhã. Ou seja...

a autora

a relação se ajusta
E REAJUSTA NAS
DISCUSSÕES E BRIGAS



a autora

— Ou seja: embora ele tenha dito que está indo para a cidade onde você está, não te chamou para sair. Vai embora amanhã e não combinou de te ver. Deixa para lá, amiga.

— Mas, se ele não quisesse me ver, por que diria que está vindo pro Rio?

Entenderam? Viram o tamanho do nosso problema quando eles aparecem? Esse foi só um pequeno exemplo que desconcentrou totalmente uma amiga em um dia cheio de reuniões importantes. Eu, Julia, no lugar dela, não responderia mais até o dia em que esse cara me chamasse de fato para sair. Ou que eu achasse que valesse a pena fazer o convite. Mas, como em geral estou me namorando, é quase impossível isso acontecer. Então o carinha já teria rodado.

Estão me achando muito louca? Talvez, né? É que eu de fato vivo muito bem sem eles. Porém sei que muita gente não. A maioria das minhas amigas fica um mês sem beijar na boca e se desespera. Não sei como você é, mas eu não me abalo REAL. Trabalho 24 horas por dia, sete dias por semana e só faço o que eu realmente tenho vontade.

Tudo bem, vai. Você não precisa ficar um mês sem beijar uma boca. Ninguém aqui está pagando promessa e as pessoas têm que matar a vontade. Mas você vai ter que concordar que é libertador não ter em quem pensar. Fazer todas as suas escolhas pensando só em você. Viajar para o SEU lugar favorito. Escolher o filme. O restaurante. Que horas dormir. Acordar. Se jogar numa festa inesperada e ser surpreendida por novos amigos e músicas. Dançar até de manhã. Se namorar mesmo. Não tem como se chatear porque não há expectativa para frustrar. Viver sem homem é viver sem expectativa. E isso não é definitivo. Em algum momento você vai se relacionar, então aproveite cada segundo dessa fase.

Trabalhe madrugada adentro. Tenha novas ideias. Novos projetos. Estude. Leia. No meu último namoro, passei quase um ano sem ler um livro. Não tinha tempo: chegava em casa e ele pedia minha atenção. Natural. Solteira, leio dois, três por mês. Namorando, comprava meu sorvete favorito em minipotinhos. Ele era supersaudável/natureba. Solteira, escrevo este texto comento um potão inteiro de colher. E assim vai.

Não se sinta sozinha nunca. Leia um bom livro. Veja uma série. Um filme. Ligue para uma amiga. Escreva. Se preencha com o que te dá prazer e, quando menos esperar, nem vai lembrar mais que eles existem. Vai estar

completa. Inteira. De bem com você. Aproveite e faça aquele curso que você tanto tem vontade e que é de fim de semana. Quero ver fazer um curso aos sábados e domingos com namorado... A gente acaba se dividindo, não tem jeito.

Entenda a dádiva que é esse momento e aproveite cada segundo. Intensamente. Se faça melhor. Voe alto. Que, quando você menos esperar, o celular vai apitar e lá vai estar voc vaa que é eê pensando em que roupa botar para o próximo primeiro encontro. Torço para que esteja completamente apaixonada por você até lá. Leve. Inteira. Empoderada. Só depende de você.

a autora

23

a autora

EXISTE VIDA DEPOIS DO PÉ NA BUNDA%

Já vivi vários tipos de luto pós-término de namoro. Vários. Já emendei um no outro, já parei minha vida inteira por meses para dar espaço para a dor (muito mais espaço do que eu deveria ter dado, no caso), já achei que o mundo fosse acabar (algumas vezes), que eu jamais me apaixonaria de novo (outras tantas) e que (pior) ninguém jamais se apaixonaria por mim outra vez.

A verdade é que, alguns anos depois da minha primeira frustração amorosa, veio a calma. Poesia mesmo no caos, quando as coisas não dão certo. Tive um término tão doloroso — esse que me deixou meses com a vida parada — que acho que traumatizei. Meu medo de ter que passar por isso de novo era muito grande e me impediu por um bom tempo de me apaixonar. Me bloqueou mesmo. Fechei as portas e escolhi (inconscientemente) ficar sozinha a arriscar viver qualquer outra história que viesse a acabar depois. E, Deus, quantas e quantas histórias erradas não se vivem até achar a que vai dar certo? E o que é dar certo? Enfim.

Aos poucos fui me abrindo, experimentando meus limites, olhando para dentro e criando coragem. Hoje sou outra. Nova. Saí da minha última relação intacta. Inteira. Não perdi um pedacinho de vida sequer, não deixei um dia vazio passar. O que não significa que não doeu. Doeu. Muito. Sempre dói. Até para os mais fortes. Eu sou intensa, coração de pomba, pequenino. Mas dá para passar pela dor sem se entregar ao sofrimento, e é disso que estou falando.

Acabou? Ele disse que não quer mais? Passado o susto, o negócio é bem menos complicado do que parece, juro que é. A gente tem mania de cismar com algumas pessoas. Então o cara termina tudo, diz que por isso ou por aquilo não quer mais, deixa você ir embora... e você escolhe continuar gostando desse sujeito. Por quê? Qual o sentido? Quer fazer dar certo uma relação que já não existe mais? Para dar certo, para ficar junto, precisamos dos dois querendo. Se ele não está mais a fim, saia fora você também.

A gente deposita todos os nossos sonhos no cara e acha que, se ele for embora, vai levar todos os nossos sonhos junto. Está errado! Você sonhava em casar e ter filhos com ele? Achava que era o homem da sua vida? Aí você

descobriu que não é. O que não significa que você não vai mais casar e ter filhos, e sim que ele não vai ser o personagem dessa sua história. A gente sofre em dobro porque são duas perdas: o cara e o sonho. Mas o sonho é seu, ninguém tasca. Você viverá a relação que quiser viver, que achar que merece, e muito provavelmente não vai ser com esse cara.

Acho que essa é a etapa mais difícil: da aceitação, de entender que acabou mesmo e que tudo bem. Outros virão. Até porque, nessa fase pós-pé na bunda, você não consegue ver muita graça em mais ninguém. O cara resolve que não te quer mais, aí ele vira o último homem do planeta e você se desespera. Não. Errado. Tem milhares e milhares de homens por aí. Já, já você volta a enxergar. Aceitou que acabou? Parou de tentar se culpar ou pensar no que poderia ter feito diferente? Parou de olhar o Instagram do cara? Fuçar quem ele começou a seguir? Pediu para todas as amigas não te darem mais notícia dele? Fez tor escara rudo isso? Se sim, ótimo, podemos continuar com este texto.

a autora

A GENTE DEPOSITA
...
todas as nossas
SONHOS NO CARA
e acha que, se ele
FOR EMBORA, VAI
levar todas as nossas
• SONHOS JUNTO •

Quer uma notícia boa? O pior já passou! Nada mais triste do que ficar dando murro em ponta de faca, batendo a cabeça em porta fechada com um tanto de janela aberta por aí. A gente fica tão vidrada no impossível que não consegue olhar para as outras tantas possibilidades que o mundo oferece. Então, a partir do dia em que você desencanar dele e encanar em você, as coisas vão começar a fluir em outra frequência, pode apostar. Vai continuar doendo, as coisas levam tempo, mas vai ser em outro lugar, com calma, sem desespero. Essa é a hora em que você de fato enfrenta a dor e deixa de lado o sofrimento/desespero/susto.

Arrisco até dizer que muitas vezes nosso medo de sentir a dor é muito maior do que a dor de fato. Se você perder o medo, encarar a situação em que está sem se vitimizar (demais), pensando no que de fato pode fazer com isso, vai se surpreender. Aí cada um tem o seu caminho. Até posso dividir o meu, que é viajar, ler, escrever, tomar uma taça de vinho e gastar o assunto com amigos que me façam bem.

Mas, nessa hora, só você sabe o que pode fazer a si mesma enquanto espera essa dor passar. Tem que ser leal ao que tem vontade, não se forçar a nada. E tirar o melhor proveito que puder da dor. Eu, quando está doendo, escrevo com facilidade. Como e não engordo. Preencho meu tempo com muito mais carinho e cuidado do que em dias normais. Dias ensolarados, sem dor de amor para curar. Eu, com dor, aprofundo muito mais. Pondero mais. Respiro mais profunda e pausadamente.

Como você fica quando está com dor? Não tenha pressa para me responder, pense com calma. Vá ao buraco negro dentro do coração e me diga. Eu me prefiro frágil do que animadona. Sabe animadona? Tipo quase deslumbrada? Acho que esburacada a gente cria menos expectativa porque foi obrigada a botar os pés no chão. Olha que coisa mais maravilhosa! A vida nos obrigando a pisar descalças em cima de nossas certezas. Certeza do quê? E que certeza é essa que algum dia a gente achou que tivesse? Erro nosso.

E aí vamos um dia após o outro. Deixando o sorriso sair de canto de boca de novo, como um susto, quando você menos esperar. Ou ser obrigada pela amiga a ir à festa e ter uma noite maravilhosa. Que delícia é lembrar que a noite pode ter sido linda mesmo voltando sozinha para casa. Catar cada caquinho seu que você deixou cair para sair daquela história e ir colando aos poucos. Com cuidado. Com amor. Sem pressa, não temos hora marcada. Logo a vida vai te oferecer flores. Distraída. Colando caquinhos. Preocupada

em você e nas histórias que merece viver. Vá de peito aberto sempre, para a dor e para o amor. Que no meio do caminho a vida te ache. Basta estar vivendo.

a autora

=24=

a autora

TAMPA DA PANELA

Ei, você. Sim, você mesma que está lendo meu livro e segue solteira. Já parou para pensar se tem alguém solto por aí esperando por você? A tal da sua metade? Já? Já, né? Duvido que não! E você, que está em um relacionamento, não pensou nisso em algum momento do passado, antes de encontrar o cara (ou a menina) que está com você agora? Provavelmente também, né? Salvas exceções da turma desenfreada que emenda um no outro.

É meio que inevitável que isso passe pela cabeça de qualquer mulher solteira, por mais solteira convicta que seja. Qualquer hora você vai se pegar pensando por onde será que seu par está perdido. E pior: será que ele existe?

Em um domingo chuvoso de ressaca, depois de uma noite frustrada, quando todas as amigas estiverem namorando, ou numa segunda-feira qualquer. Uma hora isso passa pela nossa cabeça. Sem aviso prévio, sem telegrama, sinal de fumaça, sem nada. A paranoia (podemos chamar assim?) chega e fica. Mesmo que seja momentaneamente. Mesmo que dure segundos.

Como seria esse cara, eu me pego pensando, vez ou outra. Alto, baixo, cabeludo, loiro, moreno? Alto, certamente, não curto homem baixo. Gosto de barba, gosto de cabeludo, moreno. Mas pode ser que ele não seja nada disso. Se juntar todos os homens que passaram pela minha vida e colocar numa roda, não vai ter muita coisa em comum. Eu não tenho um tipo, sabe? Um padrão. Não. Zero. Já diversifiquei bastante nesta vida. Mas aí, quando, de bobeira, paro para pensar em quem seria o “definitivo” — ai, Deus, que arriscado escrever a palavra “definitivo” aqui, até porque repito com convicção que em relacionamentos em geral nada é definitivo —, pensar em quem seria o pai dos meus filhos, o cara que me faria encarar um casamento, por exemplo, não me vem muito um modelo à cabeça. Eu só me confundo com essa brincadeira.

É confuso, porque nem sei se ele existe. Tá, claro que ele deve existir, deve estar solto por aí, vivendo e aprendendo a se tornar uma pessoa melhor (como eu estou no meu processo) para, quando nos encontrarmos, estarmos prontos, os dois, para a loucura que é se aventurar numa relação. Outro perigo: “estarmos prontos”. Sei não se a gente “está pronto” em algum momento,

mas também deixemos isso para lá. Então, decerto ele está por aí e estamos os dois à mercê de o Universo conspirar para que a gente se trombe numa esquina qualquer.

Eu brinco e repito que nem sei se ele existe porque de fato não tenho a menor pressa para que ele apareça. Zero. Muito pelo contrário, às vezes queria parar o relógio da vida para ganhar mais tempo só para mim, sabe? Diminuir a pressão que vem de fora com a idade. Não que eu sofra com ela. Eu não sofro, mas quero ter filhos. Então vira e mexe me pego no flagra, curiosa na minha imaginação desenhando esse cara, se é que de fato ele existe. A gente segue acreditando que sim.

a autora



NÃO SEI MUITO BEM
o que quero, mas sei
EXATAMENTE
— o que não —

a autora

Não sei muito bem o que quero, mas sei exatamente o que não. O que não me serve. Por onde já andei e não quero voltar. Os tropeços que já dei. Os sinais que a vida já me deu lá atrás e me fizeram aprender. Sei que não é para ser difícil. Não é para te podar. Limitar. Abafar. Apagar. É para ser leve. Fluir. Fazer rir. Dar borboletas no estômago. É para ser bom até quando for ruim. É para te fazer voar. Sonhar. Querer executar, seja lá o que for.

Chegou botando para baixo, acabando com a autoestima, dando insegurança ou colocando os seus sonhos na berlinda? Questiona essa relação. Esses são os básicos universais. Mesmo que uma ou outra história comece meio torta, o que também pode acontecer. Quando é o cara, mesmo na tempestade que vocês terão de enfrentar até ficarem juntos ele te dará a mão, abrigo. Ele vai com você.

Agora vem o que serve só para mim, que pode ou não bater com você. Uma lista interminável. Queria um cara boa-praça, low-profile, família. Um cara com os mesmos sonhos e valores que os meus. Mesmas prioridades. Queria que ele achasse graça em cantar alto num show de música comigo — seja Adele ou Justin Bieber. Que ele torr. o soffro, cesse por mim. Que formássemos uma dupla. Queria que ele me acalmasse todas as noites dizendo que tudo vai ficar bem no final. Que seguiremos juntos. Queria que ele sonhasse alto também e tivesse o mesmo tesão que eu tenho pela vida. E pelo meu trabalho.

Queria que ele tivesse riso fácil. A paciência que às vezes me falta, amaria que sobrasse nele. Não sou fácil. Queria que ele soubesse mais do mundo que eu, para me ensinar e me levar com ele. Que ele fosse curioso. Que se interessasse pelas pessoas que amo. Pela minha família. E que me deixasse entrar na família dele. Ah, queria tantas coisas...

Devaneios jogados fora. Ou dentro. Melhor, devaneios jogados dentro. Que me fazem rir. Me arrancam um sorriso meio tímido, meio moleque, de quem sonha alto e não tem medo de sonhar. Se for para ser, que seja assim. Com tudo o que mereço, com tudo o que tenho para dar. Ah, tenho tanto para dar. Outra coisa que aprendi com as histórias que vivi é que tenho muito para dar. Então esse cara precisa ser O CARA. E isso tem a ver com profundidade. Estofado. Disponibilidade. Com as escolhas que ele faça (ou já tenha feito) na vida. Isso tem a ver com tanto...

E aí, minha amiga, enquanto esse cara não aparece, nos resta nos transformarmos, NÓS mesmas, NO CARA. Tudo bem torrar uns minutinhos aqui

e ali devaneando sobre onde é que ele se esconde, mas, nas outras tantas horas que o dia tem, nosso trabalho e nossa responsabilidade conosco mesmas é de gastar esse tempo ocupadas em nos tornarmos seres humanos melhores. Mulheres mais interessantes. Inteligentes. Com conteúdo. Porque ele até pode achar alguém por aí mais sarada, mais alta que você (isso está fora do nosso controle). Agora, se vai achar mais inteligente, mais interessante, aí está na nossa mão.

O nosso estofo só depende da gente. Amo essa palavra, “estofo”. Vivo atrás de deixar o meu preenchido, sempre, e não é nem pensando “nele” — que eu nem sei se existe, e, de novo, não estou muito preocupada com isso no momento —, mas é pensando em mim. Sou mais feliz dessa forma, querendo me superar a cada dia, crescer, aprofundar. Totalmente preenchida em um relacionamento sério comigo, até o dia em que ele chegar. Demore o que tiver que demorar. E feliz da minha vida enquanto durar.

a autora

25

a autora

APLICATIVO DO AMOR

Li uma reportagem dia desses que dizia que 30% dos casamentos atualmente são de casais que se conheceram on-line, em sites e aplicativos de relacionamento. T-r-i-n-t-a p-o-r c-e-n-t-o! Vocês não acham muito?

Parei para pensar, enquanto lia a matéria, que conheço uns quatro casais que se conheceram assim. Que talvez esse número faça mesmo sentido. Segui com a reportagem e cheguei ao perfil das pessoas que disseram ter encontrado seu parceiro na internet: faixa etária de trinta a 49 anos. Bandeira vermelha. Fiz trinta. Sou total o público-alvo desses apps.

Logo que o Tinder foi lançado no Brasil, em 2013, eu baixei, sem nem saber o que era direito. Menos de cinco minutos depois (juro), recebi mensagens de dois primos e uma ligação do meu irmão me mandando deletar o app naquele instante. Oi? Como eles descobriram que eu estava lá tão rápido? Nem me lembro. Não tinha nem preenchido os dados do meu perfil ainda. Só tinha jogado uma foto qualquer porque não sabia direito onde estava entrando — sou rata de aplicativos novos r. o o tinha e quis ver o que era. Sei que eles logo souberam, e deletei correndo depois de tomar bronca. No susto. Disseram que eu era louca, que era um absurdo e blá-blá-blá. Alerta machista. Por que é que eles podiam estar no aplicativo e eu não? Mas caí como um patinho: deletei o aplicativo.

Daí passou um tempo e aproveitei uma viagem à Europa para testar de novo. Quando entram no Tinder (e nos seus apps concorrentes), uns dizem “foi só para dar risada” ou “só para ver como era”, “se tinha alguém conhecido”. No meu caso, era só para poder escrever sobre ele um dia para vocês! ;)

Segundo as minhas amigas profissionais, esses aplicativos funcionam muito melhor fora do Brasil. E faz muito sentido, né? Você está de férias em um lugar novo, não conhece ninguém e não corre o risco de esbarrar no ex por ali entre uma foto e outra. Pensa? Tenho uma amigona em Nova York que namora um cara que conheceu pelo Tinder lá. Está feliz da vida.

Revivi o meu perfil mil anos depois, lá na Europa, para ver no que dava, e ele ficou no ar durante mais um tempo. Alguém ainda não conhece o aplicativo? Primeiro, você monta seu perfil: diz se se interessa por homens ou

mulheres e escolhe desde a faixa etária até quantos quilômetros de distância de você os “candidatos” podem estar. Pronto. Depois é só esperar o app calcular e começar a te mandar sugestões para ver se agrada!

Há uma foto (se você clica dá para ver se o cara colocou mais de uma!), o primeiro nome da pessoa, a idade, os amigos em comum (pelo Facebook) e os interesses afins (também puxam do Facebook). Aí você dá X ou ♥. Se deu “xis”: o cara some e logo vem um novo para você analisar. Se você deu “coração” e o cara já te deu “coração” antes, aparece um “It’s a match” gigantesco na sua tela. Se você deu “coração” e ele não, nada acontece. Se tempos depois ele te dá “coração” de volta, seu celular apita comemorando mais um match. E todos os corações recíprocos vão parar na sua aba de chats.

a autora

E é
Distraída que
a vida
ACONTECE!
...

a autora

Ã-hã, claro que o Tinder também tem sua aba de conversas. Se você deu match com alguém, ele automaticamente abre uma página de mensagens entre vocês. Depois disso não tem muita regra: é puxar ou não assunto, responder ou não o papo que o seu parceiro de match te jogar. Aí é com você.

Isso tudo era MUITO novo para mim. Funciono muito melhor no real do que no virtual e não estava lá (MESMO) para conhecer ninguém — era só uma questão de pesquisa de campo! Mas vou falar que achei bem divertido. Fiz três amigas baixarem, e a gente passou uma noite boa de bobeira se divertindo com o aplicativo.

Se você tiver cautela, não arriscar nem se expuser demais, acho súper que dá para sair alguma coisa de lá. Usar o aplicativo no Brasil é encontrar o perfil de mil pessoas conhecidas e estar com o seu ali disponível também, e acho que tudo bem. Qual é a diferença entre a menina que usa o aplicativo e a que se produz inteira, coloca o salto alto desconfortável, faz maquiagem, cabelo, passa perfume e parte para uma festa numa sexta à noite? Dá meio que no mesmo, não?

Eu, que sou da turma do edredom e Netflix, amo a ideia de conhecer alguém no conforto do sofá. Por que não assumir o aplicativo (se você tiver vontade de usá-lo, claro)? Acho válido! E garanto que a sensaçõzinha do match conquistado é uma delícia, mesmo que você nunca vá responder esse cara na vida. É uma bela de uma distração para quem está a fiuem1em" alim de esquecer alguém ou acha que não tem mais homem no mundo!

Por que não? Se joga! Garanto que, além disso, a aventura vai te arrancar boas risadas — você vai ver as fotos de perfil mais hilárias da vida, nomes superexóticos, textos engraçados! E isso vai abrir um leque novo de oportunidades, porque você vai se deixar galantear e ter o poder de tomar a iniciativa, de escolher se sim ou se não, de esperar ser escolhida. Ah, que brincadeira boa de brincar, vai. É só não encanar, não levar a sério — nem você, nem ele(s), nem o aplicativo. É só se distrair. E é distraída que a vida acontece!

a autora

26

a autora

BOY DOS ANOS 90

Não sei vocês, mas eu nasci em 1986. Oitenta e seis. Anos 80. Muita gente com quem eu convivo é dessa época: maquiador, amiga, cliente. E outras tantas pessoas que encontro no dia a dia nasceram nos anos 90, o que eu acho bem estranho.

Nos anos 90 eu já tinha feito um tanto de coisa. Ia a shows (Sandy & Junior uma vez por semestre!), fazia teatro, sofria de amor e já sabia o que queria ser quando crescesse. Ou achava que sabia. Por isso, na primeira vez que ouvi de uma amiga próxima que ela tinha nascido em 1996 (mil novecentos e noventa e seis, estão acompanhando?), fiquei em choque. Ela estava nascendo, e eu já passava noites em claro sofrendo pelo meu amor platônico do colégio. Naquele momento fui me dando conta da velocidade do tempo e de que ele não nos espera.

Superei. Não tive muita opção, superei e segui. Acho que pensar que o que sou hoje é tãããã mais interessante, mais forte, mais profundo, mais enraizado do que aquela menina que fui dez anos atrás me fez amassar toda aquela sensação estranha e jogar no lixo. Até cruzar com um boy de 1996, o que só descobri quando era tarde demais.

Ele disse que trabalhava com cinema. Não aprofundei muito. Queria dar a chance de deixar uma pessoa nova entrar sem buscar muitos precedentes, ignorar todas as minhas regras e limites inconscientes e me jogar. E foi ótimo. Ri horrores. Nos divertimos. Não faltou assunto, sobrou química e ele foi parar na minha casa. No dia seguinte, pela manhã:

— Que delícia de noite, linda! Estava precisando distrair. Estou numa pressão pesada.

— Jura? Trabalho?

— Nossa, meio das provas finais da facul, e, se eu pegar DP [dependência, para quem, como eu, não sabe do que se trata!], vou me enroscar inteiro.

Levei um tempo para responder, era muita coisa para digerir: FACUL, DP. E uns vinte segundos depois continuei:

— Entendi. Então você não trabalha com cinema, é isso?

— Isso! Estou no quarto semestre. Até já fiz uns estágios e tal, mas nada muito certo. Preciso primeiro me formar, né? E isso está tirando meu sono.

— Sei. Quantos anos você tem?

Perguntei meio que no impulso, enquanto tentava me lembrar quantos anos fazia que eu tinha me formado na minha primeira faculdade e feito meu primeiro estágio. A resposta veio rápido.

— Dezenove.

Oi? D-e-z-e-n-o-v-e. Eu tinha 29 na época e nuncazinhaio r tinha ficado com ninguém mais novo que eu. Fui iniciar logo com uma década de diferença. Fiz o cara ir embora depois da notícia-bomba e fiquei trabalhando aquilo dentro de mim. E vou falar que, passado o choque, vivi bons momentos com esse menino.

a autora



≡ SEU TEMPO, ≡
DÁ UM TEMPO
PARA EU PODER
ME ORGANIZAR
≡ POR AQUI? ≡

a autora

Ele trabalhou muitíssimo bem nas mensagens de texto (deu aula em muitos trintões/quarentões por aí) e me fez ter vontade de sair com ele de novo. Vi que o preconceito era só meu. Não era nem preconceito, era uma ficha caindo. Sempre fui a mais nova da turma, cansei de ouvir “nossa, aproveita, que delícia que é ter vinte anos” e virava o olho querendo que o tempo passasse logo, tinha pressa. E, então, a situação tinha se invertido. “Ei, seu Tempo, dá um tempo para eu poder me organizar por aqui?” Quando vi, estava na posição de quase trinta olhando com doçura para o menino de quase vinte. “Meu Deus, quanta coisa ele ainda tem para viver”, pensei. A gente é realmente muito louco. Socorro.

E passou. Vivi momentos bons, foi lindo e segui. Não porque ele tinha dez anos a menos, só porque não fluiu mesmo. Fui perdendo a vontade, me desinteressei. Mas prestou seu papel, sabe? Aqueles nossos poucos encontros tinham um porquê. Ele me fez entender um tanto de coisa, trouxe leveza, fez refletir, olhar para trás, querer caprichar mais no que vem pela frente para acompanhar o tempo que teima em correr, e assim acabei com o trauma da convivência com a turma dos anos 90. Num todo, na vida.

Aceitei. É isso. A gente vai conviver com eles e está tudo bem. Vários deles certamente estarão lendo este texto, e eu sou só amor por vocês. Mas é maluco, um choque de realidade ir de encontro ao tempo. Tempo vivido e perdido. Cada passo, cada escolha, cada encontro. Aquele velho questionamento: estou no caminho certo? Estou caminhando na direção que escolhi? É escolher a cada dia.

E aí o boy dos anos 90 sumiu. Mas o melhor amigo dele viveu um romance longo com uma amiga da minha idade que funcionou muito. Ah, o frescor dos vinte e poucos não tem preço! Não tem problema de trabalho (ou de falta dele) e sobra disposição. Se frustrou menos, se leva menos a sério, tudo lindo. Uma boa experiência. Boa história para contar ou para escrever, no meu caso. Hoje ele provavelmente já deve estar no seu primeiro emprego, com mais barba e ainda mais lindo do que era. Quem sabe a gente não se esbarra qualquer hora por aí?

a autora

=27=

a autora

IH, SOBREI!

Uma das reclamações mais comuns em grupos de amigos(as) são as pessoas que somem quando arrumam alguém. Você estava lá, superdisponível para ela (essa pessoa que usaremos de exemplo) desde sempre. Até batizado do priminho você topava. Noites e noites ouvindo lamúrias, reclamações e frustrações, fazendo seu papel de amiga direitinho. Eram uma dupla. Aí, de repente, você liga e ela não atende. Manda mensagem e ela pede dois minutinhos que já te liga de volta. E, claro, nunca retorna.

Passam alguns dias e você faz um convite para jantar. Resposta: não pode. Dias depois, é a vez dela de chamar para jantar, e você, claro, topa. E descobre que está ocupando uma brecha na agenda do namorado novo: ele tem futebol e sua amiga ficaria em casa sem programação. Alguém se identifica? Com as amigas que só têm tempo para você nos dias em que os namorados não têm tempo para alinhckqelas?

Acho muito louca a rapidez com que algumas pessoas abrem mão da própria vida para se dedicar à de outra pessoa. E isso acontece bastante, já vi muito. E o final é sempre meio que o mesmo, né? A pessoa termina o relacionamento e volta completamente desesperada em busca dos amigos perdidos. Claro que a amizade não acaba por conta disso, amigo que é amigo vai entender. Vai pegar um bode de leve (justo!), uma certa preguiça, só que logo vocês recuperam. Tipo um período de adaptação até vocês voltarem à mesma frequência. Mas total respeito ao bode da amiga que foi abandonada. Já passou por isso?

E quando, de repente, você olha em volta e está todo mundo namorando? Se você tiver mais de trinta, vai estar todo mundo namorando, noivando, casando, engravidando, e por aí vai. A pressão é um pouquinho maior. Um pouquinho pior. Ou não, só depende de você. Acho que depois dos trinta ninguém se abala mais. Não sofre tanto. Já passou muito por isso e sabe como funciona. Mas a situação não é a mais legal do mundo quando você está livre, leve e solta, cheia de programações, e t-o-d-a-s as suas amigas estão vivendo a agenda do boy.

O.k., tem sempre uma turma que sabe dosar. Eu, depois de ter largado mão

total da minha vida quando era mais nova, jurei que nunca mais faria isso — e nunca mais fiz. Então sou dessas: sempre que namoro, trago todas as minhas amigas comigo. Mas ainda assim você tem que tomar decisões por dois. Sua amiga vai casar em outro estado ou até outro país? Não é só fechar a mala e ir — precisa conversar com o boy, ver se ele consegue uns dias no trabalho, convencê-lo de gastar esse dinheiro (ele nem conhece essa sua amiga direito) e blá-blá-blá. Bem diferente do que pensar por um só, dependendo só de você mesma e das suas condições/vontades (por isso que volto à mágica dos momentos em que estamos solteiras: agarre isso, amiga! Essa liberdade pode nunca mais voltar!).

Então, no fim das contas, até as pessoas que se preocupam em viver a própria vida e cuidar dos amigos quando comprometidas (gente rara e abençoada!) nem sempre estão totalmente disponíveis para tudo. Assim, ela até pode ir com você ao casamento, mas o namorado vai junto. Vocês não vão dividir quarto e pedir um cheesebúrguer no fim da festa por motivos óbvios. A amiga agora tem com quem dividir a cama, não é mesmo? E isso não faz dela a “amiga que abandona” de que falamos no começo do texto. Resultado? A amiga abandonando real ou não, você vai sentir. Não tem como. E tudo bem. Faz parte.

a autora



A PESSOA TERMINA
O RELACIONAMENTO
E VOLTA COMPLETAMENTE
DESESPERADA EM
BUSCA DOS
AMIGOS PERDIDOS

a autora

Só sobrou você? Olha que oportunidade maravilhosa de conhecer gente nova, experimentar grupos diferentes. Um daqui, outro dali, amigo do amigo do amigo, e assim vai. Vai dar preguiça, talvez você se sinta meio excluída do mundo, com saudade do cheesebúrguer na madrugada com a amiga que sabe tanto de você. Mas, por outro lado, um tanto de gente legal pode aparecer. Ambientes diferentes, assuntos novos, músicas e festas completamente distintas.

E, aos poucos, você vai construindo uma turma sua, que pode ficar para sempre. Ou não. Talvez amanhã você arrume um par e corra para as amigas que namoram/noivaram/casaram para jantarem juntos. Ou talvez a amiga que noivou e te abandonou um dia se separe, e aí vai voltar a estar mais presente na sua vida — com a sorte de ter uma turma inteirinha nova para entrar, a que você construiu enquanto ela estava longe vivendo a vida do boy. E amanhã pode ser você.

São cenários que mudam o tempo todo. Amigos de infância que voltam, amigos novos que somem, intensidome amaades que vão e vêm obedecendo ao momento da vida de vocês. E, de novo, tudo bem! É frequência. Estar na mesma frequência da pessoa, na mesma página, com as mesmas vontades. Eu tenho certeza de que não vai faltar gente para comer o cheesebúrguer na madrugada com você: a amiga nova, a amiga antiga acompanhada do namorado (por que não?) ou, quem sabe, um boy novo que pode aparecer virando a esquina. Se acontecer de não ter nenhuma das alternativas anteriores, se jogue sozinha e pense que não terá que dividir a batata. Ô sorte!

a autora

28

a autora

SABE AQUELE FEELING%

— Ansiosa?

— Ah, estou, né? Quanto tempo estou esperando por isso?

— Uns seis meses?

— Mais, Lu. Muito mais. Encontrei ele no Baixo pela primeira vez no começo do ano passado.

— Nossa, tudo isso?

— Tudo isso.

— Nunca mais encontrou? Nunca mais viu o cara ao vivo?

— Não. Só Instagram, né? *Stories*. A sensação é de que estava ontem com ele. De tanto que vi os vídeos dessa viagem. Ele ficou quase um ano fora.

— Ai, amiga, você é meio maluca. — Lu ri. — Já se deu conta? Você viu o cara passar no Baixo Gávea um ano e pouco atrás, resolveu que era ele sem nem ter dado oi e se fechou por um ano. Até o cara, que na real você nem conhece, voltar de viagem para enfim casar com você. Se ligou na loucura?

— Também não é assim, né, Lu. Não peguei ninguém nesse tempo porque ninguém me interessou. Não por causa do cara. E quem falou em casamento aqui foi você. Eu só disse que tenho certeza absoluta de que a gente tem alguma coisa para viver. Não sei o que é. Mas sei que tem.

— Sabe? E como? Se ele nem sabe que você existe? Nem seguir de volta no Instagram ele seguiu.

— Não seguiu porque ele não segue ninguém. Segue tipo dez pessoas. Só posta as fotos lindas dele mesmo como portfólio. É um perfil de trabalho, né, Lu? Um jeito de ele mostrar as fotos que faz. Você viu a série que ele fez na ONU agora?

— Não vi, Dani. Não sigo ele, amiga. Não quero cortar seu barato, tá? Juro! Sei que você pensa nesse cara todos os dias da sua vida desde o dia em que o viu passar. E isso me preocupa, mas tudo bem. Só não quero que você se frustre. Ele acabou de voltar para o Brasil. Todos os amigos dele vão estar lá. Então sem expectativas, o.k.?

— O.k. Prometo. O Rafa vai vir buscar a gente.

— Ótimo. Vamos, então? Está pronta, noiva? Está se arrumando desde as duas da tarde. Vambora. Chega. — As duas riem e saem de casa.

Um ano e meio atrás a Dani viu o Thiaguinho numa roda de amigos no Baixo Gávea. Era despedida dele, e ela nem sabia. Ia passar um ano viajando pelo mundo e fotografando causas sociais. Ela não sabia nada dele. Puxou a ficha com o Rafa, que sabia quem era porque é da turma do irmão mais novo dele. Thiaguinho, surfista e fotógrafo. Perfeito. Tudo o que a Dani queria. E ali, naquele momento, ela decidiu que ele era o cara da sua vida. O sujeito que ela estava esperando havia tanto tempo. E que, logo depois, de t. Pteve que esperar ainda mais. Começou a seguir seu perfil de fotos (só fotos lindas dos projetos que ele visitava, nunca postava nada dele, o que fazia a Dani se interessar mais ainda) e foi construindo a relação dos dois inteira na cabeça. Por um ano e dois meses, mais ou menos.

— Amiga, imagina? Casar com um cara desses? Ia viajar o mundo com ele, conhecendo projetos, culturas, línguas. Imagina a profundidade desse cara? Sério, eu sei que, quando ele voltar, alguma coisa vai acontecer. Sinto, sabe? É feeling — ela repetia.

E ele voltou. Um ano depois. E a festa do irmão do Rafa (amigo do Thiaguinho) era a ocasião perfeita para o romance começar. Só faltava a oportunidade. Quando o dia chegou, as duas entraram no carro do Rafa e seguiram para o aniversário. Rafa apontou o Thiaguinho para ela.

— Olha lá, Dani. O cara tá aí, tu viu? O Thiaguinho voltou de viagem.

— Ah, jura? — Fez que não sabia. — Voltou? Nossa, ficou um tempão viajando, né?

Três horas e alguns drinques depois, eles começaram a conversar. Dani e Thiaguinho. O dia realmente tinha chegado.

— Nossa, que loucura. Você ficou esse tempo todo fora? Direto? Deve ter sido o máximo.

— Fiquei. Foi bem legal.

E mais alguns minutos depois eles se beijaram. Foram embora juntos. Dormiram juntos. Dani achou o cara meio diferente do Thiaguinho que tinha visto no Baixo. Deve ter sido o tempo. Fazia muito tempo. Mas era gato. Gente boa. O beijo foi legal, tudo foi bom. E Dani se despediu sábado de manhã para correr para o chá de panela de uma amiga. Estava atrasada.

— Cheguei, cheguei, cheguei! Desculpem o atraso!

Todas queriam ouvir sobre a noite passada. Afinal, fazia mais de um ano que escutavam a Dani falar do cara sem ao menos o conhecer. Agora ela tinha de fato alguma coisa para contar. Tinha virado REAL. Não havia mais devaneios. Ela contou, animada, com brilho nos olhos.

— Está vendo, Lu? Te falava do feeling e você não acreditava em mim! — se divertia Dani.

E os dois se viram domingo de novo. Depois quarta, sexta. E assim foi. Foi rolando. E Dani voltou ao Baixo Gávea. Tinha tempos que não ia, desde que viu Thiaguinho lá. Agora que ele tinha voltado, ela foi de novo. Seu irmão já estava lá, sem carro. Dani aproveitaria para deixá-lo em casa depois. Thiaguinho ia, as amigas também. Elas batiam ponto lá todas as quartas-feiras para ver os meninos passarem em dia de jogo. Baixo é point de chope em dia de futebol. Deu oi para o irmão e sentou na mesa das amigas.

— Espera aí, Mari. Um minuto.

— Que foi, Dani?

— Está vendo aquele cara ali? Encostado na banca de jornal?

— Sim! O que tem? É o Manuel!

— Manuel? Quem é Manuel? Peloamordedeus, quem é esse Manuel, Mari?

— Que foi, Dani? — Mari e Fê riem. — O que o Manuel te fez, amiga?

— Vocês não estão entendendo o que está acontecendo. Sério. O Manuel é o Thiaguinho.

— Oi? — as amigas disseram juntas.

— Esse cara aí, que vocês tão dizendo que é o Manuel, ELE é que é o meu Thiaguinho — Dani falava meio rápido, met" widt meio confusa. — Foi esse cara que eu vi aqui no Baixo e me deixou perdidamente apaixonada. Perguntei para o Rafa quem era, e ele disse que se chamava Thiaguinho. Fotógrafo. Surfista. Que viajava o mundo fotografando para a ONU. Eu me apaixonei, e agora a coisa está rolando. Mas o Thiaguinho com quem estou ficando não é esse aí. — A ficha da Dani caiu completamente. — Meu Deus, eu devia ter percebido. Bem que achei ele estranho. Achei gato, porque o Thiaguinho original, o real, é gato também. Mas o MEU Thiaguinho, que fez todos os sininhos tocarem, é esse aí. Não aquele.

— Nossa, amiga, que confuso. Só que esse aí se chama Manuel. Também é surfista, mas trabalha com cinema, é diretor.

— Oooooiiiiiii? Diretor de cinema? Não, Deus, você não faria isso comigo, né? — Dani diz, olhando e apontando para o céu. — Nada seria mais perfeito para mim que um diretor de cinema. N-A-D-A. E ninguém seria mais gato no mundo que esse cara, que, na minha cabeça, era o Thiaguinho. Isso é um jogo comigo, Senhor?

Bernardo, o irmão da Dani, assovia chamando para ir embora. Ela pede

mais uns minutos.

— E o gato do seu irmão, hein, Dani? Ainda está com aquela menina?

Dani nem ouve, continua falando:

— Gente, vocês estão entendendo o que aconteceu? Vocês estão entendendo que eu estou há um ano esperando o Thiaguinho voltar de uma viagem para África, e ele estava o tempo todo aqui? Do meu lado?

— Não, amiga, o THIAGUINHO estava viajando. Estava longe mesmo. Ele está do seu lado agora, no caso. Logo ali, dando oi para o Manuel.

— Oi? Como assim “oi para o Manuel”? — Dani olha apavorada. — Senhor, eles são amigos. — Olha para o céu de novo para falar com Deus. — Tá de sacanagem comigo, né? Ele é o Manuel que o Thiago tanto fala?

Dani cruza os olhos com Thiaguinho, que acena, chamando-a para ir até a mesa dele. Ela vai. Cumprimenta meio sem jeito, com a mão nas costas dele, sem se aproximar muito. Ele apresenta:

— Esse é o Manuel, meu primo, que eu falo tanto para você.

— Oi, Manuel! Você é famoso mesmo. Prazer. Bom, vou deixar vocês conversarem. Meu irmão está louco para ir embora. Falamos mais tarde?

E o mundo de Dani caiu. O Thiaguinho em que ela ficou vidrada durante um ano inteiro, que a fez passar o Carnaval quase sem ir a bloquinho nenhum, que fez com que ela lesse tudo sobre a ONU e comprasse uma câmera analógica, na verdade, não era o Thiaguinho. Na verdade, era sim o Thiaguinho. Mas o cara que ela tinha visto passar no Baixo Gávea era o Manuel. E o Rafa se confundiu quando ela apontou, achando que era o Thiaguinho. Estão acompanhando?

— Claro, né, Bernardo. Porque eu não sabia da história do MEU Thiaguinho. Do Manuel, no caso. Tem muito mais a ver comigo. Imagina? Já era para ter acontecido há muito mais tempo. Você tem noção que ele é diretor de cinema? Bê, sério, quantas vezes você já me ouviu dizer que meu sonho é fazer figurino de filme? Que não aguento mais publicidade?

— Tá falando sério, Dani? Vai entrar nessa de novo?

— Responde, Bernardo. Quantas vezes? Eu sou cinéfila. Você também é. Nossa família toda é. Faz muito mais sentido, Bê.

— Irmã,fy"nardo. Qua numa boa, você está namorando o primo do cara.

— NÃO ESTOU NAMORANDO, NÃO.

— Ué, o cara já foi em casa, já conheceu os coroas. Se isso não é namoro...

— ISSO NÃO É NAMORO. NUNCA MENCIONEI A PALAVRA “NAMORO”.

— Entendi. Então até ontem você queria casar, ter filhos e um labrador com o Thiaguinho. Agora desistiu? Acabou? Morreu Thiaguinho para você?

a autora

\ | /
você fica querendo
TANTO CONTROLAR
que deixa de olhar
= PARA O LADO =
/ | \

a autora

— Você não está entendendo, Bernardo. Nem sei por que estou me abrindo com você. Óbvio. Você não tem sensibilidade, não entende mesmo. É ogro. Deixa para lá.

— Ogro, Daniele? Sinceramente? Analisa bem sua situação.

O telefone da Dani toca. É o Thiaguinho. Ela não atende. Toca de novo, e de novo ela não atende. Ele manda uma mensagem de texto.

“Oi, linda. Tô saindo daqui. Já tá em casa? Vamos dormir juntos?”

Dormir? Juntos? Dani se desespera. Manda o irmão sair do carro e segue para a casa da Lu, que a recebe com uma taça de vinho. As duas sentam. Dani explica a situação. Lu conclui:

— Entendi. Então você se apaixonou pela mistura de duas pessoas. Juntou o melhor de um com o melhor do outro na sua cabeça e criou alguém para amar. Alguém que não existe, na verdade, né? A pessoa que você está alimentando dentro de você há tanto tempo não existe. Pensou por esse lado? Acho um caminho mais legal para a gente ir do que substituir o Thiaguinho pelo Manuel como o novo amor da sua vida.

— Mas, amiga, é o Manuel. Faz ainda mais sentido agora. Você também não está percebendo?

— Não, amiga. Não estou percebendo. Você não sabe nada desse Manuel...

— Claro que eu sei. Ele é diretor de cinema e...

Lu corta:

— Não, Dani, não sabe. Você não sabe se ele tem namorada, se ele gosta de mulher ou se é broxa. Não sabe quantos anos ele tem, de onde vem. Se é um cara legal, se tem bafo ou se beija bem. Você passou um ano da sua vida sem olhar para o lado, apaixonada por um cara que não existe. VOCÊ entendeu isso? Porque isso é muito sério. Você teve um feeling, né? E agora que está vivendo uma história legal pra caramba com o tal cara dos seus sonhos resolveu que não é mais ele. Para se enfiar em outra história platônica impossível que está criando na sua cabeça. Cai na real, amiga. Não existe. Nem Thiaguinho, nem Manuel. Porque você fica querendo tanto controlar, tanto escolher o perfil ideal, o padrão dos seus sonhos, que deixa de olhar para o lado. De viver o hoje. Perdeu noites e noites de Carnaval fuçando o Instagram de um cara que nem era o que você queria. Aliás, podia ter

trombado no tal do Thiaguinho certo, o Manuel, no caso, em uma ou outra festa por aí. Ou encontrado o Pedro, João, Augusto, Rodrigo, sei lá. Tanta gente legal por aí, amiga. Tanta gente interessante. E você fechada dentro da loucura da sua cabeça. Gostando de alguém que você decidiu que era a pessoa certa. Que pessoa certa, amiga? Sinto te decepcionar, mas a pessoa certa pode vir fora do seu padrão. Pode não ser fotógrafo da ONU nem diretor de cinema, mas vocês vão se cruzar e você nem vai ver, se continuar escolhendo viver suas mi viVocragens, amiga.

— Miragens, Lu?

— Miragens, Dani. Desculpa, amiga, mas são miragens.

— Você também não entende, amiga. Ninguém entende.

O telefone da Dani toca de novo. É o Thiaguinho. Ela não atende. E continua falando:

— É negócio que a gente sente mesmo. Você não deve saber, porque vive por aí ficando com um e com outro. Não está interessada em encontrar seu par. Não sabe o que é intuição, quando os sininhos tocam. É coisa de feeling mesmo. Um dia você vai saber. Vai sentir. Assim que o cara certo aparecer, você vai entender o que eu estou falando. Vou nessa.

Sai e bate a porta da casa da Lu. Lu toma o último gole da sua taça e fala sozinha, enquanto dá play na sua série favorita:

— Tomara que nunca, Daniele! Tomara que nunca!

a autora

29

a autora

SILÊNCIO ENSURDECEDOR

— Eu vou querer essa massa à carbonara, por favor. E uma taça de vinho tinto!

— Perfeito, senhorita. Está esperando mais alguém?

— Não, não. Sou só eu mesma.

Letícia sorri para o garçom com doçura. Ele sai. Ela olha pelo vidro do seu restaurante favorito na cidade. Está fazendo um dia lindo de sol. Domingo. A rua está cheia. Ela para o olhar em três crianças brincando de se esconder e acompanha a brincadeira deles com sorriso no rosto. O vinho chega e ela dá um gole. Hummm, seu vinho favorito. Sorri mais uma vez e volta a prestar atenção nas crianças brincando.

Transfere o olhar para um casal de velhinhos sentados logo ao lado, em uma praça. Os dois riem e conversam. E riem. Letícia suspira junto. Ri (mais) junto. E toma mais um gole de vinho. Um casal entra no restaurante e se acomoda na mesa da frente. Bonito casal, jovem. A menina é linda. Ele ela não conseguiu ver direito, mas o cara pareceu bem bonito também. Eles recebem o cardápio, escolhem pratos e bebidas e o garçom se afasta, deixando o casal sozinho na mesa. Em silêncio.

Letícia continua observando, curiosa. Mas o casal não fala nada. Não trocaram absolutamente nenhuma palavra desde o momento em que ficaram sozinhos. O garçom volta, serve as taças. Dessa vez, nem com o garçom eles falam. Com discrição, Letícia continuava observando, intrigada. Não por conta do silêncio — não, imagina, está para nascer alguém que saiba lidar melhor com o silêncio que Letícia. Mas ela costuma dizer que existem dois tipos de silêncio: o silêncio confortável e o que incomoda mais que gritaria furiosa.

— As pessoas não entendem por que eu fico tão bem sozinha, com o meu silêncio, seja dentro do meu quarto, seja numa mesa de restaurante em um domingo de sol. É porque não estão dentro da minha cabeça, não fazem ideia do tanto que passeio e converso comigo mesma nos meus pensamentos. Nunca estou vazia, estou sempre pulsando. Sempre sonhando. Atenta. Sempre preenchida, sabe? — ela vira e mexe tinha que dar essa explicação para as amigas, que jamais entenderiam a disposição dela para sair para

almoçar sozinha ou ficar um domingo inteiro trancada em casa.

Letícia sentia prazer no silêncio. Era a hora de se conectar consigo mesma, de se ouvir, de focar. Tem muita distração do lado de fora.

— Amo muito meus amigos, mas eles me distraem do que realmente importa — ela brincava.

Mas não era esse silêncio confortável que a incomodava naquele casal, porque não tinha nada de confortável ali. Aquele não era o silêncio de quem vive junto e tem tamanha conexão que não se incomoda nem um pouco com a falta de conversa. Ali, o silêncio era ensurdecedor. Gritaria. Pancadaria. Ali, era silêncio de gente que tem tanto para dizer e não diz. E guarda, deixa entalado, sufoca. E transborda. Silêncio de quem quase não consegue mais olhar no olho e ainda vive junto. Mas não se fala, não se toca, não se reconhece mais.

a autora

EXISTEM *·DOIS·* TIPOS
DE SILÊNCIO :
O SILÊNCIO CONFORTÁVEL
E O QUE INCOMODA
MAIS QUE
GRITARIA FURIOSA

Letícia continuava olhando com a compaixão de quem já esteve naquele papel um dia. De quem sabe muito bem pelo que eles estão passando. Ah, como dói, ela se lembra. Se arrepiava só de lembrar. Dor aguda, quase física. Quantas e quantas vezes ela teve que segurar as lágrimas na mesa ou evitar o assunto para não arriscar chorar. Ou talvez porque soubesse que não havia mais o que dizer, era tarde demais. Não tinha o que ajustar. Não adiantava tentar harmonizar os descompassos depois que o trem já tinha saído do trilho. Ah, que coisa dura e difícil que é. E voltou a olhar para as crianças. E para os velhinhos. Tomou mais um gole e inspirou profundamente. Concentrou-se nos velhinhos para trazer de volta o bem-estar de antes, a leveza, o sorriso no rosto.

— Aqui está sua massa, senhorita. Bom apetite!

O garçom se afasta mais uma vez, mas ela já tinha perdido a fome. Lembra da falta de apetite do fim do relacionamento. “A parte boa”, costumava brincar. Nunca tinha sido tão magra. Recordou o último jantar de Dia dos Namorados que tiveram juntos. Neste mesmo restaurante, na mesma mesa. Ela tinha pedido a mesma massa, e agora, seis meses depois (e depois de já ter repetido o prato algumas vezes desde que voltou a ser solteira), revivia aquele dia. Olhava para a massa com embrulho no estômago.

“Como pode a nossa cabeça ser tão maluca?”, ela se questionava em pensamento.

Como podia ter perdido o apetite se tinha saído de casa só para comer esse prato? E se lembrava de ver o garçom colocando o mesmo prato à sua frente, desejando um feliz Dia dos Namorados ao casal.

Eles se olhavam, mas ninguém falava nada. Ele queria saber se havia algo errado, e ela dizia que não. Depois, jogava a pergunta para ele, que também respondia fazendo “não” com a cabeça e levantando os ombros. Letícia se dá conta de que, ali, já sabia que não havia mais “os dois”. Que não eram mais um só. Sentia uma barreira de gelo imensa repartindo a mesa. Logo ela, que sempre teve assunto até com gente que não conhecia, não sabia mais o que dizer para o ex-namorado. Namorado, na época. Ex, agora. O que acontece que o assunto acaba? Que chavinha é essa que vira e de repente os dois se tornam desconhecidos? Que dormem juntos, porém desconhecidos. Ela nunca entenderia. Nunca entendeu.

“Acho que o Universo decide que já deu a hora e, de repente, não mais que de repente, vocês desconectam! Simples assim. Sem aviso prévio. Sem crise.

Sem DR. Chegou um dia em que a gente parou de transar, depois parou de dar um beijinho de oi quando chegava em casa, depois parou de esperar o outro para ir dormir e, por último, parou de conversar mesmo. Levou até mais tempo do que de fato precisaria. Podia ter sido mais simples, mais objetivo. Achoobjm e que a culpa é meio nossa. Meio minha”, ela analisava o turbilhão de pensamentos.

“Estava lá, eu só não queria ver. Estava lá desde o dia em que ele desmarcou nossa viagem com a desculpa do trabalho. Já estava tudo lá. Mas a gente fica na esperança, não quer abrir mão, vai empurrando com a barriga. Meu Deus, ficamos quase três meses sem transar. Óbvio que a relação já tinha acabado fazia muito tempo. Que casal fica três meses sem transar? Só que a gente não quer ver, quer esperar passar. Tem preguiça de precisar recomeçar a procura. Aí, vai banalizando a relação e empurrando com a barriga, com os ombros, pés. Culpa do pavor que dá pensar em voltar a ser um só. Explicar para o mundo que agora você voltou a ser só um. Que não, vocês não estão mais juntos. E está tudo bem. Você não é menos interessante e menos fracassada por isso.” Letícia interrompe os pensamentos de frente para a massa à carbonara e solta uma gargalhada. O casal em silêncio a encara, reclinando. Ela não está nem aí. Olha para fora da janela depois de dar a primeira garfada no seu prato.

“Meu Deus, será que eu estava com medo disto aqui? De viver um domingo maravilhoso de sol na minha companhia? Cheia de apetite para comer minha massa favorita, no meu restaurante favorito, com o meu vinho favorito? Eu tinha tanto medo sem nem saber, e é tudo tão simples. Redondo.” Letícia volta a olhar com compaixão para o casal da frente, que continua em silêncio. “Como é que eu pude preferir viver esse aprisionamento? Como é que, durante alguns meses, eu estava ali, daquele jeito, acordava e dormia daquele jeito? Como pude esquecer de mim, como essa menina linda está fazendo com ela? E ele, o namorado, noivo, marido, não sei, está fazendo com ele? Que vontade de puxar a cadeira e sentar com os dois. Rapidinho eu explicaria para eles como é simples a vida aqui fora e que, se fosse para eles ficarem juntos, lá na frente as coisas se ajeitariam. Ou não. Ou cada um seguiria seu caminho. E tudo bem! Está tudo certo. Queria dar um abraço em cada um, dizer que vai ficar bem no final. Para eles escutarem o coração e não deixarem passar um segundo das suas vidas em sufoco. A gente tem que respirar fundo, inspirar e expirar profundamente. Se faltar ar a gente morre.” E deu sua última garfada.

— A conta, por favor!

a autora

≡30≡

a autora

CUIDADO: FRÁGIL

Eu prometi para mim mesma que não te escreveria. Não te procuraria. Não faria contato. Que não gastaria nem uma palavra sequer com você. Prometi para mim. Por mim. Prometi para mim que não o faria por minha causa. Porque me escolhi. Eu me preferi. E agora estou aqui, sentada na nossa — agora minha — varanda, com a caneca cor-de-rosa que você me deu, cheia de café com leite de amêndoas — que você me ensinou a tomar —, escrevendo para você.

Mas também é por mim que o faço. Para mim. Talvez porque o “nós dois” já tenha ficado num passado tão distante que não me incomoda mais aproximar. Não incomoda mais remexer. Escancarar. Incomoda mais não, tenho medo mais não, então resolvi abrir as caixas do coração e neste e-mail deixar. Colocar para fora para não mais voltar. Tantas coisas que me faltaram, transbordaram até sufocar, e com muito trabalho consegui encaixotar. Encaixotei tudinho. Tim-tim por tim-tim.

Cada palavra atravessada, olhar cruzado, desencontro nosso. Cada tropeço. Todas as infinitas noites sem dormir. Logo eu, tãrioslvio boa de cama — deito e durmo —, fiquei tantas e tantas noites sem dormir. Ia escurecendo e o coração se enchia de medo. Medo de enfrentar o nosso silêncio no jantar. O silêncio depois do jantar. O silêncio na cama. Ah, o silêncio na cama era o pior de encarar. O frio e calor que fazia naquela cama onde dois corpos não podiam mais se encostar. Não conseguiam. Cada tentativa minha de te fazer falar, conversar, recuperar. Cada movimento que eu fazia sozinha. Remava sozinha. Olha aqui, meu amor! Lembra da nossa graça? Da nossa dança? Do nosso toque? Olha aqui, amor. Ei, amor, sou eu! Sua menina! Lembra?

E você já estava longe, já estava no mundo. E todas as nossas caixas de boas lembranças e bons momentos ficaram por lá. Não quis nem sequer fuçar, olhar — quem sabe tinha alguma coisa ali que dava para aproveitar? Mas não. Não quis nem se aproximar. Deixou tudo que era nosso no nosso — agora meu — apartamento para eu ter que lidar. Para eu enfrentar. Mas tem nada não, sabe? Sempre fui mais forte que você mesmo. Você é raso demais para ter coragem de aprofundar. Eu não, eu gosto de profundidade, lembra?

Mergulho sem medo, fundo. E, agora que está tudo organizado, encaixotado, eu te escrevo para agradecer os momentos vividos e essas tantas caixas acumuladas que me fizeram voltar a respirar.

Toma, pode levar. Faça o que quiser com elas, porque eu já as aproveitei. Guardei cuidadosamente cada coisa no seu lugar. Cada dor. Cada delícia. Cada lágrima e cada sorriso. Foram tantas lágrimas, né? Lembra quando meu avô morreu? Que eu chorava como criança no seu colo e você me dizia que tudo ia se acertar? Cada viagem minha — ou sua — a trabalho, quando a dor de partir era de matar. E os sorrisos? Infinitos ataques de cócegas no sofá. Eu me lembro como se fosse ontem de você me imobilizando com os joelhos para me atacar. Você me fazia morrer de tanto rir. Dos nossos karaokês em casa. Era só tomar dois drinques a mais na rua que voltávamos querendo cantar. Você lembra? Éramos só nós dois, cantando por horas e horas sem parar. Parávamos só para nos amar. Também me lembrei disso como se fosse ontem na hora de encaixotar. Do jeito que você desabotoava meu sutiã. As palavras doces e quentes que me faziam sentir a mulher mais desejada deste mundo. Está tudo lá. Juntei com o silêncio dos últimos meses na hora de deitar. Achei bom você abrir essas duas de uma vez. Pode ajudar. Agora é sua vez de encarar.

a autora

SEMPRE
FUI MAIS FORTE
que você mesmo.
»————— VOCÊ É —————«
RASO DEMAIS PARA
ter coragem de
APROFUNDAR

Prometo que vai ser bom. Pode demorar, porque tem muita coisa para enfrentar, mas vai ser bom. Deixei tudo organizado, etiquetado, bem dobrado, para facilitar. E abra com cuidado, que o conteúdo é frágil, não vá se apressar. Desembrulhe cada pedacinho no seu tempo, e do seu jeito resolva como quer guardar. As ligações e as cartas que você me mandou meses depois de sair de casa vão ficar. Não devolvi. Não encaixotei. Acho que dessas você não vai precisar. Não ache que te ignorei, não foi isso, juro que não. É que encaixotar toma tempo demais, energia demais, dói demais, aí não tive como parar.

Mas, olha, tem nada não, tem medo não, que tudo vai se ajeitar. Eu sei o que é essa dor, estive muito tempo por lá e te digo que vai passar. Olha só eu aqui, inteira, forte, pronta para recomeçar. Só não vou poder te encontrar. Me desculpe, mas isso não vai dar. Como eu disse, é meu tempo de recomeçar. Torço para você logo se recuperar, me tirar da sua cabeça e zerar, para poder de novo amar. Pena que sua curiosidade na gente tenha vindo tão tarde. Pena que, para mim, já era tarde demais... Quantas e quantas noites sozinha eu fiquei a te esperar.

Tem nada não, provavelmente foi do jeito que tinha que ser. Espero que seu processo seja profundo e mágico como o meu. Que você fique com os acertos e jogue fora os enganos para não mais errar. Não repetir. Temos uma vida inteira para acertar. Te desejo doçura na dor. Que você descubra como pode ser poderoso se deixar sentir. E te agradeço por ter me feito sentir tanto. Fica bem, que eu estou bem.

Julia

a autora

≡ Para Julia, com amor ≡

a autora

Tudo tem um fim. Tudo. A vida, a sorte, o castigo, o dinheiro, a saúde, o papel higiênico, aquela série que a gente ama, e até o amor. Essa minha constatação, aliás, foi um dos grandes motivos pelos quais a gente terminou, eu acho. Porque você acredita no amor. No sentimento infinito, no envelhecer junto de mãos dadas. E eu não. Não que eu não tenha te amado com todas as minhas forças — e não que eu não te ame até hoje. Eu te amo e você sabe.

Amava, amo e sinto falta. Mas não deu certo. Às vezes amar é também deixar ir. Entender que não dá mais, que nem sempre só o amor basta. E não basta. E a gente percebeu isso, a gente entendeu isso. Você pensava em constituir uma família, em ter filhos, cachorro, uma casa, um álbum de fotos do relacionamento feito à mão, uma história junto, e eu queria o mundo. Eu queria você e queria o mundo.

Eu queria você, mas queria ainda mais o meu querer. E aí não há amor que sustente esse cabo de guerra de mim comigo mesmo. E acabei sem os dois. Porque o mundo não me quis, e você seguiu em frente com a sua vida. Mas passou, você já me superou, como já ouvi e li você dizer por aí. Já está aberta para tentar de novo, para ir atrás dos seus sonhos e do seu amor infinito.

Mas esta carta não é uma tentativa de nada. De te fazer sentir falta de mim ou raiva de mim. De te fazer pensar em mim ou se esquecer de mim. Esta carta é só para registrar que pensei em você. Que li que você estava lançando um livro sobre amor. Ou a falta dele. Aí estou aqui para cutucar um pouco lá no fundo, para remexer um pouco esse baú de lembranças e te ajudar a se recordar das coisas boas que vivemos juntos também.

Que não vale só me esculachar e me chamar de egoísta e autocentrado. Porque eu sei que, quando você gosta, gosta muito. Mas quando deixa de gostar... É chumbo grosso. Então não vai escrever nada de que vá se arrepender depois, promete? Porque livro não é o blog, que depois você vai lá e conserta. Livro fica gravado. Registrado. É para sempre.

Então seja doce, tá? Pode me bater um pouco, porque eu sei que mereço. Pode contar meus podres, porque eu sei que são muitos e que vão me ajudar a não querer repetir esses erros também. Com mais ninguém. E sei que também vai ajudar muita gente a se livrar de uns caras que não sabem o que querem,

como você já se livrou. Mas, antes de tudo, eu espero, de coração, que este livro mostre para todo mundo a namorada maravilhosa que você foi, que você é e que sempre vai ser.

Que você deixe transparecer a pessoa incrível que muda a vida de quem está perto, que faz dar certo, que faz a gente querer ser uma pessoa melhor, que torce e apoia todas as nossas escolhas, mesmo quando não concorda com elas. Que seus textos inspirem tanta gente quanto me inspiraram, quanto me inspiram quando os leio e que vão me inspirar para sempre. Porque você é, de fato, uma mulher inspiradora.

Te amjusqu岸too, mas não deu certo. Melhor, deu certo mesmo quando não deu. E nem por isso a gente deixa de amar. Fique bem, porque eu estou bem e te quero bem.

Beijos

a autora

≡ Agradecimentos ≡

a autora

A cada um que abriu este livro, que me deixou entrar, que me deu um pedaço do seu tempo e veio comigo por essas páginas, todo o meu amor!

Obrigada, muito obrigada pela companhia.

a autora



a autora



LUIZA FERRAZ

JULIA FARIA nasceu na cidade do Rio de Janeiro. É atriz e se comunica direta e diariamente com seus milhares de seguidores por suas redes sociais. Este é seu primeiro livro. Atualmente mora em São Paulo.

a autora

Copyright © 2017 by Julia Faria

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA, ILUSTRAÇÕES E PROJETO GRÁFICO **Rodrigo Colen**
PREPARAÇÃO **Carina Muniz**
REVISÃO **Renata Lopes Del Nero e Thaís Totino Richter**
ISBN **978-85-438-1061-4**

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br
facebook.com/editoraparela
instagram.com/editoraparela
twitter.com/editoraparela

a autora



a autora

Não conte a ninguém

Done, Becky

9788543810928

400 páginas

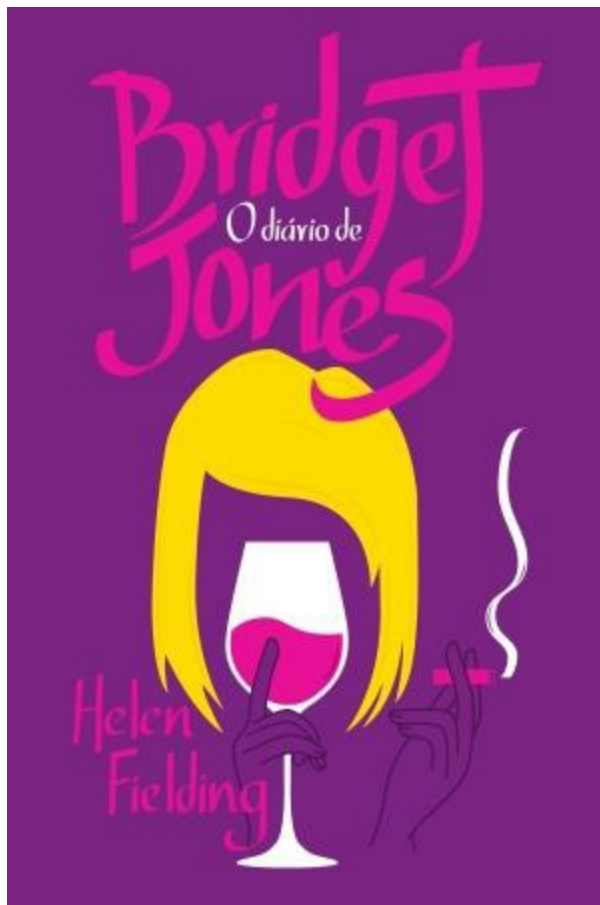
[Compre agora e leia](#)

Dois amantes. Um segredo. Todas as regras serão quebradas.

Jessica Hart nunca se esqueceu de Matthew Landley, o primeiro e único grande amor de sua vida. Juntos, eles se entregaram a um romance proibido, capaz de curar as mais profundas feridas e, ao mesmo tempo, arruinar suas vidas por completo.
Dezessete anos depois, Matthew e Jessica se reencontram por acaso. Ele tem um novo nome, uma nova identidade e uma família que nada sabe sobre o seu passado sombrio. Ela, uma carreira de sucesso, um namorado lindo e uma vida aparentemente equilibrada. Apesar de completamente mudados, os dois não conseguirão mais ignorar os laços e o segredo que ainda os unem.
Prepare-se para questionar as suas próprias regras com esta história inquietante, provocativa e absolutamente viciante.

[Compre agora e leia](#)

a autora



a autora

O diário de Bridget Jones

Fielding, Helen
9788543806792
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bridget Jones já é uma personagem querida por milhões de leitores. Seja pelas desventuras amorosas ou pelos problemas com os pais, é muito fácil se identificar (e se encantar) com a personagem criada por Helen Fielding. Nesta nova edição comemorativa dos vinte anos de lançamento do primeiro livro, os fãs antigos terão a chance de reencontrá-la e os novos leitores descobrirão uma paixão por este clássico!
Bridget continua atual e afiada como nunca: uma personagem tão perfeitamente imperfeita para ajudar todos aqueles que já se sentiram incapazes de tomar as rédeas da própria vida.

[Compre agora e leia](#)

a autora



a autora

O livro dos ressignificados

AKA Poeta

9788543810324

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

Releituras poéticas em que experiências pessoais com substantivos, adjetivos e verbos pesam mais do que a objetividade dos dicionários.
Antes aprisionadas na formalidade dos dicionários, palavras como “girassol”, “Deus”, “sonho”, “tatuagem”, “cafuné” e muitas outras são libertadas por João Doederlein — que assina com o pseudônimo AKA Poeta — neste seu primeiro livro. Elas são repensadas a partir das experiências pessoais do autor, de vinte anos, e de sua geração, mesclando romantismo bem resolvido, paixão, isolamento e um dia a dia que respira tecnologia e cultura pop. Combinando textos que se tornaram sucesso nas redes sociais com material inédito, o autor acha novos significados para os signos do zodíaco, para clichês indispensáveis como “paixão” e “saudades” e para as atualíssimas “match” e “crush”. Uma história de amor correspondido entre um jovem e sua musa — a escrita.

[Compre agora e leia](#)

a autora



a autora

Trabalhando juntos

Gray, John
9788580868692
272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Muitas vezes, as mulheres sentem que precisam trabalhar mais do que os homens para provar seu valor. Já os homens acham que as mulheres perguntam muito, são sensíveis demais e atrapalham as decisões. Em *Trabalhando juntos*, John Gray (autor de *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*) e Barbara Annis analisam de forma clara e objetiva os pontos cegos entre homens e mulheres no ambiente de trabalho. Você poderá dar uma espiada na mente do sexo oposto e descobrir a raiz de tantos equívocos e mal-entendidos, aprendendo a eliminar os ruídos e a transmitir sua mensagem com eficiência máxima.

[Compre agora e leia](#)

a autora

NINA BROCHMANN E
ELLEN STØKKEN DAHL

VIVA A VAGINA

TUDO QUE VOCÊ
SEMPRE QUIS
SABER.



a autora

Viva a vagina

Brochmann, Nina

9788543811000

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Diga adeus aos mitos e equívocos que rodeiam a anatomia feminina: este é um livro empoderador que vai inspirar mulheres a fazerem escolhas informadas sobre sua saúde sexual.

Você pensou que conhecia seu corpo? Pense de novo!
Viva a vagina explica tudo o que você sempre quis saber sobre a vagina, mas não ousou perguntar. Aprenda a verdade sobre orgasmos femininos, a dança dos hormônios menstruais e o que exatamente é a vulva. Neste livro, Nina Brochmann e Ellen Dahl também oferecem explicaçõesamp;otil detalhadas para finalmente entender como os diferentes tipos de contraceptivos funcionam no corpo, como é uma vulva “normal” e se o uso de meias pode mudar sua vida sexual.
As estudantes de medicina e educadoras sexuais Nina Brochmann e Ellen Støkken Dahl utilizam os conhecimentos médicos para oferecer informações confiáveis e desmistificar o órgão sexual feminino. Com uma abordagem direta e bem humorada, é uma leitura obrigatória para mulheres (e homens!) de todas as idades.

[Compre agora e leia](#)

a autora

Table of Contents

[Olha de rosto](#)

[Amário](#)

[É aos poucos](#)

[Não é sonho, é realidade](#)

[A arte do \(primeiro\) encontro](#)

[Timing is a bitch](#)

[Se conselho fosse bom...](#)

[Cinco meses depois](#)

[Não sabe brincar, não desce para o play](#)

[Ano sabático](#)

[Amizade colorida](#)

[. O poder de um like](#)

[. Desconectar dele para se \(re\)conectar com você](#)

[. Dedo podre](#)

[. Um domingo qualquer](#)

[. Chá de sumiço](#)

[. Manual das amigas solteiras](#)

[. Um é pouco, dois é melhor?](#)

[. Bobeirite aguda](#)

[. A arte decarnavalizar solteira](#)

[. Encontros e desencontros](#)

[. Me pedi em namoro](#)

[. Uma noite, dois finais](#)

[. Como seria um mundo sem homens?](#)

[. Existe vida depois do pé na bunda?](#)

[. Tampa da panela](#)

[. Aplicativo do amor](#)

[. Boy dos anos 90](#)

[. Ih, sobre!](#)

[. Sabe aquele feeling?](#)

[. Silêncio ensurdecador](#)

[. Cuidado: frágil](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[éditos](#)

a autora